

Paulo Vitor Daniel

**O FUTEBOL NA CRÔNICA DE JOSUÉ GUIMARÃES:  
A SOCIEDADE EM CAMPO**

Passo Fundo, junho de 2014

Paulo Vitor Daniel

**O FUTEBOL NA CRÔNICA DE JOSUÉ GUIMARÃES:  
A SOCIEDADE EM CAMPO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo – UPF, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, sob orientação do Prof. Dr. Miguel Rettenmaier.

Passo Fundo

2014

Dedico este trabalho aos meus pais, Irene Jurach Daniel e João Daniel, por serem ao longo de toda minha vida a base forte que me deu fé e confiança para que nunca desistisse de meus sonhos; dois guerreiros, cada um com seu jeito particular de encarar a vida, mas que juntos souberam constituir uma linda família com base no amor. A mesma casa de sempre, o mesmo lar de sempre, na pequena cidade de Doutor Mauricio Cardoso, em que, ao lado de minhas irmãs Nara Angélica Daniel Lang e Isaura Daniel Pereira, fui criado na simplicidade do interior, sem luxo, mas sem nada faltar.

Agradeço ao bom Deus, que sempre iluminou meu caminho e me deu força para superar todas as dificuldades desta caminhada. Foram muitos sonhos, muitos momentos em que a vontade era desistir, mas que, com ele em meu coração, foram superados com muita fé. Agradeço por ter colocado tantas pessoas maravilhosas em meu caminho, por ter me concedido uma família linda, amigos incríveis, um filho amado e cheio de saúde, e vivências que oportunizaram-me um amadurecimento constante. Ao meu orientador, Prof. Dr. Miguel Rettenmaier, pelos valiosos ensinamentos ao longo desses dois anos, pelas trocas de ideias, pela dedicação que depreende para manter viva a memória de Josué Guimarães, mas principalmente pela paciência, compreensão e apoio diante das condições adversas que por vezes me impediram de realizar todas as tarefas com a dedicação que estas exigiriam. Agradeço à família de Josué Guimarães, em especial a sua filha, Adriana Guimarães, que permite que toda a história literária deixada por seu pai possa ser estudada, e à memória de Nydia Guimarães, viúva do escritor, responsável por coletar boa parte do material disponível no ALJOG/UPF. Enfim, fico grato pelo importante papel de todas as pessoas que acompanharam esses anos de mestrado, que me apoiaram e incentivaram nos momentos difíceis, compreendendo minhas dificuldades e sabendo ouvir nos momentos em que eu só queria desabafar.

Ganhei de presente uma bola de futebol. É uma joia. Contemplo-a como se estivesse olhando uma mulher bonita. A bola é a criatura mais bem-feita de corpo que conheço. É bem de família. A esfera é a forma mais perfeita do universo. Sempre achei que Deus é esférico. [...] A bola tem qualquer coisa de sublime. De graça caída do céu. Deve ser filha do sol com a lua cheia. (Armando Nogueira)

## RESUMO

O futebol é coisa séria e se consolida dentro e fora das quatro linhas! Presente na vida do brasileiro, seja como entretenimento ou como ferramenta alienadora, o esporte bretão está diretamente ligado a toda sociedade e ao sentimento de nacionalismo da população. Partindo desse pressuposto, iniciamos o caminho de selecionar 10 crônicas do escritor gaúcho Josué Guimarães, publicadas em jornais do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul nas décadas de 1950 e 1970, a fim de avaliar de que forma ele utilizou o futebol como base para comparações, reflexões e críticas sociais em sua época. Ao longo do percurso, apresentamos o futebol e suas diferentes visões, passamos pelo fazer jornalístico e as peculiaridades do trabalho do jornalista esportivo, refletimos sobre o que é ou não literário, entramos no universo dos gêneros textuais e esmiuçamos a crônica, gênero escolhido pelo escritor gaúcho para unir literatura e jornalismo a fim de expor seus pensamentos, ideias e posições quanto à realidade que foi contemporânea. Situamos devidamente os acontecimentos políticos e sociais que marcava as épocas de produções das crônicas jornalísticas para, então, mergulharmos no universo do futebol, da política e da sociedade, identificando e analisando de que forma Josué Guimarães aproximou e uniu estes assuntos em suas produções. O resultado é uma verdadeira goleada de ironias, duplos sentidos e articulações textuais que só são possíveis a quem domina a arte de alocar em um só local a realidade e a ficção, o gol e o voto, o centroavante e o presidente.

**Palavras-chave:** Crônica. Futebol. Literatura. Jornalismo. Josué Guimarães.

## ABSTRACT

Soccer is a serious thing and is constituted in and out of the pitch! Present in Brazilian life, either as entertainment or as an alienating tool, the British sport is directly connected to the whole society and the population's sense of nationalism. Based on this assumption, we started the process of selecting 10 columns by Josué Guimarães, a Brazilian writer from the State of Rio Grande do Sul, published in newspapers of Rio de Janeiro and Rio Grande do Sul in the 1950s and 1970s in order to assess how he used soccer as a basis for comparisons, reflections and social criticism in his time. Along the way, we present football and its different visions, address journalistic practices and the peculiarities of the sportswriter's work, reflect on what is or is not literary, enter the universe of genres and scrutinize the chronicle, genre chosen by this southern Brazilian writer for uniting literature and journalism in order to expose his thoughts, ideas and positions on his contemporary reality. We contextualize the political and social events that marked the times of production of journalistic chronicles to then dive into the world of soccer, politics and society, identifying and analyzing how Josué Guimarães approximated and joined these issues in his productions. With the ball rolling, we achieved the goal of identifying ironies, double meanings and textual articulations that are only possible to those who have mastered the art of allocating in the same place reality and fiction, goal and vote, midfielder and president.

**Keywords:** Chronicle. Soccer. Literature. Journalism. Josué Guimarães.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO: JOSUÉ EM CAMPO</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>O PAÍS DO FUTEBOL: A BOLA NO GRAMADO E NA REDAÇÃO</b>	<b>15</b>
2.1	ESPORTE DAS MULTIDÕES E FENÔMENO CULTURAL: PAIXÃO TRAJETÓRIA E VISÕES	15
2.1.1	<b>Visão Romântica</b>	<b>20</b>
2.1.2	<b>Visão Crítica ou Frankfurtiana</b>	<b>23</b>
2.1.3	<b>Visão Antropológica</b>	<b>26</b>
2.2	JORNALISMO E A BOLA	28
2.2.1	<b>O Jornalismo na Área: notícia, noticiabilidade, objetividade e ética</b>	<b>29</b>
2.2.2	<b>Jornalismo Esportivo</b>	<b>40</b>
<b>3</b>	<b>CRÔNICA, UM GÊNERO DIFÍCIL DE MARCAR</b>	<b>44</b>
3.1	A LITERATURA EM JOGO	44
3.2	GÊNEROS E ENUNCIADOS, QUESTÕES TÁTICAS	46
3.3	O GÊNERO CRÔNICA, MARCAÇÃO INDIVIDUAL	53
3.3.1	<b>Crônica, como o Futebol, Tipicamente Brasileira</b>	<b>53</b>
<b>4</b>	<b>COM A BOLA, JOSUÉ</b>	<b>63</b>
4.1	CRÔNICA, EM CIMA DO LANCE	67
4.2	O PERÍODO DO POPULISMO	69
4.2.1	<b>Josué na Defensiva</b>	<b>73</b>
4.3	O REGIME MILITAR E A REABERTURA DEMOCRÁTICA	81
4.3.1	<b>Josué ao Ataque</b>	<b>84</b>
4.4	FIM DE JOGO	101
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>106</b>
	<b>ANEXO A - CRÔNICAS SELECIONADAS PARA A ANÁLISE</b>	<b>110</b>

## 1 INTRODUÇÃO: JOSUÉ EM CAMPO

A bola rola muito antes do apito do árbitro para o início da partida, pois o futebol não se restringe às quatro linhas que demarcam o campo de jogo. Como um fenômeno cultural, consolida-se na cabeça e no coração de todo torcedor apaixonado pelo esporte. Em ambientes universitários, em rodas de amigos, no jantar em família ou na tradicional mesa de bar, o esporte das multidões está sempre na boca do povo, provocando conversas leves e discussões acaloradas, risos de felicidades ou lágrimas de tristeza, colocando frente a frente grandes amigos ou meros desconhecidos, unidos em uma só voz que carrega o enigmático nome de futebol. O esporte bretão, no entanto, não representa à sociedade apenas uma ferramenta de lazer e entretenimento, mas é utilizado como base para análises, comparações e reflexões sobre vários assuntos que fazem parte da sociedade, como política, desigualdades, sentimentos patrióticos e aspectos culturais, criando ligações em que um assunto se torna inerente a outro de forma imperceptível para quem participa do ato da comunicação. Em ambientes de debate futebolístico e de questões sociais, há sempre os que, pelo seu conhecimento e capacidade argumentativa, são respeitados e exercem influência sobre os demais. Entretanto, abandonar as conversas informais e enfrentar o desafio de colocar as ideias e ideologias no papel para serem publicadas em conceituados jornais e sofrerem a crítica de toda uma sociedade é para poucos.

Uma das figuras que chegou a este patamar foi Josué Guimarães, jornalista e escritor gaúcho que, antes de consagrar-se através de seus contos e, sobretudo, seus romances, foi cronista de jornais tradicionais como *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Zero Hora* e *Correio do Povo*, publicando, em grande maioria, textos de cunho político e social. A perspectiva crítica de Josué Guimarães, que observava e analisava a realidade dos acontecimentos, em determinadas ocasiões mesclou os assuntos de forma inteligente e até mesmo irônica ao inserir o futebol como tema e motivo de reflexão. São justamente essas crônicas, ou parte delas, o corpus deste estudo, que busca compreender a forma com que o escritor utiliza o esporte bretão para se posicionar e construir suas críticas diante das questões sociais e políticas nos períodos do populismo e da reabertura democrática.

Muitas das publicações de Josué Guimarães se perderam ou são de difícil acesso, sendo encontradas apenas nos arquivos dos jornais em que foram veiculadas. Outras, entretanto, estão armazenadas no ALJOG/UPF, Acervo Literários de Josué Guimarães, sob os cuidados da UPF, Universidade de Passo Fundo, como parte da infraestrutura do Programa de

Pós-Graduação em Letras. As crônicas lá conservadas e catalogadas correspondem ao que foi publicado entre os anos de 1954 e 1982 e foram escritas tanto com a assinatura de Josué Guimarães como sob pseudônimos, tais como Dom Xicote; D. Camilo, Phileas Fogg e Peppone. Tais crônicas foram retiradas dos jornais possivelmente pelo próprio autor ou por pessoas de sua família, de modo a, por um lado, facilitar o trabalho de pesquisa ao constituir-se como material de análise, embora, por outro, ao serem retiradas sem cuidados técnicos, não permitam saber a que jornal pertence a publicação.

Trabalhar com as crônicas de Josué Guimarães é voltar no tempo sem jamais perder a atualidade. Vários dos textos de sua autoria poderiam ser publicados hoje em qualquer periódico sem que ficassem desatualizados, pois o escritor não se prendeu a narrar fatos, mas realidades que não ficaram restritas ao momento e ao local em que foram produzidas, mas se eternizaram através das reflexões presentes em suas crônicas. Verificar e analisar a forma como Josué Guimarães fazia as ligações do esporte com as questões políticas e sociais da época é um desafio que exige conhecimento profundo dos temas sobre os quais o jornalista escrevia, pois, com seu olhar crítico, refletia com sagacidade sobre questões relativas à política e a sociedade de seu tempo. No presente trabalho, foram selecionados 10 textos de Josué Guimarães com algum enfoque esportivo, de um total de 43 encontrados no Acervo Literário Josué Guimarães, sob responsabilidade da Universidade de Passo Fundo. Os critérios de escolhas adotados levaram em consideração o enfoque no futebol e sua aproximação com outros aspectos da sociedade e política contemporânea. A análise do material possibilita uma discussão do papel jornalístico enquanto formador de opinião e o uso da crônica, enquanto gênero literário e gênero textual, como produto político e ideologicamente estabelecido, assim como permite uma contextualização da situação social, política e esportiva vivenciada no momento da produção de cada crônica por Josué Guimarães.

A partir disso, uma gama de fatores será levada em conta no momento de fazer a investigação da relação entre a crônica jornalística esportiva e as questões relativas à sociedade na escrita de Josué Guimarães. No primeiro capítulo, o trabalho focaliza o futebol, trazendo suas raízes e possibilitando uma busca pela aproximação da paixão e da emoção que vive dentro do peito de cada brasileiro. Se nasceu na Ásia, na África ou na Europa, ou se foi na união de esportes praticados em cada um destes continentes, talvez nunca teremos uma resposta exata. Mas o sentimento que o esporte bretão desempenhou ao longo da história é inegável. O mulato que nasce chutando uma bola improvisada com meias, de pés descalços, em um campo de chão batido, carrega o mesmo sonho e o mesmo espírito do menino de

classe alta que, devidamente fardado e com uma bola importada, joga em um gramado oficial. Duas realidades opostas, mas unidas por um amor incondicional por tudo que envolve o mundo da bola. Para eles, a Seleção Brasileira é a mesma, assim como a emoção do grito de gol, seja ele ouvido e comemorado no confortável sofá da sala do apartamento luxuoso de um bairro nobre fluminense ou em frente à televisão chuviscada de algum barzinho interiorano tocantinense. Josué Guimarães, em suas crônicas, vislumbrou o futebol como assunto pelo qual também associou reflexões sobre a sociedade.

Observando as questões sociais, culturais e econômicas, decorrentes também pelos aspectos políticos predominantes nas décadas de 1950 a 1980, que contribuía para a impossibilidade de um Brasil mais justo, Josué Guimarães utilizou a crônica para oferecer aos leitores suas reflexões. Mas, antes da crônica, havia o jornalismo e sua trajetória que viajava ora como ferramenta do Estado para favorecer seus interesses, ora como voz do povo para lutar por seus direitos e ora como um verdadeiro meio de campo, fazendo a ligação entre as extremidades que sempre marcaram a sociedade. Seja o jornalismo feito pelo rádio, pelo jornal e mais recentemente pela televisão, algumas características não podem ser deixadas de lado no momento de se analisar como a bola rola no campo da mídia. Para entender o papel do jornalismo e do jornalista na sociedade é fundamental sair de dentro das quatro paredes e literalmente desconstruir sua trajetória para, posteriormente, reconstruí-la dentro das quatro linhas, com uma inevitável aproximação com o universo da bola.

A história do jornalismo esportivo e o perfil do jornalista que escolhe este campo de atuação, além dos desafios enfrentados por ele, como respeitar a ética e a imparcialidade, representam a continuidade do primeiro capítulo, através de uma fundamentação teórica que traz nomes como Paulo Vinícius Coelho (2003), Eugênio Bucci (2000), Mauro Wolf (1985) e Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2006), escritores que apresentam teorias envolvidas no exercício da profissão jornalística e debatem o futebol como um esporte de massa. Formador de identidades e modelador de comportamentos, o futebol tem na figura do jornalista esportivo o elo entre o campo e o público, se tornando indispensável identificar o papel deste profissional na sociedade, suas influências e os efeitos que a carga de emoção a que está exposto causam em seu trabalho. Quanto mais o povo se apaixonava, mais espaço o futebol conquistava na mídia, e quanto mais espaço conquistava, mais apaixonante ainda se tornava. O que é indiscutível é o papel do futebol na sociedade brasileira. Ele tem o poder de parar o país e colocar em segundo plano outras matérias até então consideradas importantes para qualquer sociedade.

Na tentativa de conquistar os leitores, aparece com força a figura do jornalismo opinativo, na forma de crônicas e colunas, assunto que abordamos no segundo capítulo deste trabalho. A arte de representar o que aconteceu dentro das quatro linhas que demarcam o gramado e, ao mesmo tempo, colocar nesta produção os assuntos de política e sociedade que acontecem no imenso campo de jogo chamado Brasil ultrapassa os limites da grande área, pois tentar delimitar ou definir o que é crônica é correr o risco de não dar o devido a total atenção cabida ou, então, de deixá-la flutuar pelo campo de ataque com total liberdade, sem nenhuma marcação, causando um afastamento amplo demais quanto a qualquer padrão a ser seguido. Os primórdios da crônica remetem ao tempo em que sua produção tinha como destino certo as páginas dos periódicos, caracterizando-se por ser um material pertinente e válido para o dia de sua publicação, com valor menor a cada dia seguinte. Embora algum elemento de breve perenidade possa aproximar crônica e notícia, há inegáveis diferenças entre o trabalho de um repórter e o de um cronista, pois o primeiro necessita de informações verídicas que devem ser apresentadas fidedignamente ao leitor, enquanto o cronista tem a liberdade de se alimentar de acontecimentos nem sempre verificados e colocar o imaginário e a opinião nos textos de sua autoria.

A crônica apresenta-se em um espaço situado entre a literatura e o jornalismo, e com liberdade para transpassar entre um e outro em todos os momentos. Em alguns casos é um texto curto, narrado em primeira pessoa, consolidando um diálogo com seu leitor e através de uma visão particular e única de mundo, de maneira solta, dando a impressão de que pretende apenas ficar na superfície de seus próprios comentários. Ao mesmo tempo em que definimos o que é crônica, também encaramos o desafio de chegar a uma concepção básica sobre o que é literatura. Carlos Reis (2003) vê o discurso literário como texto institucionalmente determinado, o que sugere a discussão sobre existência de um “campo literário” delimitado por fronteiras difíceis de serem estabelecidas, pois envolvem aspectos e elementos de outras áreas do conhecimento. Ligada ao jornalismo, ao futebol e ao amor, a crônica abre espaço para a reflexão. Política e sociedade são assuntos sérios, futebol também, mas, se dentro de campo a ginga do atleta desperta o riso, no texto há espaço para outros tipos de dribles, como através da sátira, da paródia literária, da repetição das palavras, das falas ou situações, do duplo sentido, do jogo de palavras ou mesmo da mentira.

Também no segundo capítulo, o desafio lançado foi encontrar um conceito definitivo em Mikhail Bakhtin, pois para o autor tudo está em movimento através do desenrolar das relações humanas e não existe um espaço concreto para construções formais. Em sua obra *Estética da Criação Verbal* (2003), uma das bases para a construção desta dissertação, há um

longo percurso de compreensão de diversos fatores que relacionam autor, personagem e enredo, mas, principalmente, a questão dos gêneros do discurso, da língua e do enunciado. No autor encontra-se o posicionamento de que não é possível olhar o texto apenas como um artefato, como uma coisa em si, mas pensá-lo fundamentalmente como obra ou como objeto estético, levando-se em conta o complexo de relações de que o texto participa, como as condições da vida dos textos, suas inter-relações, interdependências e os gêneros de que faz parte.

No terceiro e último capítulo chegamos ao momento em que Josué Guimarães calça as chuteiras e entra em campo para fazer suas aproximações do futebol com a política e a sociedade de sua época. É agora, quando o árbitro apita o início do segundo tempo que, mirando o jornalista e escritor gaúcho dentro das quatro linhas, analisamos seu papel enquanto cronista, apresentando sua trajetória e suas produções, sempre comparadas com a realidade do momento em que foram escritas, verificando o senso crítico, suas ligações entre o esporte bretão e a sociedade, e a forma como o autor se utiliza do futebol para elogiar, comparar ou criticar líderes políticos e/ou situações sociais de sua época, oferecendo ao leitor uma alternativa e sempre bem-humorada visão sobre o mundo que os cerca.

Por ser um inédito, não havendo nenhum registro de alguma produção acadêmica que tenha abordado o vínculo esportivo das crônicas de Josué Guimarães, este trabalho servirá como base para estudos futuros, levando aos interessados pela temática os textos com ligação esportiva escritos pelo autor, hoje disponíveis apenas no ALJOG, com acesso para poucas pessoas e sem uma catalogação específica de sua natureza. É hora de vestir o uniforme, calçar as chuteiras e entrar em campo para esta partida que terá de um lado Josué Guimarães, a crônica, a política e a sociedade, e de outro o futebol e sua influência social.

## 2 O PAÍS DO FUTEBOL: A BOLA NO GRAMADO E NA REDAÇÃO

Segundo Roberto Ramos, o futebol preenche espaços na vida dos brasileiros. E esses espaços não são poucos. Basta um gramado, um espaço de terra batida, uma quadra de cimento ou mesmo uma parede. Havendo uma bola, certamente lá estará algum brasileiro brincando com a “gorduchinha” e representando uma nação inteira apaixonada pelo esporte.

Neste capítulo apresentamos o processo de evolução e afirmação do futebol como esporte do povo, até chegarmos ao seu gigantesco apelo popular nos dias atuais. Passamos também pela paixão que o mesmo desperta na população e sua afirmação como fenômeno cultural presente em todo território brasileiro.

Além disso, destacamos as diferentes visões deste esporte, encarado como negócio pelos críticos - como uma forma de alienação da população -, como paixão pelos românticos – explicado através do amor dos nativos pelo esporte -, ou como uma mistura das duas teorias pelo olhar dos antropólogos.

A entrada do futebol nas redações dos jornais, inicialmente pela porta dos fundos, mas depois afirmado como área de total interesse das multidões, é parte deste capítulo, em que retratamos não apenas a necessidade do conhecimento para usar as palavras, mas também a vital importância de saber lidar com a paixão clubística no momento de colocar no papel as informações que serão apreciadas pelos leitores.

### 2.1 ESPORTE DAS MULTIDÕES E FENÔMENO CULTURAL: PAIXÃO TRAJETÓRIA E VISÕES

Encontrar uma definição para o futebol é tema complicado; seria um espetáculo, uma celebração, um ritual ou simplesmente uma competição para colocar mais vezes a bola para dentro da baliza adversária? Na verdade é tudo isso, e não apenas isso. O futebol vai muito além. Ainda que o conjunto de regras, os palcos de atuação e os objetivos sejam os mesmos para todos, cada sociedade e cada indivíduo que faz parte dela tem seu modo próprio de jogar, vibrar, sofrer e torcer, fruto de sua história e de sua cultura.

O futebol foi trazido para o Brasil por um aristocrata inglês e se tornou o preferido da elite branca, mas logo sucumbiu também aos olhos mestiços das classes populares, em um encontro que associou o gingado de suas danças e o movimento do corpo de suas lutas, que adaptaram-se perfeitamente aos movimentos de pés, pernas e cintura, necessários para a

prática do esporte. Vinte anos depois de desembarcar no Brasil, a ginga virou drible, o jogo virou arte e assim foi inaugurado o jeito brasileiro de jogar, que permanece até hoje, agora espalhado pelos gramados de todo o mundo nos pés dos craques exportados por nós.

Em todos os pontos da Terra, há a todo momento times disputando um campeonato futebolístico, seja nacional, regional ou mesmo colegial. Qualquer que seja a dimensão e o significado do torneio, sempre desperta muito interesse e atrai muito público. Se uma pessoa com tempo disponível acionar, durante todos os dias da semana, os vários canais de televisão, certamente assistirá, em diferentes momentos, a uma partida de futebol, disputada em alguma parte do mundo (WITTER, 1996, p.4).

O futebol desperta emoções, polêmicas, paixões, discussões, sentimentos de amor e ódio, raiva e idolatria, que envolvem homens, mulheres, crianças, jovens e idosos, sem escolher cor, credo ou nível social. Segundo Witter (1996, p.4), esse esporte desperta, além de interesse, grandes paixões. Assim, algumas pessoas guardam em sua memória os nomes dos jogadores de seu clube predileto, sabem quais os anos em que determinados atletas jogaram e lembram dos times adversários em determinadas épocas.

Toda essa paixão transforma o futebol em fenômeno cultural e objeto de expressões artísticas. A ligação desse esporte com a música, o cinema, a dança, a política, a literatura ou qualquer outro campo de manifestação social ou cultural é evidente. São inúmeras as músicas, dos mais variados ritmos, que trazem em suas letras alguma menção ao fenômeno da bola: o cinema cede espaço para contar a história de clubes e atletas que marcaram esse esporte; inúmeras manifestações de artistas da “cultura popular” expressam sua subjetividade através de ligações com o futebol; escritores transcrevem para os livros a paixão que visualizam no mundo da bola; políticos exaltam em seus discursos as conquistas futebolísticas de seus nacionais.

Política e religião são temas presentes na maioria das discussões em qualquer esquina das ruas brasileiras, mas nada que conquiste o entusiasmo da população como o futebol. Segundo Lovisolo (2002, p.13) no mundo das paixões/emoções e dos investimentos feitos para sua modelização social, a formação dos gostos permite realizar o mandato de superar o tédio. Ele afirma que o gosto do brasileiro pelo esporte bretão foi convencido por sua naturalidade, por sua potencialidade espontânea ou natural – quando o futebol chegou ao Brasil parecia ter sido feito para os brasileiros.

“Por acaso, alguém inventou que o futebol era um lugar bom de paixão, de emoção, de superação do tédio. A fórmula pegou. Então, muitos começaram a malhar na mesma tecla.

O Brasileiro é apaixonado pelo futebol!” (LOVISOLO, 2002, p.13). Esta espécie de apelo para a criação de uma identidade nacional pelo futebol, visto à época apenas como uma ferramenta de lazer para a sociedade, fez do esporte bretão uma forma afastamento dos problemas cotidianos para o povo e trouxe efeitos para o jeito brasileiro de ser. Lovisolo (2002, p.14) acredita que o fato de termos concentrado nossas emoções no gosto pelo futebol fez-nos tolerantes e pacíficos.

De crianças temos que escolher nossa identidade futebolística. Podemos postergar ou mudar a escolha religiosa e política. Contudo, não levamos a sério a quem muda de camiseta futebolística. Baseamos nossa lealdade e fidelidade, valores importantíssimos no campo da identidade política e religiosa, em coisa tão pouco séria como o esporte. Mais uma manifestação de nossa originalidade, autenticidade, criatividade, singularidade, particularidade, valores românticos dos quais fazemos parte. Se o futebol é tão importante para nós, como não teremos um futebol diferente, original, criativo, enfim, propriamente nosso? (LOVISOLO, 2002, p.13).

O futebol como fenômeno cultural é uma realidade que não fez distinções entre um e outro, pois contamina toda criança, homem, mulher ou idoso que abriu uma brecha para deixar esse esporte entrar e fazer parte de sua vida. O significado disso no dia a dia do brasileiro transforma meninos em atletas e atletas em meninos.

A paixão de brincar, que faz da bola um brinquedo, menos o objeto através do que se realiza o gol do que a coisa nossa, dignificada pelo país inteiro, que bem pode ser dito o país da bola. O menino brasileiro, antes de jogar, brinca de bola e o jogador rememora em campo a sua existência de menino, mais tendendo a valorizar o jogo do que o resultado. (MILAN, 1998, p.59)

Incontáveis são os bebês que saem da maternidade enrolados em mantos do time de coração de seus pais. Inúmeros são os apaixonados que, mesmo na poltrona de casa, chutam a bola junto com o centroavante ou instruem os jogadores como se fossem treinadores na beira do campo. Até na hora da morte alguns indicam o desejo de levar consigo, sobre seu caixão, a bandeira com o escudo que amou por toda a vida. O fenômeno do futebol é único! Contudo, embora seja único, há diferentes correntes que tentam explicar as origens do futebol. Segundo Witter (1996, p.8), não é possível determinar de forma precisa as origens do esporte bretão. Nas cavernas da pré-história há pinturas que poderiam remeter a ele e antes do surgimento do futebol moderno, vários esportes com características semelhantes eram praticados. Mas o futebol com costumes modernos, mais próximos dos atuais, segundo Ramos (1984, p.26), só foi consolidado após o advento da divisão do trabalho, da organização racional das atividades e da mecanização. A produção deixa de ser extensiva e passa a ser fabril e intensiva. Além

disso, com as conquistas dos direitos trabalhistas diminui a carga horária do trabalhador, gerando o final de semana como uma opção de lazer, abrindo espaço para a prática do futebol também pelas massas. O futebol moderno teve seu berço nas universidades inglesas, praticado pelos estudantes provenientes das camadas ricas que frequentavam as *public schools*.

No Brasil, o primeiro a dominar a arte de jogar futebol e marcar gols era na verdade um “quase inglês”. Charles Miller, filho de ingleses e escoceses, viajou à Inglaterra para estudar e ao retornar, em 1894, trouxera duas bolas, uma agulha, uma bomba de ar e dois uniformes, além do conhecimento das regras. De acordo com Witter (1996, p.10), o ano de 1894 marca oficialmente o início da prática do futebol em nosso país. No entanto, segundo o autor, há informações de que já se praticava o esporte bretão no Brasil. Partidas de futebol teriam sido jogadas nos litorais de Pernambuco e de Santos e em São Paulo.

O futebol no Brasil era praticado, no início, pelos filhos de famílias com posses, a elite em formação no final do século XIX e início do século XX, sendo necessário ter recursos para adquirir as chuteiras e dividir as despesas com a compra das bolas e dos uniformes. Era material importado de outros países e não custava barato. O novo esporte criou raízes e prosperou, ganhou popularidade e rapidamente se expandiu por todo o país, do Amazonas ao Rio Grande do Sul. Entre os mais antigos, está o Rio Grande F.C., que disputa com a Ponte Preta (ambos de 1900) o status de ter sido o primeiro clube fundado exclusivamente para a prática de futebol, com estatutos e regulamentos.

Inicialmente apenas brancos podiam jogar futebol no Brasil como profissionais, dado o fato de a maioria dos primeiros clubes terem sido fundados por estrangeiros. Na década de 20, os negros começaram a ser aceitos nos clubes, sendo o Vasco o primeiro dos clubes grandes a vencer títulos com uma equipe repleta de jogadores negros e pobres. Então, outros clubes passaram a aceitar jogadores de cor, o que acabou sendo benéfico para o futebol e para a sociedade.

Portanto, durante os vinte primeiros anos do século XX, o futebol, ainda amador, consolidou-se e encantou o mundo. Durante esses vinte anos também popularizou-se. Aos poucos os meninos ricos começaram a se “misturar” aos mais pobres, e os brancos, aos negros e mulatos. Surge então a magia desse futebol arte, que, com o tempo, conquista o mundo, por continuar a ser, apesar de cada vez mais técnico, encantadoramente “moleque”. (WITTER, 1996, p.19)

Demonstrando a importância social adquirida pelo esporte bretão, durante o governo de Getúlio Vargas nota-se um grande esforço para alavancar o futebol no país. A construção do Maracanã e a Copa do Mundo do Brasil (1950), por exemplo, ocorreram na Era Vargas. O

Maracanã, contudo, foi palco de uma das maiores tragédias do futebol brasileiro: a perda da Copa do Mundo para o Uruguai, diante de um público estimado em mais de duzentas mil pessoas.

Nesta época, escritores já se aventuravam em levar o futebol para as páginas dos jornais, principalmente através de opiniões na forma de crônicas. Josué Guimarães foi um deles e não titubeou em anexar aos seus textos críticos, com ênfase política e social, alguns ingredientes futebolísticos, oferecendo ao leitor um estilo de refletir sobre a sociedade através de comparações entre os acontecimentos do esporte bretão com as outras áreas de interesse social. Um exemplo desta postura crítica está na crônica “Bola na rede”, publicada no jornal Zero Hora em 16 de fevereiro de 1981, em que o escritor gaúcho critica o Ministro do Planejamento, Delfim Neto. “...mando o meu recado para o ministro do Planejamento. Ele que trate de planejar o futebol. Sei que ele não entende bulhufas disso, mas que diabo, ele também não entende de inflação e vejam onde ele anda” (GUIMARÃES).

Porém, na década seguinte, o futebol brasileiro desfrutou de conquistas que o colocavam definitivamente como uma das potências na arte de jogar futebol. A vitória no Mundial de 1958, com um time comandado pelos negros Didi e Pelé, pelo mulato Garrincha e pelo capitão paulista Bellini, ratificou o futebol como principal elemento da identificação nacional, já que reúne pessoas de todas as cores, condições sociais, credos e diferentes regiões do país.

Nos anos 60, no entanto, o futebol brasileiro encontrava-se no seu apogeu. A seleção conquistara as copas de 58, 62 e 70, e o Santos – time de Pelé – venceu consecutivamente a Taça Libertadores da América e o Mundial Interclubes em 1962 e 1963. Além disso, a final do campeonato carioca de 1963 atraiu 177.020 pagantes no Maracanã, recorde oficial de público em partidas entre clubes; e, em Novembro de 1969, Pelé marca o seu milésimo gol, solidificando seu lugar como o maior jogador de todos os tempos (HELAL, 1997, p.51).

Mas o cenário mudou em meados de 1978, quando os meios de comunicação noticiavam uma possível decadência no futebol brasileiro. O jornal *O Globo* publicou uma série de artigos e debates a respeito do assunto “A decadência do futebol brasileiro” (*O Globo*, 17/09/78 até 22/09/78). Os títulos destes artigos são reveladores. Eis aqui alguns: a) “Os torcedores, desencantados, abandonam o estádio”; b) “Jogos ruins, vaias, esta é a rotina”; c) “Em busca do lucro, como uma empresa”; d) “Uma reforma estrutural: a única solução”; e) “Politicagem: aqui está o principal problema do futebol, segundo especialistas.” (HELAL, 1997, p.53)

No entanto, o panorama mudou através de iniciativas de certa forma perceptíveis. Se na década de 1930 a solução encontrada para a crise no futebol era a profissionalização dos jogadores, nos anos 1980, a tendência seguiu o mesmo caminho, com o emprego de estratégias de marketing, da administração empresarial do esporte e de uma gerência baseada no lucro e na ideia de mercado. Ao mesmo tempo em que o futebol se profissionalizava, os sentimentos dos povos espalhados pelo planeta bola eram distintos, com várias correntes que tentam encontrar embasamento para justificar o grande apreço da sociedade por esse esporte. Conforme Lovisolo (2002, p.2), o tratamento de esportes de rendimento ou espetáculo pelas ciências sociais, principalmente o futebol, que é dominante na América Latina, passou por transformações significativas nos últimos 20 anos e sofreu algumas viradas argumentativas, divididas em romântica, crítica e antropológica.

### **2.1.1 Visão Romântica**

Para compreender o fenômeno futebolístico, surge primeiramente uma visão romântica, que busca entender o fenômeno esportivo sob a perspectiva dos de dentro, dos nativos, dos que sentem paixão ou amor pelo esporte. Essa visão se desenvolveu no passado, mas hoje ganha uma interpretação quase oposta. Como precursor dessa linha de pensamento surge Gilberto Freyre ao realizar os primeiros estudos relacionando o esporte à sociedade brasileira no início do século XX. Suas ideias são expressas pelo pesquisador Fábio Franzini (2002).

Segundo Franzini (2002, p.2), os estudos de Freyre remontam a mudanças ocorridas no país na década de 30, levando vários estudiosos a buscarem elementos que moldassem uma identidade nacional. Para ele, o mestiço tem um papel extremamente positivo na concepção da nacionalidade brasileira, pois conseguiu inverter um valor que até então lhe era atribuído pelas teorias e análises sociais. Sua inserção no campo futebolístico torna-o elemento fundamental para o processo de massificação desse esporte.

Esse elogio da mestiçagem foi difundido a toda sociedade e ajudou a legitimar algumas práticas populares que vinham ganhando força no cotidiano do país, transformando-as em expressões da cultura brasileira, dentre as relevantes, o futebol. Freyre estava atento à integradora mistura de raças e classes sociais que o esporte promovia nos gramados, o que contribuiu para que, no Brasil, na época quase todos os atletas fosse mestiços. Essa ascensão

do negro no futebol, que originalmente é considerado elite e europeizado, implica no seu abraço, na mudança na forma de praticá-lo.

Surge então um referido jeito brasileiro de jogar futebol, fazendo com que o Brasil se reconheça e seja reconhecido enquanto povo. É um futebol qualificado como vistoso, com um estilo próprio de conduzir o jogo, de carregar a bola e mostrar desenvoltura, algo como até então nunca visto, mas que era apresentado como um aspecto de exaltação das qualidades e habilidades de uma nação.

O futebol, e de modo geral o esporte, tornou-se espaço de formação de identidades e de expressão do nacional ou regional, de participação e pertencimento, de emoção e prazer, de recreação, criação e imaginação. Neste sentido, o futebol passou a ser visto como expressão da identidade e cultura, juntamente com outras artes populares difundidas na nação brasileira. Nessa concepção, o esporte passa a ser considerado arte. E isso gera mudança nas diferentes interpretações e suposições postas em jogo para analisar o esporte. “Ao invés de alienação e controle, as palavras-chave passam a ser singularidade, identidade, emoção, criatividade, estilo, imaginação e outras da mesma matriz” (LOVISOLO, 2002, p.4). A importância dessa mudança passa a ser percebida a partir do momento em que “passou a ser exaltado por popular, participativo e enquanto expressão autêntica da cultura ou ser nacional” (LOVISOLO, 2002, p.4).

Mas foi após a Copa do Mundo da França, em 1938, que Freyre conseguiria especificar o que havia sugerido anteriormente. “A técnica refinada dos nossos jogadores encantava os europeus, e o Brasil todo se mobilizava em torno do rádio para ouvir a transmissão das partidas da seleção, narradas diretamente dos gramados” (FRANZINI, 2002, p.3). Foi com a chegada da seleção às semifinais do campeonato mundial pela primeira vez, momento que deixou o país eufórico, que o sociólogo-antropólogo anunciou o surgimento de um inconfundível “estilo brasileiro de futebol”. Gilberto Freyre teve então a chance de elucidar os motivos de tanto encantamento e admiração dos europeus pelo nosso futebol. O estilo brasileiro de jogar envolvia passes, dribles carregados de ginga, misturando a habilidade com a bola nos pés com traços que remetem à dança e capoeira praticada pelos mulatos.

O “mulatismo” fazia o Brasil ser reconhecido, respeitado e admirado, pois representava um estilo de jogar que contrastava com o europeu, misturando dança, capoeiragem e floreios. A forma brasileira de jogar era algo novo, interessante e que produzia resultados positivos em campo, destoando completamente do estilo de jogo das seleções

europeias. À época, houve até mesmo quem detectasse a criação de um sistema novo de jogar o futebol, baseado no talento individual e na capacidade de improvisação dos seus praticantes.

[...] nosso futebol mulato, com seus floreios artísticos cuja eficiência – menos na defesa que no ataque – ficou demonstrada brilhantemente nos encontros deste ano com os poloneses e os tcheco-eslovacos, é uma expressão de nossa formação social, democrática como nenhuma e rebelde a excessos de ordem interna e externa; a excessos de uniformização, de geometrização, de estandardização; a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal. No futebol, como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas sobretudo de dança. Dança dionisíaca. Dança que permita o improviso, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lírica. Enquanto o futebol europeu é uma expressão apolínea de método científico e de esporte socialista em que a ação pessoal resulta mecanizada e subordinada à do todo – o brasileiro é uma forma de dança, em que a pessoa se destaca e brilha (FREYRE, 1985 apud FRANZINI, 2002, p.4 e 5).

Outros autores ainda encontram justificativas complementares para o amplo domínio brasileiro desse novo estilo de jogar futebol. De acordo com Lovisolo (2002, p.4), a várzea é o núcleo romântico. Os terrenos baldios tinham uma condição de destaque nas narrativas históricas e românticas do futebol. Foi no “terreno mitológico da várzea que teria ocorrido a apropriação criativa e a recreação do esporte originalmente inglês, de elite, pela imaginação do povo brasileiro” (LOVISOLO, 2002, p.10). Um povo pobre e sem condições de tecer grandes sonhos acabava por despejar na bola suas frustrações, seus anseios, sua vontade de fazer parte de uma identidade, seja na várzea ou nas ruas, criando uma linguagem e uma interação unidas pela bola.

Uma vez inventadas a bondade da várzea, os analistas românticos passam a criticar a situação contraposta, a atual. [...] A melancolia, a saudade, a nostalgia impregna a narrativa romântica e, então, as críticas ao capitalismo, ao crescimento, ao progresso aparecem tanto explícita como implicitamente. O que por vezes não é abertamente dito, é o velho sentimento romântico do desconforto com o presente, com o burguês, com a complexidade da vida moderna (LOVISOLO, 2002, p.11 e 12).

Foi o futebol que fez o povo sonhar com a volta de um passado que ainda vagava na lembrança do mulato e que, através da bola, poderia ressurgir. Era no drible, na ginga, no jogo livre e repleto de floreios que o sentimento de desconformidade com a sociedade atual poderia ser manifestado.

A lembrança da várzea anda lado a lado com a crítica e a mercantilização do futebol e mesmo sua tecnificação. É necessário que observemos o futebol de forma controlada, como mandam os manuais de pesquisa. Se alguém sugeriu que o futebol era campo de paixões, de

emoções, de superação do tédio, a população aceitou e transferiu todos seus anseios para dentro das quatro linhas. Para ele, o futebol nasceu para o brasileiro e isso corresponde à imagem de sermos alegres, descontraídos e concentramos nossas emoções no gosto pelo futebol, o que nos fez ser tolerantes, pacíficos, não inventarmos guerras religiosas nem políticas (LOVISOLO, 2002, p.13).

Para o autor, nosso gosto pelo futebol tornou-se funcional para a ordem moral. Desde crianças, escolhemos nosso time de coração e o seguimos fielmente, diferente da política e da religião, onde não somos fieis ao extremo. A questão é que, ao se tratar das possibilidades de que nossa identidade tenha se constituído na associação com o futebol, os vínculos políticos entre o esporte das massas e o pensamento das massas não podem ser ignorados.

### **2.1.2 Visão Crítica ou Frankfurtiana**

A construção de um sistema político e econômico que age através da implementação de bens culturais alienantes, criando uma indústria cultural que oferece filmes, livros, músicas, novelas, esporte e qualquer outro meio de entretenimento apenas de forma comercial, visando o lucro, é a síntese da Visão Crítica ou Frankfurtiana. O posicionamento desta linha de pensamento pressupõe a necessidade do consumo, da criação e supervalorização de produtos que causem dependência e alienação ao povo. Desconsidera-se o que é artesanal, afasta-se as contemplações individuais do belo, esquece-se do crescimento intelectual e deixa-se de lado a valorização dos prazeres particulares. Ao mesmo tempo, abre-se caminho para a entrada em campo dos consumidores passivos, meros aceitadores do que lhes é imposto e totalmente condicionados a permanecerem distantes de uma consciência individual. Cria-se, com a indústria cultural, o culto a um novo belo, à plasticidade e a beleza impostos apenas com base em interesses de mercado.

Os pensadores frankfurtianos conseguiram criar uma nova forma de se ver as coisas: através da imposição subliminar de um padrão de consumo, dando fim aos padrões individuais de decisão. A racionalidade técnica é a do próprio domínio e a sociedade atinge a alienação ao se interessar apenas por estes padrões. O valor de troca dos bens simbólicos prevalece sobre o valor de uso e as pessoas param de se preocupar com os benefícios oferecidos pelos produtos para dar interesse apenas ao prestígio que eles proporcionam. O uso de uma gama de fatores faz com que se consiga fortalecer a imagem do que se pretende vender, atingindo em cheio ao indivíduo, que se vê com a necessidade de estar socializado, e

está disposto a fazer isto a qualquer custo, consumindo o que a sociedade consome. E isto vale também para o entretenimento, neste caso o futebol.

A teoria crítica entende o esporte como sendo um instrumento de repressão das necessidades, de manipulação e adaptação à sua condição, em troca da socialização que ele proporciona, se consolidando como parte de um processo de reprodução das diferenças de classe. Desconsidera-se, neste caso, as diferenças entre o amador e o profissional, entre o esporte da elite e o esporte popular, e entre o esporte participativo e o esporte espetáculo. Esse meio de articulação de um poder subliminar dominante transforma as pessoas em simples objetos consumidores. Essa situação causa uma atenuação das tensões sociais que envolvem o indivíduo e é utilizada até mesmo como ferramenta de controle do Estado, tanto no desvio do foco dos problemas internos de uma sociedade, quanto no prestígio de repercussão nacional e internacional através de um senso nacionalista de vitória, poder e conquista.

A Copa do Mundo de 1970, no México, marcava tempos silenciosos para cronistas diante do Regime Militar. Muitos, como aconteceu com Josué Guimarães, foram obrigados a viver na clandestinidade e somente conseguiam viver com nomes falsos e escrever utilizando pseudônimos. O governo militar brasileiro aproveitou a competição mundial para exaltar o Brasil como vitorioso e em ritmo de crescimento, desprezando as perseguições e mortes provocadas pela ditadura, segundo Roberto Ramos (1984). O autor destaca como o futebol é utilizado pelos governos para desviar a atenção da população diante dos problemas que afligem o país, analisando o esporte bretão sob uma perspectiva de negócio e indústria, apresentando o futebol como um exemplo para a classe operária. Isso porque é atribuída a esse esporte uma eficácia no sentido de imbuir o trabalhador no senso de coletividade, disciplina, valorização ao tempo e à competitividade. O fato de o futebol se tornar empresa ou se industrializar, tornando-se demasiadamente dependente do poder financeiro, acaba deixando de lado a criatividade dos atletas, a alegria do esporte e a espontaneidade, sendo tudo pré-programando.

Vencer a Copa do Mundo do México era a chance que o governo Médici para mobilizar o povo brasileiro e resgatar uma moral que andava em baixa na época, pois o futebol era encarado como um elemento necessário para dominar a população, remetendo-a ao êxtase da competição, das vitórias, da alegria, e tirando de seus pensamentos os problemas de uma sociedade desgastada e sofrida pela desigualdade. O relacionamento do esporte bretão com as diferenças sociais e as dificuldades políticas e econômicas é evidenciado por Ramos, no momento em que busca, em uma concepção althusseriana, a aproximação entre o chamado

esporte das multidões e os sistemas de manutenção da ordem burguesa, como as igrejas, as escolas, o aparato jurídico, os meios de comunicação etc.:

O futebol é um aparelho ideológico do estado. Reproduz as condições econômicas, políticas e sociais capitalistas. Trabalha, em silêncio, com uma pretensa neutralidade, o que significa comprometimento. Mistifica as relações de produção, legitimando o capitalismo (1984, p.23).

O autor é enfático ao dizer que não há muita diferença entre as alterações orgânicas dos jogadores e dos torcedores durante um jogo. As modificações sanguíneas e a concentração de adrenalina são semelhantes em ambos. “O futebol recomenda uma vida sexual moderada. Defende, muitas vezes, até a tese da abstinência dois dias antes da partida.” (RAMOS, 1984, p.29). Para o autor, o capitalismo explora, oprime e fica imune a qualquer tipo de revide. Ele abre espaços para que os oprimidos joguem as suas angústias e agressividades no futebol. Ramos (1984, p.30), orientado pelo pensamento de Adorno e de Horkheimer, reflete que a falta de liberdade do trabalho alienado se estende aos estádios. Os frankfurtianos compreendem que são nesses locais que os homens sentem-se livres, tornando suas carências inconscientes. Com o futebol colocado em um plano exagerado, ele acaba suprimindo os problemas que mereceriam total atenção para solução urgente na sociedade.

Para Ramos (1984, p.31), o futebol serve para exercitar o princípio imperante da realidade e mantém unidas as vítimas do aparato industrial. Ele se descontextualiza com a realidade, mas a reproduz com muitos retoques. É, ideologicamente, igualitário. Não permite hierarquia. Reprime o conflito de classes pacificamente. Os burgueses e trabalhadores são transformados em torcedores. “Os gols, que se convertem no futebol, não são gols contra os dominados” (RAMOS, 1984, p.31).

Segundo o autor, as relações de dominação e exploração capitalistas desaparecem. São substituídas pela identificação dos torcedores ou pela divergência clubística. Os torcedores possuem o objetivo comum de conviver com o universo do futebol, reinando uma democracia nos estádios.

A liberdade de expressão do pensamento atinge níveis irrestritos. O trabalhador se projeta no árbitro, no jogador e no adversário. Descarrega toda sua agressividade, acumulada no trabalho, onde é oprimido e silenciado. Quando termina o jogo, ele está em perfeita condições psicológicas para obedecer ao padrão (RAMOS, 1984, p.33).

Esta visão que prende o futebol aos interesses nacionais e mercadológicos não pode ser ignorada e exerce influência na forma como o esporte bretão chega e age sobre a população. De forma isolada, não atinge raízes que possam justificar a popularização irrestrita deste esporte, que não escolhe raça, religião, situação social ou política para impor sua força. Porém, o sistema implantado pela Escola Frankfurtiana pressupõe receptores aptos a serem atingidos por mensagens de fácil compreensão, algo favorecido pelo futebol, que traz uma complexidade teórica para quem o pesquisa de forma profunda, mas ao mesmo tempo é de uma simplicidade prática para quem apenas o admira.

### 2.1.3 Visão Antropológica

A visão antropológica pode ser encarada como um “meio de campo” entre as visões romântica e crítica e está centrada principalmente nas ideias do antropólogo Roberto DaMatta, que trata de conciliar as duas perspectivas. Lovisolo (2002) defende que, cada vez mais, prevalecem os estudiosos que acreditam que a paixão e o envolvimento por esse esporte não são condenáveis, apesar de não idealizarem no futebol um traço distintivo de nossa identidade.

Sobre a base de destacar a emoção e o prazer, a participação e o pertencimento, a criatividade e expressão, relatam-se efeitos positivos dos esportes sobre a experiência da ordem social e pessoal, retomando-se, não raro, elaborações do esporte educacional, em especial o inglês, que afetaram as formulações do próprio formulador do olimpismo, o Barão de Coubertain. Assim, o esporte passa a desempenhar um papel singular no processo civilizador (LOVISOLO, 2002, p.5).

Lovisolo (2002) complementa: “Embora o entendimento do *ser* do esporte seja romântico, não deixam de ser destacados efeitos que correspondem a um *dever ser* da proposta de ordem iluminista”. Há, neste caso, uma busca recorrente por conciliar visões que atuam em oposição e que, na teoria, são dotadas de valores inconciliáveis, mas que na prática podem ser colocados como complementares.

Observo que há, então, três aspectos em jogo: de um lado, as categorias de análise de raiz iluminista ou romântica; do outro, uma mudança na posição do observador, distanciado ou engajado e, por último, uma mudança significativa na avaliação moral do esporte. O tipo ideal do iluminismo crítico implica a junção de categorias iluministas com o distanciamento do observador, entendido como proteção dos efeitos de alienação e controle, e de seu suporte a emoção, do esporte sobre o observador que se situa fora de sua atração e efeitos. Formula, ao mesmo tempo, uma crítica moral a partir dos efeitos negativos do envolvimento com o esporte. O

tipo ideal romântico emerge na junção das categorias românticas com o reconhecimento da paixão e gostos positivos do observador em relação ao esporte que fundamentam o entendimento interior que, no caso da estética romântica, significa usufruir, sentir prazer com a obra de arte e recriá-la, ou seja, ser também o artista. Há uma valorização moral positiva, quer quando se considera o esporte como expressão autêntica quer, quando em guinada iluminista, se o valoriza como formador ou educador (LOVISOLO, 2002, p. 5 e 6).

Ao tratar a emoção sob a perspectiva de que se trata de um componente da natureza humana, ele não pode ser julgado por sua moralidade, pois trata-se de uma situação de difícil controle. Assim, o lado romântico de se posicionar diante do futebol pode se manifestar involuntariamente na pessoa ao longo de sua formação histórica, da mesma forma que a imposição da indústria cultural pode atingir esta mesma pessoa em algum momento de sua vida. O futebol permite uma experiência social igualitária diante das regras, uma suspensão temporal das distinções entre sociedade e nação, entre pessoa e indivíduo e entre coletividade e comunidade. Há de se ressaltar que o esporte bretão é um cenário que envolve emoção, prazer, criatividade e expressão, com ideias que preconizam igualdade no seguimento de regras e padrões, mesmo em quem não cresceu com o apreço pelo esporte bretão, mas que foi cativado e alienado a gostar do esporte.

Helal (1997) apresenta um ponto de vista ponderado sobre o assunto. Se por um lado admite que “a racionalização e a secularização tendem a destruir elementos essenciais para o desenvolvimento lúdico e celebrações ritualísticas sagradas”, acaba por afirmar, porém, que “o esporte não sucumbiu inteiramente a esses processos, mas os incorporou de uma maneira que elementos sagrados possam ser recriados” (HELAL, 1997, p.39 e 40). O autor, ao analisar o esporte como espetáculo de massa, resgata ainda a importância dos ídolos para uma sociedade. “Eventos de massa necessitam de heróis, ídolos, mitos para fortalecer a identidade e relação entre fãs e o acontecimento. Eles são, em última instância, referenciais para a comunidade” (HELAL, 1997, p.76).

Compreender o futebol como um negócio, como preconiza a visão crítica, colocando-o apenas como um segmento de produtos de entretenimento, com foco apenas no consumo, concedendo a ele espaços ampliados e nobres na mídia, parece tão distante quanto situá-lo apenas no campo romântico, afirmando que se trata apenas de emoção e amor. Helal argumenta que o paradoxo da crise enfrentada pelo esporte em alguns momentos da história passa também por uma ligação exacerbada com apenas um dos campos de análise.

Se o futebol esteve longamente associado à integração e ao nacionalismo (enfim, à identidade brasileira), o que acontece quando, na contemporaneidade, a ênfase recai

sobre a diferença, a pulverização das identidades, a fragmentação? Se o futebol foi basicamente um mecanismo integrador: o que acontece quando não há mais o que integrar? Qual será o futuro do futebol no Brasil? Sucumbirá na pós-modernidade, deixando patente que pertenceu, de fato, à modernidade e, em certa medida, ajudou a construir essa modernidade no Brasil? Ou sobreviverá, anunciando que essa pós-modernidade jamais poderá ser plena, pois necessitamos viver sob o signo da nacionalidade, da identidade cultural, da integração do país em um só povo, uma só nação, “como se todo o Brasil desse a mão em um só coração”? (HELAL, 2002, p.52).

Reconhecer e separar o aspecto romântico do crítico é um desafio não apenas para quem gosta de futebol, ou mesmo para quem apenas sabe de sua existência, mas também para os profissionais que estão envolvidos nesta área. Jornalistas lutam, a cada elaboração de matéria, locução esportiva ou comentário, equilibrar essas duas áreas para que não sejam tendenciosos em suas colocações. Novamente, é o equilíbrio entre as duas visões que acaba fortalecido para uma explicação plausível sobre como o futebol deve ser encarado. A presença da emoção no futebol é inegável e não é condenável, mas desde que o espírito crítico não seja afastado, assim como ocorria com Josué Guimarães, que apesar de gostar de futebol, não se permitia alienar por ele. O escritor criou relações do esporte com a sociedade, sem se prender ao que ocorria dentro das quatro linhas, mas analisando o que o esporte bretão significava fora delas, criando associações críticas de seu papel na sociedade.

Como fato social consolidado pela sua abrangência e importância que alcançou à população, o futebol se coloca em uma posição de profundo interesse jornalístico para sua cobertura, seja baseado no amor pelo esporte, que atrairá os leitores, ou mesmo nos interesses mercadológicos que atrairão patrocinadores às publicações. Ao mesmo tempo em que o povo quer a informação, os clubes e seus investidores querem visibilidade. Fundamenta-se, assim, a relevância do trabalho do jornalista na cobertura do esporte bretão. Trabalhando concomitantemente com interesses mercadológicos e com sentimentos dos torcedores, a atuação jornalística pressupõe uma postura profissional que exige não apenas o domínio do jornalismo esportivo, mas também de todas as bases fundamentais do fazer jornalístico.

## 2.2 JORNALISMO E A BOLA

A grande busca do jornalismo é tentar ser uma reconstrução da realidade, sempre partido da veracidade da informação, sem afastar-se dos princípios éticos. A sua forma específica de construção de discursos respeita diversos preceitos particulares, como os critérios de noticiabilidade, a objetividade e a ética. Partindo do pressuposto de que a

profissão exige uma conduta pré-estabelecida de seus executores, parece impossível imaginar que o jornalismo é uma atividade de constante seleção e combinação de informações.

Neste capítulo apresentamos os principais preceitos presentes no trabalho jornalístico. De início buscamos identificar os critérios de notícia e noticiabilidade, ou seja, o que deve ou não ser notícia e como essa seleção deve ser executada. Na sequência trabalhamos com a objetividade, que Barros Filho (1995) considera uma forma de fugir do problema da ética e da paixão do jornalista. Aliás, a ética – imprescindível no exercício da profissão - é o assunto que complementa a primeira parte deste assunto, que trata ainda da apresentação da figura do jornalista como um ser político, ligado às práticas iluministas que pressupõe que todos os cidadãos compartilhariam o acesso à informação em defesa do bem comum, através da liberdade de expressão e do livre exercício da autonomia individual presentes na atividade jornalística.

O jornalismo esportivo é apresentado posteriormente, como segmento muito particular do jornalismo geral. Diferentemente das outras seções de um jornal, sob contingências que envolvem especialização no tema e experiência de trabalho, o jornalismo esportivo parece ou pode estar ligado, também, à paixão clubística do indivíduo, o que, em princípio, afetaria a desejada imparcialidade quanto ao que se noticia. A escrita sobre futebol, em si, já nasceria sob o dilema de estar, como os leitores, na mesma situação: torcer.

Há ainda os aspectos relacionados às mudanças tecnológicas que envolveram o jornalismo quanto aos suportes de escrita e de leitura. Com a internet, o acesso à informação sobre clubes, competições e jogadores foi facilitado, ampliando o leque de informações levadas ao público, contribuindo ainda mais com o fenômeno midiático representado por este esporte. Finalizamos o capítulo apresentando a difícil luta do jornalista em afastar-se dos interesses mercadológicos no exercício da profissão, além do desafio de separar os papéis de torcedor e profissional.

### **2.2.1 O Jornalismo na Área: notícia, noticiabilidade, objetividade e ética**

Falar em noticiabilidade no jornalismo esportivo pode parecer complicado, pois, para o amante do futebol, o menor fato relacionado ao clube de paixão é assunto relevante. Em aspecto geral, o grau de importância do fato e o interesse que o mesmo poderá despertar no público são pontos importantes a serem observados no momento de decidir o que será e o que não será noticiado.

De forma genérica, trata-se a notícia como um relato de fatos que supostamente atendem às necessidades de informação da sociedade. Muito mais complexo do que a notícia, é o que deve ser noticiado, pois as interferências são muitas, como, por exemplo, a cultura do próprio jornalista, assim como seus valores e seu conhecimento científico. Há ainda os critérios de noticiabilidade, que nada mais são que questões que o fato deve atender para se tornar notícia; ser atual, de interesse social, respeitar a ideologia editorial da empresa jornalística, entre outros fatores que fazem parte dos critérios.

Para Traquina (1993), toda profissão é sobrecarregada de imagens, mas talvez nenhuma outra seja tão carregada de mitos como o jornalismo. O autor defende que os jornalistas não são simplesmente observadores passivos, mas participantes ativos no processo de construção da notícia. As notícias não podem ser vistas emergindo naturalmente dos acontecimentos do mundo real. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento. O autor ainda complementa que as decisões tomadas pelo jornalista no processo de produção de notícias só podem ser entendidas inserindo o jornalista no seu contexto mais imediato – o da organização para a qual ele ou ela trabalha, ou seja, analisando a necessidade que as empresas jornalísticas têm de impor ordem no espaço e no tempo.

Mauro Wolf (1999, p.55) explica que os critérios de noticiabilidade estão estreitamente ligados aos processos de rotinização e de estandardização das práticas produtivas dos meios de comunicação. Nesse sentido, a definição de noticiabilidade liga-se ao conceito de perspectiva da notícia, que é a resposta que o órgão de informação dá à questão que domina a atividade dos jornalistas: quais os fatos cotidianos que são importantes e devem virar notícia?

Contrariando os princípios de que o jornalismo retrata fielmente a realidade, Wolf (1999, p.57), com base nestas novas tendências da comunicação, explica que as notícias são aquilo que os jornalistas definem como tal. Ou seja, a notícia é o produto de um processo organizado que implica numa perspectiva prática dos acontecimentos, que tem por objetivo reuni-las, fornecer avaliações simples e diretas acerca de suas relações e fazê-lo de modo a entreter os espectadores/leitores. A definição e a escolha daquilo que é noticiável são sempre orientadas pragmaticamente, isto é, em primeiro lugar o que é mais factível, o que pode virar produto informativo no tempo possível e com recursos limitados. Wolf acredita que eleger os acontecimentos que irão virar notícia não é trabalho simples.

A seleção implica, pelo menos, o reconhecimento de que um acontecimento é um acontecimento e não uma casual sucessão de coisas cuja forma e cujo tipo se

subtraem ao registro. O objetivo de selecionar tornou-se mais difícil devido a uma característica posterior dos acontecimentos. Cada um deles pode exigir ser único, fruto de uma conjunção específica de forças sociais, econômicas, políticas e psicológicas que transformaram esse acontecimento num acontecimento particular. (WOLF, 1999, p.58)

Como qualquer organização complexa, afirma Wolf (1999, p.59), os meios de comunicação têm uma série de exigências para filtrar a grande quantidade de fatos que acontecem e produzir notícias. Dentre elas, três se destacam como obrigações que necessariamente estão relacionadas entre si: a identificação de um fato desconhecido (inclusive os que são excepcionais) como acontecimento notável; o domínio das formas de relatar os acontecimentos; a organização, temporal e espacial, do trabalho de modo que os acontecimentos noticiáveis possam afluir e ser trabalhados de uma forma planejada.

Na concepção e na confecção da notícia deve-se observar o profissional que dá sua versão do relato do acontecimento, entre eles a cultura profissional do jornalista, suas fontes e o posicionamento editorial do veículo de imprensa. A noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos, seja do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação, seja do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas, no sentido de adquirirem a existência pública das notícias. Quando o acontecimento não é qualificado como notícia, ele não irá fazer parte dos conhecimentos do mundo adquiridos pelo público através da comunicação de massa.

Wolf (1999, p.60) resume desse modo o conceito de noticiabilidade como um “conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher de entre um número imprevisível e indefinido fatos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias”. Afirmar que uma notícia é escolhida pelo seu grau de importância ou interesse requer que sejam observadas outras variáveis que são fundamentais: grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável. Quanto mais o acontecimento disser respeito às personalidades ligadas à elite e dos países igualmente classificados nessa categoria, maior a possibilidade dos fatos se tornarem notícias.

Os jornalistas atribuem importância às notícias em que grande número de pessoas se envolve. Quanto maior o número de envolvidos no desastre ou quanto maior o número de pessoas importantes numa ocasião formal, maior a visibilidade e, por consequência, a possibilidade de se tornar notícia (WOLF, 1999, p.12).

Notícias de futebol são maioria quando se trata de jornalismo esportivo, principalmente no Brasil, onde o esporte é o preferido da população. Os outros esportes não dispõem do mesmo espaço em suas coberturas, grande parte deles só conquista algum espaço na mídia em época de Olimpíadas ou em períodos específicos, que envolvem mesmo o recesso dos jogadores ao fim da temporada. Noticiar futebol é lidar com a principal diversão do povo. E é por isso que a notícia na cobertura jornalística de futebol possui um caráter de entretenimento. Ela é voltada principalmente para os torcedores e apaixonados pelo esporte e, por isso, assume também um lado de prestação de serviços, afinal, é por meio das notícias que o torcedor se informa sobre seu clube.

Ele [o jornalista] deve fazer o trajeto a caminho do evento e informar tudo o que vê que seja relevante para o torcedor, que também está a caminho e ávido por informações que vá lhe trazer mais comodidade. [...] boa parte dos torcedores procura informações úteis para o seu dia-a-dia, que resolvam problemas concretos. Preços dos ingressos, local de venda, horários dos jogos, mudanças de local/dia/horário, trânsito a caminho do estádio, transporte, acidentes, caminhos alternativos para cada torcida e até capacidade de público no local do evento (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.61).

Para Barbeiro e Rangel (2006, p.62), a prestação de serviços promovida pelo jornalista esportivo deve carregar seriedade, qualidade, exatidão e credibilidade, devendo ser encarada com a importância de outros serviços jornalísticos, como da saúde ou da ciência. Porém, a relevância do trabalho na área do esporte não recebe a devida valorização e acaba esquecida, muitas vezes, inclusive pelo profissional, que não dá valor ao próprio trabalho.

Em jogos considerados clássicos, muitas emissoras de rádio e TV destacam três repórteres para cobrir o evento. Um para cada time e o terceiro chamado popularmente como “repórter da galera” tem a missão de enxergar o que não ocorre dentro do campo ou da quadra. Muitos ficam apenas nas arquibancadas procurando alguma personalidade de destaque para ilustrar a reportagem. Esse terceiro repórter é parte fundamental da cobertura esportiva, e se fizer um bom trabalho ganhará destaque no trabalho jornalístico da equipe (BARBERO; RANGEL, 2006, p.61).

Apesar de ser tão popular, a cobertura de futebol sofre muitas vezes com a falta de notícias diversificadas; pouca coisa, além de análises de jogos e notícias da cobertura diária dos times (escalação, jogadores machucados e transferências), é apresentada ao público. Pode-se dizer que a cobertura jornalística do futebol segue um cumprimento automático de pautas, as quais não têm necessariamente uma base consistente de informações relevantes. Aparentemente, e principalmente no que tange à mídia televisiva e radialista, as transmissões são feitas de contatos fáticos entre as transmissoras e a audiência.

Infelizmente, a pauta na cobertura do futebol virou refém da agenda e o noticiário semanal acaba ficando subjugado aos jogos, treinamentos e às entrevistas coletivas dos times de futebol. “Os jogos acontecem na quarta, quinta-feira, sábado e domingo, o time treina na segunda, terça e sexta-feira, a televisão transmite tudo. Assim, as notícias resumem-se ao jogo que acontece amanhã, ou o que aconteceu ontem” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.26).

Para construir uma cobertura de maior qualidade e mais diversificada, o repórter deve, sempre que puder, fugir da agenda. Paulo Vinícius Coelho (2003, p.41) aponta o que deve ser feito para melhorar a cobertura esportiva sem se ficar preso às mesmas pautas todos os dias, algo percebido até mesmo pelos profissionais do esporte.

É cada dia mais comum ver técnicos, jogadores, preparadores físicos e fisiologistas reclamando do desconhecimento de profissionais que atuam em jornais em busca apenas de notícia, e que não buscam saber o que se passa dentro de um centro de treinamentos e das coisas que explicam esse ou aquele procedimento (COELHO, 2003, p.42).

É fundamental ao jornalista esportivo criar pautas inteligentes, fugir do lugar comum e utilizar sua criatividade para encontrar pautas mais atrativas. Deve-se prestar atenção em pequenos detalhes, pois é ali que se encontra o diferencial, que vai tornar a notícia de um veículo mais interessante que de outro.

Não há lugar, ainda mais em um grande clube brasileiro, em que não haja notícia. O repórter em questão é que não está conseguindo enxergá-la pela cultura do fato imediato. Vale a declaração bombástica, entrada mais forte de reserva em titular, discussão. Qualquer coisa que sirva para criar polêmica. (COELHO, 2003, p.81).

Outra vertente peculiar da cobertura de futebol é a chamada política do esporte, os assuntos de bastidores, das diretorias dos clubes, que interessam, e muito, aos torcedores. Esses assuntos, em geral, não ganham muito espaço no noticiário diário, porém são de extrema importância, pois é quase sempre dos bastidores da política do futebol que saem as melhores informações, os chamados furos de reportagem. E é a partir desses furos que o jornalista conseguirá matérias diferentes e conquistará seu leitor pela capacidade de fugir da rotina da cobertura diária.

A objetividade é outro ponto crucial, tanto no jornalismo em geral como no jornalismo esportivo. Perseu Abramo (2003, p.36) mostra que a objetividade estaria ligada ao sujeito/objeto, sendo um critério metodológico e epistemológico, enquanto isso, neutralidade, imparcialidade e isenção seriam categorias comportamentais, no sentido adjetivo.

Há diferenças fundamentais entre a objetividade e os demais conceitos. Neutralidade, imparcialidade, isenção, honestidade, etc. são palavras que se situam no campo da ação. Dizem respeito aos critérios do fazer, do agir, do ser. Referem-se mais adequadamente a categorias de comportamento moral. Os próprios conceitos têm caráter moralista e moralizante e, quando conjugados aos seus antônimos, formam pares que tendem a um ajuizamento do tipo bom/mau, certo/errado, etc. (ABRAMO, 2003, p.37 e 38).

A objetividade não nega a dimensão da subjetividade. Qualquer indivíduo que presencie um evento tem um olhar próprio e diferenciado sobre ele, que, pode ser distinto dos demais sujeitos.

O conceito de objetividade [...] situa-se em outro campo [...]: o campo do conhecimento. A objetividade é uma categoria gnosiológica, epistemológica, mais que deontológica ou ontológica. A objetividade tem a ver com a relação que se estabelece entre o sujeito observador e o objeto observável [...] no momento do conhecimento. A objetividade não é um apanágio nem do sujeito nem do objeto, mas da relação entre um e outro, do diálogo entre sujeito e objeto; é uma característica, portanto, da observação, do conhecimento, do pensamento. (ABRAMO, 2003, p.39)

Clóvis de Barros Filho (1995) apresenta a objetividade informativa como uma forma para fugir do problema da ética e da paixão do jornalista. É a referência do jornalismo ideal. Não há como tirar o foco do time da casa e enaltecer a vitória do adversário. Isso desagradaria aos leitores da mídia local, então, a solução é tratar a notícia sem interpretação ou opinião. A equipe local deve estar sempre em destaque, na vitória ou na derrota, nos dias de clássico ou nos amistosos.

Não há como uma mídia local deixar de colocar o foco no time da casa, pois isso causaria descontentamento no público. A equipe local deve estar sempre em destaque, na vitória ou na derrota, nos dias de clássico ou nos amistosos. A concorrência fez com que a reportagem informativa tomasse cunho comercial a ponto de visar ao contentamento de todos os receptores. Portanto, é perfeitamente claro que um *website* produzido em Porto Alegre atenha-se quase que totalmente às duplas Gre-Nal<sup>1</sup> e Ca-Ju<sup>2</sup>, com uma pequena cobertura aos times do interior. Com uma imensa maioria de leitores gaúchos, seria desagradável dispensar espaço para falar do cotidiano flamenguista, salvo em caso de decisões ou contratações de impacto.

---

<sup>1</sup> Maior clássico do futebol do Rio Grande do Sul, disputado entre duas equipes com sede em Porto Alegre: Sport Club Internacional e Grêmio Foot-Ball Portogalense.

<sup>2</sup> Um dos clássicos do futebol do Rio Grande do Sul, disputado entre duas equipes com sede em Caxias do Sul: Esporte Clube Juventude e Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul (S.E.R. Caxias).

Barros Filho (1995, p.39) discute ainda a questão do respeito à verdade ser incondicional, eliminando assim qualquer subjetividade do processo de produção. A “verdade da informação” deve ser soberana e o jornalista apenas um meio para que o fato chegue ao receptor sem qualquer ruído. O que pode até mesmo ser influenciado pela paixão do jornalista pelo clube, pois tornaria a notícia mais subjetiva, amenizando possíveis aspectos negativos sobre o assunto.

Em alguns casos – como no futebol – as regras da objetividade não cativam o leitor. Barros Filho (1995, p.40) acaba por colocá-la como uma questão indesejada na produção jornalística. Em se tratando de futebol, emoção é indispensável, quase um sinônimo do esporte. A leitura de uma matéria cobrindo um evento futebolístico pode se tornar completamente descartável caso o leitor não encontre alguma emoção já no *lead*, ou seja, na primeira parte de uma notícia. O torcedor, amante apaixonado de seu clube, quer ver no texto a mesma – ou até mais – emoção apresentada no jogo, na disputa entre as equipes. Essa emoção, contudo, não pode desmobilizar o assentimento a determinados termos valorativos ou de conduta. A construção da notícia no jornalismo, melhor definida como reconstrução da realidade, é sempre movida por valores permeados pela ética jornalística, que preza o respeito à fidelidade dos fatos, a checagem da informação e o cuidado com os interesses mercadológicos e ideológicos na montagem do texto.

O relacionamento do jornalista com o fato é moldado por critérios éticos que aparecem em todo o processo de produção da notícia. Eugênio Bucci (2000, p.12) acredita que a ética no jornalismo está no próprio exercício da profissão, se distinguindo pouco da prática. A ética não pode ser abandonada, sob pena de haver a possibilidade da informação apresentar-se como deficitária, incompleta ou até mesmo como incorreta. Se a ética for atropelada, a informação resultará tecnicamente débil.

Dar voz aos dois lados de uma mesma história, quando há dois lados que nela se enfrentam, é uma exigência ao mesmo tempo ética e técnica no jornalismo. Procurar a verdade dos fatos é um imperativo ético – e também o objetivo de toda a técnica jornalística. (BUCCI, 2000, p.50)

A ética da imprensa é específica e assim deve ser para benefício do público. Ela traduz um pacto, também específico, entre o leitor e o jornalista, um pacto baseado na credibilidade – e não na diversão ou entretenimento. Para ele, a função social de informar pode se proteger como uma atividade digna da confiança pública. Por vários motivos citados é que faz sentido que se considere a ética dos meios de comunicação pelo ângulo da ética da

imprensa. A comunicação social como um todo é beneficiária do princípio da liberdade de imprensa e deve portar-se à altura dessa condição.

A ética no jornalismo esportivo tem a mesma importância do que em qualquer outra área, uma vez que ela baliza as ações humanas, critica a moralidade e se constitui em princípios e disposições. Ela baliza os parâmetros do que é virtuoso, justo, digno, honesto, solidário, enfim, um conjunto de valores que buscam melhorar a sociedade humana (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.113).

Seja na economia, na política ou no esporte, para ser jornalista é preciso ter uma cultura considerável, algum embasamento teórico, muita prática e nunca esquecer-se da ética. A imprensa esportiva brasileira, por vezes, se perde na excessiva informalidade. Alguns jornalistas esportivos – não todos, felizmente – não conseguem separar sua profissão de suas emoções de torcedor. Há ainda fortes exemplos do fazer jornalístico sem ética.

Para Barbeiro e Rangel (2006, p.113), muitos jornalistas não conseguem separar a amizade do relacionamento profissional, muitas vezes não conseguindo deixar de privilegiar um ou outro competidor, o que é grave para uma análise ética da profissão. Os desvios de conduta do profissional podem prejudicar tanto seu trabalho como a percepção da verdade pelo público leitor.

A ética tem sido o principal balizador do desenvolvimento histórico do esporte. Ele se desenvolve no campo ético desde os tempos da Antiguidade Greco-Romana. O código de ética jornalístico não é para ser aceito como verdade absoluta, mas como objeto de constantes debates, com a busca do consenso e a pressão de caráter moral para que todos sigam o que foi acordado (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.114).

A constante luta para conquistar o leitor sem desviar-se da isenção e da ética passa pela constante representação da verdade. Andréia Costa (2001, p.78) ressalta que “mesmo expressando sentimentos e opiniões, os escritores não podem deixar de transmitir a verdade dos fatos, independente da forma como escrevem ou dos recursos que utilizam”, e complementa:

É claro que, muitas vezes, em meio a essas cargas de passionalidade, os jornalistas esportivos ultrapassam os limites e comprometem a essência do jornalismo, que é a informação. Entretanto, ele não deve se esquecer da responsabilidade social que ele adquire ao assumir um compromisso de escrever em um veículo de comunicação. O jornalista esportivo compromete-se em ser isento ao apresentar todos os lados de uma questão sem distorcer os fatos. É trabalhar com a dose de paixão característica desse segmento, mas sem deixar que suas preferências pessoais contaminem o andamento profissional. (COSTA, 2001, p.78 e 79)

Daniel Cornu (1994) ressalta o fato de os meios de comunicação não serem mais apenas coletores, crivos, transportadores e difusores de informações, mas um novo organizador da vida social. A partir do momento em que os veículos assumem tal poder, os profissionais que atuam nessa área tendem a adquirir certa importância, sendo seus atos, dentro do universo da comunicação, dignos de grande repercussão junto à sociedade. Quando essa relevância da mídia para a população se une, por exemplo, ao futebol, que também ocupa um papel importante na cultura brasileira, e nesse contexto pode influir de forma subjetiva no trabalho do jornalista, há chances de a ética ser abalada nas matérias a respeito da modalidade esportiva, no quesito da seleção do que deve ou não ser notícia e do enfoque a ser dado.

Segundo Cornu (1994, p.37), seja qual for a natureza da função reconhecida ao jornalista, “simples peça funcional de um sistema, cujos objetivos e mecanismos o ultrapassam”, está em questão a legitimidade do seu papel, a “sanção de sua atividade pelo público”. A inserção dos jornalistas nas verdadeiras empresas em que se tornaram os veículos de comunicação, com regras, ideologias e posicionamentos, não tira, para o autor, a responsabilidade do profissional de agir de acordo com a ética, discernindo o que é ou deve ser notícia e a transmitindo com responsabilidade e verdade para o público.

O jornalista é responsável – e pessoalmente responsável! – pela verdade das informações que relata e é seu responsável perante o público. O seu compromisso enquanto sujeito, enquanto indivíduo pertence ao mundo vivido, justifica um esforço que se reclamará na hermenêutica (CORNU, 1994, p.38).

As coberturas do futebol seguem um contexto de espetáculo. Como o esporte é paixão nacional, se não houver notícias suficientes à disposição do torcedor/leitor sobre seu clube, há grandes possibilidades de a concorrência ser consultada e conquistar um novo cliente. Seguindo uma lógica, as empresas de comunicação darão sempre uma cobertura mais completa aos clubes locais, onde são vinculados.

Bucci (2000, p.194) divide a história da imprensa em “quatro idades”. A primeira delas é a imprensa de opinião, datada no século XVIII e marcada pela presença literária e pelo estilo polêmico. A segunda é a imprensa comercial, estabelecida a partir da metade do século XIX e bastante vinculada à publicidade e ao atendimento das necessidades de consumo dos leitores. A terceira idade é do século XX e foi denominada pelo autor de imprensa de massa, onde o espaço público é alargado e modifica o termo “público de consumidores” para “massa”. A última é a imprensa das relações públicas generalizadas, consolidada por volta dos anos 70, em que os estados, as grandes e pequenas empresas e as instituições passam a se

equipar para promover, por si mesmas, a organização dos conteúdos que, em seguida, terão a mídia como passagem para depois se massificarem.

Segundo Bucci (2000), o trabalho de assessoria de imprensa preocupa sob o ponto de vista ético, tanto no aspecto da especialização quanto no do preparo crítico, pois os jornalistas já enviam o material para os veículos com a abordagem que desejam ver nas manchetes dos jornais.

O conflito de interesses, tanto aquele vivido pelas empresas como o individual, ameaça a independência editorial e a qualidade que os órgãos de imprensa transmitem ao público. Corrói por dentro a liberdade de imprensa. Por isso, combatê-lo não é simplesmente buscar um aprimoramento da prática profissional, mas é defender diretamente o pleno direito à informação. (BUCCI, 2000, p.61)

Bucci (2000) complementa ainda que boa parte dos problemas de conflito de interesses da imprensa tem início no momento em que estão em jogo dois clientes, de um lado os leitores, e do outro os anunciantes, sendo que seguidamente os interesses desses dois grupos são conflitantes. Outro problema ético refere-se principalmente às transmissões radiofônicas, mas está presente intrinsecamente na mídia escrita. Por muitas vezes o jornalista é influenciado pelo patrocinador, auferindo vantagens financeiras ou mesmo recebendo presentes.

Alguns jornalistas fazem de tudo pelo *merchandising* e o que isto pode trazer-lhe de vantagens, como uma hospedagem gratuita em hotel com a família ou um jantar na churrascaria tal, o que acarreta uma sequência de ‘abraços e alô’s’ a esses estabelecimentos numa transmissão esportiva. A pior coisa para um jornalista esportivo é ser considerado um ‘jabazeiro’. A credibilidade do jornalista nesse caso é quase nula (BARBEIRO E RANGEL, 2006, p.115).

O patrocinador trouxe mudanças ao mundo futebolístico no que diz respeito às coberturas jornalísticas. Os grandes investimentos aliados às novas possibilidades oferecidas pelas tecnologias contribuíram para que o futebol fosse transformado em uma mercadoria de consumo.

Dentre tantas alterações importantes ocorridas na nossa sociedade durante o século XX, podemos compreender o futebol também como mercadoria de consumo. Até os anos 70, os recursos envolvidos com os clubes de futebol eram formados por três fontes principais: A arrecadação das bilheterias dos jogos; A receita vinda do quadro social; A venda do passe de jogadores. Esse cenário ampliou-se muito nestes últimos anos. Os empresários descobriram que o *marketing* poderia ajudar o futebol, que estava em declínio, assim como os negócios nos clubes e nas transmissões esportivas (CAMARGO, 2006, p.1).

Não é de hoje que o jornalismo esportivo vive um conflito enorme na relação informação e paixão. Mais do que qualquer outro setor da comunicação, o esportivo alimenta fortemente as questões sobre parcialidade, isenção e apresenta o risco constante do profissional de comunicação cometer deslizos perigosos no que se refere à ética e ao compromisso com a verdade.

Recorrendo a Costa (2001, p.78 e 79), é importante ressaltar que “mesmo expressando sentimentos e opiniões, os escritores não podem deixar de transmitir a verdade dos fatos, independentemente da forma como escrevem ou dos recursos que utilizam”. Diz ainda:

É claro que, muitas vezes, em meio a essas cargas de passionalidade, os jornalistas esportivos ultrapassam os limites e comprometem a essência do jornalismo, que é a informação. Entretanto, ele não deve se esquecer da responsabilidade social que ele adquire ao assumir um compromisso de escrever em um veículo de comunicação. O jornalista esportivo compromete-se em ser isento ao apresentar todos os lados de uma questão sem distorcer os fatos. É trabalhar com a dose de paixão característica deste segmento, mas sem deixar que suas preferências pessoais contaminem o andamento profissional (COSTA, 2001, p.78 e 79).

O jornalista tem o dever de seguir os princípios de sua profissão, sob pena de desviar dos fatos e perder credibilidade. Entretanto, ao mexer com algo tão imprevisível e tão intimamente relacionado com a paixão como é o esporte, ele se vê em conflito consigo mesmo, pois é obrigado a lidar com as duas éticas que existem dentro dele. Ele não pode deixar que a ética do torcedor se sobreponha a do jornalista em momento algum. Quando isso acontece, o torcedor percebe de imediato, pois se reconhece no jornalista. Neste momento, ambos estão sendo levados pela mesma força.

Ao mesmo tempo em que o futebol e a política pressupõe a isenção por parte do jornalista, as crônicas jornalísticas ceifam estas restrições, pois têm compromisso apenas com a verdade – ou com a fantasia devidamente definida como tal. Explorando esses caminhos de liberdade opinativa da crônica, Josué Guimarães não esconde seu apreço clubístico ou mesmo seu posicionamento político. Essa postura não representa seu afastamento da ética, pois apenas situa o leitor diante das bases de seus argumentos e reflexões, esclarecendo informações desejadas e buscadas incessantemente pelo leitor em todas as épocas: as preferências políticas e clubísticas do jornalista.

### 2.2.2 Jornalismo Esportivo

Com o intuito de atender determinados públicos, segmentados, que buscavam informações sobre atividades de seu interesse – pessoais ou profissionais -, o jornalismo especializou-se em diferentes áreas. Para cada especialização criou-se diferentes linguagens e formas de abordar o conteúdo a ser transmitido. Surgiu o jornalismo investigativo, o cultural, o policial, o político, o econômico, o ambiental, estendendo-se também a uma área de grande interesse do povo brasileiro: o esporte.

O jornalismo esportivo no ocidente apareceu como uma extensão do jornalismo geral, não chegando a completar ainda duzentos anos de atividade. Entre as raras referências sobre o tema, o inglês *Bell's Life*, de 1838, é considerado o mais antigo órgão neste segmento – mais tarde passou a se denominar *Sporting Life*. Sua criação ocorre com o fortalecimento de clubes e federações na era moderna do esporte mundial, na época em que as instituições se organizavam. O jornalismo como fenômeno moderno somente veio a se fortalecer com o aparecimento do capitalismo.

Em sua luta para reorganizar os Jogos Olímpicos, Barão Pierre de Coubertin, responsável pelo neo-olimpismo, foi decisivo para consolidar o esporte como tema social da mais alta relevância, abrindo caminho para sua chegada às páginas dos jornais. O jornalismo esportivo se fortaleceu e até mesmo os livros sobre esportes tornaram-se mais lidos. A população começou a perceber a importância e o valor do esporte para a saúde e o entendimento da cidadania. O incremento do jornalismo esportivo deve-se à ênfase que a sociedade passou a dar às atividades físicas e que levou cada vez mais as pessoas a praticarem esportes. Por causa dessa expansão, muitos leitores de páginas esportivas são corrosivamente críticos, pois cada um se julga um *expert* de seu esporte e clube favoritos. Cada erro de um redator esportivo é flagrado com rigor, com o agravante de que a paixão dedicada à modalidade ou ao clube agrava o sentimento de revolta deste leitor. No início do século XX, o Rio de Janeiro era o centro das atenções no cenário brasileiro. Assim, os jornais passaram a dar mais espaço à cobertura esportiva dos jogos dos grandes times.

A popularização fez com que a mídia passasse a ceder mais espaço ao esporte. Segundo Antunes (1999, p.183), entre 1916 e 1920 chegou a circular no Rio de Janeiro a revista *Vida Esportiva*, que, para Mário Filho, era o embrião de uma imprensa que deixava o futebol de lado para focar-se apenas na vida dos jogadores. Apenas em 1928 *A Gazeta*, um jornal paulista, passou a publicar um suplemento de esportes em geral que atingiu grande

circulação. Sucesso mesmo, somente a partir dos anos 30, quando a ascensão do esporte chegou a níveis mais altos. A primeira publicação exclusivamente sobre o cenário esportivo nacional foi o *Jornal dos Sports*, surgido em 1930, no Rio de Janeiro.

A Mário Filho deve-se a criação e a valorização do jornalismo esportivo enquanto gênero no Brasil, no início dos anos 30. Depois de organizar um caderno totalmente dedicado aos esportes nos jornais *A Manhã* e *Crítica*, ambos de propriedade de seu pai, ele fundou o *Mundo Esportivo* e, posteriormente, o *Jornal dos Sports*, primeiros jornais totalmente dedicados aos esportes no Brasil. (ANTUNES, 1999, p.186)

Dirigir uma redação esportiva significava encarar uma dura realidade. Havia um preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O hábito da leitura não fazia parte do cotidiano dessas pessoas, que gastavam o dinheiro para ir aos estádios, o que significava ter menos dinheiro para comprar jornais. Assim, era comum jornais e revistas dedicados aos esportes surgirem e desaparecerem do mercado. “Somente nos fins da década de 60, os grandes cadernos esportivos passaram a fazer parte dos jornais, colocando o Brasil na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão” (COELHO, 2003, p.10).

No final dos anos 60, o experiente João Saldanha, que escrevia para os cadernos especializados, ainda fazia previsões desanimadoras sobre o jornalismo esportivo, tais como a que pressagiu para o que seria, anos depois, uma das mais populares publicações sobre futebol. Em 20 de março de 1970, chegava às bancas uma revista de circulação nacional, a *Placar*, dedicada exclusivamente ao futebol até meados dos anos 80, quando abriu pequenos espaços para outros esportes. Após o lançamento da revista *Placar*, que era totalmente dedicada à cobertura esportiva, Saldanha afirmou que a publicação não sairia dos primeiros números.

Duvidar foi o esporte preferido até mesmo de gente experiente, que vivia de escrever para os cadernos especializados, já no meio do século XX. João Saldanha fez uma previsão no final dos anos 60, quando um aventureiro resolveu lançar não um caderno, mas uma revista inteiramente dedicada ao futebol. “Placar” nunca sairia dos primeiros números, imaginava Saldanha, que prestou inestimáveis serviços ao esporte brasileiro (COELHO, 2003, p.8).

Saldanha errou sua previsão, porém, as dificuldades da *Placar* e de outras revistas do mesmo segmento em se manterem vivas as acompanharam ao longo dos anos. Várias estratégias foram desenvolvidas para que essas publicações não chegassem ao fim. Na década

seguinte, a *Placar* voltou a concentrar o foco no futebol, e a dar espaço para as histórias que envolvem os craques e suas equipes para fazer frente à concorrência da televisão.

Na imprensa escrita o grande marco foi a Copa do Mundo de 1970. Em plena ditadura militar, e com o apelo da conquista do tricampeonato pela Seleção Brasileira, os jornais aumentaram o espaço dedicado ao noticiário esportivo. Passou a ser corriqueiro exemplares em que as notícias esportivas eram tratadas com mais destaque que aquelas de outras editorias, principalmente as mais passíveis de censura, como economia e política

Nos anos 60 e 70, época de grandes craques, de dois títulos mundiais para o Brasil, e da concorrência com a televisão, as reportagens passaram a valorizar os esquemas táticos, as inovações na forma de montar e fazer as equipes jogarem, deixando de aterem-se apenas à descrição dos lances. Nos anos 60, os termos em inglês também começaram a desaparecer do noticiário. Entre a perda da copa de 1982 e a década de 1990, o eixo de cobertura passou a ser o preparo físico dos jogadores e a eficiência das jogadas ensaiadas que influenciavam o aspecto mais importante para os torcedores: os resultados.

No fim do século XX, a influência da televisão aumentou e o produto de sucesso dos seus programas estendeu-se aos jornais. A vida pessoal dos jogadores passou a fazer parte das notícias pelas páginas esportivas, com direito à chamada em primeira página. A partir de então, se tornou imprescindível dar voz igual para todas as fontes e não realizar “tietagem”, prestigiando apenas um ou outro em detrimento dos demais.

O futebol pode ser encarado como um formador de identidades, um modelador de comportamentos, e, além disso, um grande formador de ídolos. Como os heróis mitológicos situam-se em tempos remotos, em lendas e mitos, a massa passou a eleger seus próprios heróis de hoje, em muitos casos dentro de seu esporte preferido. Como esporte do povo, das multidões, o futebol transformou-se em cultura de massa, o que Edgar Morin define muito bem:

Como toda cultura, a cultura de massa produz seus heróis, seus semideuses, embora ela se fundamente naquilo que é exatamente a decomposição do sagrado: o espetáculo, a estética. Mas, precisamente, a mitologização é atrofiada; não há verdadeiros deuses; heróis e semideuses participam da existência empírica, enferma e mortal. Sob a inibidora pressão da realidade informativa do realismo imaginário, sob a pressão orientadora das necessidades de identificação e das normas da sociedade de consumo, não há grande arrebatamento mitológico, como nas religiões e nas epopeias, mas um desdobramento ao nível da terra. O Olimpo moderno se situa além da estética, mas não ainda na religião. (1997, p.109)

No futebol, seja o autor dos gols mais bonitos, o jogador mais habilidoso, o goleiro das defesas impossíveis, ou mesmo o zagueiro com aspecto de xerife, todos ganham reconhecimento, e, no momento em que são tratados pela mídia como ídolos, passam a serem referência para o público, mais especificamente os torcedores que se deixam levar pela paixão e emoção proporcionada por esse esporte. Se a mídia apontou como ídolo, instantaneamente o torcedor adota uma identificação com o atleta.

Por isso, escrever, noticiar e falar sobre esportes é uma tarefa muito difícil. Trabalhar com uma área extremamente apaixonante requer isenção clubística total pois, ao contrário, o jornalista corre o risco de se levar pela paixão e desagradar o público que certamente tem sua preferência por uma ou outra equipe. Portanto, cabe aos profissionais do jornalismo dedicados ao esporte usar de todos os recursos próprios à atividade, fazendo com que as notícias sobre o tema sejam tratadas com a mesma distinção das outras editorias.

Mesmo a crônica, gênero que não segue estes padrões, pressupõe alguns aspectos fundamentais e característicos em sua ligação jornalística com o leitor. Um deles é situar as preferências do autor no que tange ao assunto que ele irá abordar. Josué Guimarães deixa claro ser torcedor do Grêmio e vai além, explicitando não ser especialista no futebol, mas utilizando o esporte bretão como base de comparações para outros assuntos de interesse social.

### 3 CRÔNICA, UM GÊNERO DIFÍCIL DE MARCAR

O princípio da atividade humana, em que as relações interpessoais se apresentam como algo fundamental, reafirma os atos de comunicação como algo indispensável. Comunicar pressupõe inúmeras possibilidades, baseadas em vários segmentos, exigindo a interação de no mínimo dois elementos e possibilitando uma troca de mensagens em que os papéis de emissor e receptor se alteram a todo instante. Esse ato de comunicação não exige a presença física desses dois elementos, pois a comunicação pode ser extratemporal, como num pictograma encontrado em uma caverna que, milhares de anos mais tarde, pode ter sua mensagem decodificada por um indivíduo. Essa realidade foi potencializada com a evolução das tecnologias, como o rádio, o impresso, a televisão e a internet, que se consolidaram como novos canais de envio e recepção de mensagens, ampliando o leque de possibilidades que envolvem a comunicação.

Atualmente, muito mais do que em outros períodos da história, é impossível imaginar que o homem possa viver de forma isolada, à margem da sociedade. Pelo contrário, os canais, as ferramentas e as formas de comunicação fortalecem o intercâmbio entre as pessoas, ultrapassando as barreiras geográficas e criando uma ideia de que ninguém está sozinho. A linguagem, conjunto de códigos que permitem a comunicação, possibilita uma interação que, para ser eficiente, exige a adaptação dos participantes aos modelos de comunicação estabelecidos em cada época e situação, para que seus significados sejam compreendidos dentro de determinado contexto.

Partindo desta reflexão, neste capítulo adotamos uma sequência de estudos que inicia com uma discussão sobre o que é a literatura e qual a sua função na sociedade, seguida do estudo dos gêneros textuais e literários para, ao final, chegarmos ao gênero crônica e suas especificidades, principalmente no que tange sua produção jornalística.

#### 3.1 A LITERATURA EM JOGO

A palavra literatura tem como origem o *littera*, do latim, que significa "letras" - um sinal gráfico que representa os sons das palavras. Em latim, no entanto, ela encontra uma definição mais aprofundada e recebe a significação de um conjunto de saberes ou habilidades de escrever e ler bem, relacionando-se com as artes da gramática, da retórica e da poética. A literatura tem suas bases na Grécia antiga, local em que recebeu seus primeiros conceitos.

Mas foi a partir do Realismo, que defendeu a literatura como uma forma de representação do real, desvalorizando e se afastando de sentimentos ou imaginações, que ela iniciou um processo de aproximação com o cotidiano das pessoas. “O Realismo privilegia uma visão materialista das coisas e dos fenômenos: desse ponto de vista, confere-se proeminência à realidade material e empiricamente verificável” (REIS, 2003, p.437). O ser humano passou a ser retratado em suas qualidades e defeitos, através de um olhar neutro e desapaixonado de sua existência, constantemente apresentado como vítima de um sistema social que o excluía da possibilidade de mudar de classe.

Ao mesmo tempo em que o Realismo ganhava força, surgia também o Naturalismo que, dotado de uma linguagem simplificada, trazia em seu contexto os aspectos anormais da vida humana, representando as taras, os vícios e o instinto do homem daquela época. A mudança radical na literatura iniciou ao final do século XIX, quando alguns autores passaram a dispor de uma linguagem mais formal. Neste período, chamado de Modernismo, caía por terra a concepção de uma linguagem literária com significado único e linear para, no decorrer século XX, firmar-se através da consciência e do poder criativo do autor, a quem caberia imaginar e recriar o mundo através de seu olhar e das mais diferentes formas.

Esta aproximação da literatura com a linguagem do povo ampliou sua abrangência e a transformou em uma importante fonte de pesquisa para o conhecimento da vida, das pessoas e de suas relações. A visão de mundo do autor, representada com o apoio de elementos ficcionais, dá uma nova dinâmica ao fazer literário. Com a disseminação de autores no campo literário, sua função social ganhou evidência, mas trouxe, ao mesmo tempo, a dúvida sobre o que é ou não literário. Para Reis, o conceito de texto literário se dá através da intencionalidade do autor.

A caracterização da linguagem literária como fenômeno autónomo apoia-se, em primeira instância, na noção de que a criação literária constitui uma actividade intencional e finalística. Quando escreve um texto, o escritor normalmente sabe que esse texto virá a ser entendido como texto literário (2003, p.103).

Se este mesmo autor obedecer a observância de determinados protocolos de escrita literária e anexar a ela sua liberdade, será suficiente para que esteja inserido em uma produção literária. “Assim, escrever literatura é, na esmagadora maioria das vezes e ressalvas raras exceções, um ato deliberadamente estético, que o escritor é o primeiro a reconhecer como tal.” (REIS, 2003, p.103)

A linguagem literária não exige que o autor obedeça a uma rígida estruturação para que se faça compreender pelo leitor. Esta liberdade dá ao autor a possibilidade de expressar suas ideias de forma livre, com palavras, sonhos e experiências, exatamente o que Josué Guimarães, escritor com suas bases estabelecidas no fazer literário, levou ao seu fazer jornalístico com o uso do gênero crônica. Em contraponto com os discursos diários, em que há dificuldade no acréscimo de termos com duplos sentidos, ou mesmo de figuras de linguagem, a linguagem literária permite às palavras assumirem novos significados e representações, efetivadas na inter-relação autor/texto/leitor, em que cabe ao primeiro subjetivar e ao último decodificar e interpretar os inúmeros sentidos do texto e o jogo discursivo que ele representa.

Sempre que se torne necessário distinguir o discurso literário do não literário, essa distinção não se fixará prioritariamente em propriedades de natureza formal: nesse plano (e estritamente nesse plano formal, sublinhe-se) o discurso literário não reclama uma especificidade expressiva que o autonomize claramente em relação às utilizações não artísticas da linguagem verbal. E se algumas propriedades formais parecem poder responsabilizar-se por essa especificidade (o verso, a rima, a metáfora, a conotação, etc.), deve acrescentar-se que tais propriedades ocorrem também em discursos não literários, continuando a ser, por si sós, insuficientes para a determinação formal da literariedade (REIS, 2003, p.118).

Segundo Reis, frases soltas e descontextualizadas não são suficientes para determinar se há ou não literariedade, cabendo às condições situacionais em que elas estão inseridas a compreensão ou não do texto como literário. É fundamental que o texto contenha algumas propriedades necessárias para ser lido como literário. “Só uma indagação sociocultural pode revelar se um texto há de considerar-se, para uma certa época e por um certo público, literário ou não.” (REIS, 2003, p.122) Sendo um texto literário, a forma como ele é apresentando é que determinará sua tipificação e classificação quanto ao seu gênero.

### 3.2 GÊNEROS E ENUNCIADOS, QUESTÕES TÁTICAS

Toda atividade comunicativa de um locutor, utilizada em uma situação de comunicação determinada, pode ser chamada de discurso, englobando não apenas o conjunto de enunciados por ele produzidos em tal situação, mas também o evento de sua enunciação. Através do uso de uma unidade linguística, cria-se uma interação que serve de base para a comunicação entre emissor e receptor, que podem ser auditiva ou visual, no segundo caso através do uso do texto. O discurso reside entre a língua – sistema ideologicamente neutro – e

a fala, sendo fonte de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos. Nessa medida, todo e qualquer discurso é isento de neutralidade e impregnado de intencionalidade. Em todo discurso há, de alguma forma, uma tática.

O discurso constrói-se através de enunciados e estes não são independentes nem indiferentes uns aos outros. Cada enunciado é repleto de nuances de outros enunciados, com os quais se relaciona no processo de comunicação verbal, o que criou novas perspectivas literárias para o discurso. A literatura comporta várias formas de texto e tipificações, articuladas também na tradicional classificação dos gêneros literários, dramático, lírico e narrativo ou denominadas através de expressões como “tipo textual”, “gênero textual” ou “gênero discursivo”. São diversos os valores conceituais e propósitos metodológicos de cada uma dessas categorias, que podem estar inseridas, umas dentro das outras, em situações de análise, figurando como um instrumento adequado à investigação no domínio do discurso. Tal abordagem, contudo, associa-se criticamente à discussões anteriores específicas, vinculadas ao literário e aos gêneros que o compõem.

A distribuição em gêneros estabelece-se sobre uma vontade de ordem, no duplo sentido da palavra. Por um lado, repartindo os objetos no interior de categorias determinadas, é possível remediar a desordem de uma produção apresentada ‘a granel’. Por outro lado, essa organização funciona como uma espécie de ordem a seguir, no sentido de que a categoria genérica predetermina o conteúdo das produções que se enquadram na ordem estabelecida (STALLONI, 2001, p.13).

Esta ideia de uma subdivisão por gêneros, segundo Stalloni (2001) - centrado na questão do literário, pressupõe uma união de textos através de critérios de semelhança que possibilitam uma classificação através de um nível em relação à própria espécie, gerando também outras subdivisões em unidades menores. Há, no entanto, um problema de natureza lexical que gera um questionamento sobre a natureza particular das diversas produções literárias, levando em conta o ângulo escolhido para conduzir a análise, a recepção reservada à obra, sua literariedade e a própria essência presente na literatura. “Ao contrário do que se passa com outras artes, parece ser muito difícil, para a literatura, chegar a um consenso sobre uma teoria coerente dos gêneros baseados em definições rigorosas e em delimitações precisas” (STALLONI, 2001, p.16).

Essa dificuldade em estabelecer com precisão a definição dos gêneros literários é consequência de suas constantes alterações e inúmeras variações que podem sofrer de acordo com os contextos em que estiverem inseridos. Mesmo assim, em alguns casos, até mesmo um leigo pode identificar e compreender suas diferenças, pois alguns desses gêneros obedecem a

critérios que demonstram com maior evidência à família que pertencem, como no caso dos poemas.

É possível identificar que a divisão dos gêneros é pautada na necessidade humana de classificar os objetos que fazem de seu cotidiano e, como esta classificação é feita pelo próprio homem, pode ser reorganizada a qualquer momento. Entretanto, o gênero tem sua vital função no momento em que é ele quem estabelece os cânones a serem respeitados pelo autor no momento da criação, assim como constrói uma forma de guiar e orientar o leitor para que este alcance o entendimento da obra literária.

Quanto à tipologia dos gêneros, Massaud Moisés (1968, p.52) apresenta uma subdivisão dos gêneros em espécies que, por sua vez, se subdividiriam em formas. Então passaríamos a ter dois gêneros - prosa e poesia - sendo que esta última se dividiria em duas espécies - lírica e épica - estas por sua vez, dividir-se-iam em várias formas - a lírica em soneto, ode, etc., e a épica em poema e epopeia. O gênero prosa não aceitaria subdivisão em espécies, mas tão somente em formas, a saber conto, novela e romance.

Quem também oferece uma importante contribuição ao tema gêneros literários é Stalloni, que, partindo do pressuposto de que não se deve estabelecer e enquadrar em um único gênero uma obra literária, defende o estudo dos gêneros literários como um dos elementos para a análise da expressividade da obra literária.

A liquidação do gênero é, portanto, pronunciada aqui em nome de uma prioridade do texto que a crítica atual, especialmente há três décadas, não parou de reivindicar. Para o comentador, bem como para o criador, já se foi o tempo da lei das categorias, e a literatura, liberta desses grilhões teóricos, teria enfim chegado à liberdade de escolher suas próprias vias (2001, p.182).

Stalloni (2001, p.31) reconhece que escritores contemporâneos optam pela produção de obras que se caracterizam por sua dimensão única, até mesmo chamadas de inclassificáveis ou transgressivas. Essa posição é justificada pelo teórico com base na condição dos textos que abrangem dois ou mais gêneros, tipos, modos ou escritas. “O gênero define-se menos pela realização de um modelo preexistente e pelo respeito de uma codificação abstrata do que pela concretização de uma espécie de “pacto” estabelecido entre a obra e o público” (STALLONI, 2001, p.31).

A partir destes conceitos é possível materializar o gênero literário como uma parceria criada implicitamente entre autor, obra e leitor, em que o último ocupa um lugar em que é capaz de reconhecer certos deslizamentos, mesmo que tênues, das fronteiras de gênero, que se

renovam em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual criada. Josué Guimarães, por exemplo, simplesmente dialogava com o leitor, sem uma preocupação com algum padrão de sua trajetória literária, simplesmente levando ao papel suas ideias, pensamentos e reflexões, produzindo materiais jornalísticos literários que só se encaixam no gênero que mais oferece liberdade aos escritores: a crônica.

É possível observar uma grande diversidade conceitual em pesquisas que tem como objeto a análise dos gêneros, oriundas de correntes teóricas diversas, com diferentes interpretações destacadas pelos estudiosos do assunto. Entre os autores que abordam a questão dos gêneros do discurso, quem oferece uma contribuição crucial ao assunto é Bakhtin, que, ao refletir sobre sua heterogeneidade, não concorda com a forma de tratamento dos gêneros do discurso desde a antiguidade, argumentando que eles não foram estudados como determinados tipos de enunciados que são diferentes de outros tipos, fazendo com que quase não fosse levado em conta a questão linguística geral do enunciado e dos seus tipos. “A isto provavelmente se deve o fato de que a questão geral dos gêneros discursivos nunca foi verdadeiramente colocada. Estudavam-se – e mais que tudo – os gêneros literários”. (BAKHTIN, 2003, p.262). O autor complementa, argumentando que falamos em vários gêneros, mas quase sempre sem suspeitar da sua existência. As formas da língua e as formas de enunciados fazem parte de nossa formação e aprendizado da língua materna, de forma que os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que organizam as formas gramaticais. Para ele, os gêneros do discurso resultam em formas-padrão “relativamente estáveis” de um enunciado, determinadas sócio-historicamente. O autor explica que nos comunicamos, falamos e escrevemos através de gêneros do discurso até mesmo em uma conversa informal entre amigos.

Até mesmo no bate-papo mais descontraído e livre nós moldamos o nosso discurso por determinadas formas de gênero, às vezes padronizadas e estereotipadas, às vezes mais flexíveis, plásticas e criativas (a comunicação cotidiana também dispõe de gêneros criativos. Esses gêneros do discurso nos são dados quase da mesma forma com que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática. (BAKHTIN, 2003, p.282)

Para Bakhtin, até mesmo nosso ato de aprender a falar é baseado no processo de aprender a construir enunciados e, após o aprendizado de moldar nosso discurso através de gêneros, as primeiras frases de um discurso alheio já nos permitem identificar seu gênero. “Se os gêneros do discurso não existissem e nós não o dominássemos, se tivéssemos que criá-los pela primeira vez no processo do discurso [...] a composição discursiva seria quase

impossível” (BAKHTIN, 2003, p.283). É pela participação dos usuários que ocorrem os processos de variação das formas da língua e os gêneros. Isso exige uma certa estabilidade a ser respeitada pelos indivíduos, tanto das formas da língua quanto das formas do gênero, tendo em vista que, no caso dos gêneros em comparação com as formas da língua, eles são muito mais fáceis de combinar, porém, carregam um valor normativo para o indivíduo falante: eles lhe são dados, não é ele que os cria. O autor discrimina o estilo como algo absolutamente ligado aos gêneros do discurso, ressaltando que através dele a individualidade do falante pode ser refletida. No entanto, observa que nem sempre é possível ao sujeito representar sua individualidade estilística, pois alguns gêneros requerem uma forma padronizada de linguagem.

A habilidade no uso dos gêneros está diretamente relacionada ao domínio que o falante tem em relação a eles. Quanto maior for esse domínio, maior será a facilidade de empregá-los de forma usual e adequada nas situações comunicativas em que estiver inserido. Segundo Bakhtin (2003), é grande número de pessoas que apresentam amplo conhecimento em relação a determinada língua, mas sentem-se pouco potentes em algumas situações por não dominarem os gêneros de dadas esferas. Para ele, é a própria vivência em situações comunicativas e o contato com os diferentes gêneros do discurso que irão auxiliar o falante a compreender o que é ou não aceitável em determinada prática social. Quanto mais experiente for o sujeito, mais hábil será na diferenciação dos gêneros e no reconhecimento do sentido e da estrutura que o compõe.

Compreender a teoria de Bakhtin exige a absorção de outros conceitos, entre eles os de palavra, oração e enunciado. A palavra, da mesma forma como uma oração simples, não exige o ato comunicativo ou uma atitude de resposta por parte do outro. Ela pode ser retirada do contexto, não necessariamente sendo precisa, tendo em vista que não representa o final de um ato comunicativo, mas apenas um fragmento dele. A oração ou a palavra, só a partir do momento em que se tornam um enunciado, é que passam a representar a intenção do falante. Bakhtin explica que até mesmo a escolha das palavras se dá de acordo com o gênero discursivo utilizado naquele momento. O autor cita o exemplo: “Neste momento, qualquer alegria é apenas amargura para mim” (BAKHTIN, 2003, p.293), em que somente é possível compreender o sentido imposto pelo autor à palavra “alegria” através do gênero, compreendida como tristeza neste contexto discursivo. O autor considera que as palavras são dotadas de expressões individuais, incorporadas ao nosso discurso a partir de enunciados de outras pessoas.

Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de *assimilação* – mais ou menos criador – das palavras *do outro* (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos (BAKHTIN, 2003, p.294 e 295).

A palavra, nos termos de Bakhtin (2003), pode ser compreendida como um eco da expressão individual alheia. Há, ainda, uma diferença acentuada entre o que é enunciado e o que é apenas palavra ou oração. Estas não são ditas para alguém, não tem um destinatário e nem se referem a ninguém, o que é o oposto do enunciado, que pressupõe um ato de comunicação social, com interatividade entre sujeitos falantes, em que o receptor é sujeito ativo, pois ao ouvir e compreender um enunciado, adota para consigo uma atitude responsiva, podendo ele concordar, discordar, completar, direcionar etc. É esta participação ativa do ouvinte, oferecendo uma resposta ao enunciado, o plano tático de quem enuncia e uma característica fundamental daquele. Assim, cria-se uma alternância de atos de fala, uma relação dialógica em que um falante, ao terminar o seu ato de fala, dá lugar ao ato de fala do outro, atendendo a posição responsiva. Essa alternância acontece sucessivamente, até o término do ato comunicativo.

Ao falar sobre a polifonia, Bakhtin (2003) afirma que cada ato de enunciação é composto por diversas vozes, tomadas por várias assimilações e reestruturações, fazendo com que cada discurso seja composto de vários discursos. Estas vozes dialogam dentro do discurso, fazendo com que, a partir deste diálogo, ocorra a construção da consciência individual do falante, que também é reflexo da consciência dos demais falantes presentes no diálogo. Assim, a consciência individual é resultante de um diálogo de interconsciências. O traço que serve como base do enunciado, assim, é o fato de ser produzido para um destinatário.

O papel dos outros, para quem se constrói o enunciado, é excepcionalmente grande, como já sabemos. Já dissemos que esses outros, para quem meu pensamento pela primeira vez se torna um pensamento real (e deste modo também para mim mesmo), não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação discursiva. Desde o início o falante aguarda a resposta deles, espera uma ativa compreensão responsiva. É como se todo o enunciado se construísse ao encontro dessa resposta (BAKHTIN, 2003, p.301).

Este receptor do discurso, no entanto, não é necessariamente alguém totalmente definido, como um participante-interlocutor direto do diálogo cotidiano, mas pode ser também um outro totalmente indefinido, não concretizado. Há, porém, segundo Bakhtin (2003), nos casos em que existe a definição de quem será o receptor, uma preocupação com a elaboração do enunciado de acordo com o assunto a ser tratado e as particularidades deste receptor, como seu letramento, simpatias ou antipatias. Só a partir desta identificação é que será feita a escolha do gênero indicado àquela situação comunicativa. É esta intenção comunicativa pré-definida que, para o autor, determina os usos linguísticos que originam os gêneros e constituem os tipos “relativamente estáveis” de enunciados. Na história da literatura, o problema da concepção do destinatário do discurso é de enorme importância.

Cada época, para cada corrente literária e estilo artístico-literário, cada gênero literário no âmbito de uma época e ainda cada corrente têm como características suas concepções específicas de destinatário da obra literária, a sensação espacial e a compreensão do seu leitor, ouvinte, público e povo (BAKHTIN, 2003, p.205).

Uma análise dessa evolução nos faz compreender que os gêneros vão sofrendo modificações de acordo com o momento histórico em que estão inseridos, com características peculiares em cada situação social. Bakhtin (2003) vincula a formação de novos gêneros ao aparecimento de novas esferas de atividade humana, com finalidades discursivas específicas. Esta imensa heterogeneidade levou o autor a dividi-los em primários (os mais simples) e secundários (os que ocorrem em circunstâncias culturais mais complexas). Para Bakhtin (2003), os gêneros secundários surgiram a partir de uma transmutação dos primários, se tornando resultado de um processo de elaboração mais detalhado. “A imensa maioria dos gêneros literários é construída de gêneros secundários, complexos, formados por diferentes gêneros primários transformados (réplicas do diálogo, relatos cotidianos, cartas, diários, protocolos, etc.)” (2003, p.305).

Esses gêneros secundários se consolidam como uma forma diversa da comunicação discursiva primária. Desta forma, um simples diálogo cotidiano relatado em um romance perde seu caráter imediato e passa a incorporar em sua forma as características do universo narrativo que lhe deu origem, deixando de ser cotidiano e se transformando em um acontecimento literário.

### 3.3 O GÊNERO CRÔNICA, MARCAÇÃO INDIVIDUAL

Tudo aquilo que seu autor batizar com o nome de crônica, será crônica. Deste pressuposto parte a dificuldade em definir este gênero de modo categórico, devido ao seu caráter misto e impuro, dotado de certa instabilidade que impede uma classificação exata. Com seu hibridismo característico, em um misto de referencialidade jornalística e narração literária, abrange temáticas diversas, tempos inexatos, estéticas particulares e semânticas livres. A liberdade deste gênero concede a ele um caráter dialógico que tem, em sua essência, o poder de discutir com o leitor, trazer-lhe para dentro da crônica, projetando-o em aspectos de sua atualidade pelo olhar de um escritor ou jornalista. Os elementos do cotidiano, pela voz do cronista, tendem a se transformar em acontecimentos literários, com a seleção do cotidiano, do político e do cultural, anexados ao tempo da fruição estética, que se abre para além da leitura da informação.

#### 3.3.1 Crônica, como o Futebol, Tipicamente Brasileira

A crônica teve uma longa trajetória até conquistar sua afirmação como gênero literário. A palavra “crônica” e suas variantes *chronica*, *caronica*, *crônica* e *crônica* estão etimologicamente ligadas ao termo *Chronos*, deus da mitologia grega que representa o tempo. Com sua transposição para o latim, o termo passou a significar o registro dos fatos contemporâneos. Quem define o termo com precisão é Massaud Moisés:

Do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo latim *chronica*, o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica. Situada entre os anais e a história, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-los. Em tal acepção, a crônica atingiu o ápice depois do século XII, graças a Froissart, na França, Geoffrey of Monmouth, na Inglaterra, Fernão Lopes, em Portugal, Alfinso X, na Espanha, quando se aproximou estreitamente da historiografia, não sem ostentar traços de ficção literária. A partir da Renascença, o termo ‘crônica’ cedeu vez a ‘história’, finalizando, por conseguinte, o seu milenar sincretismo (2003, p.101)

Foi com o surgimento da imprensa como divulgadora de textos literários, a partir do século XVIII, que a construção do gênero ganhou forma, inicialmente assumindo o papel de registrar os fatos reais ao longo de sua evolução no tempo. Mas, antes disso, ainda no século XIV, a crônica se colocava como uma forma preliminar do que se tornou a historiografia

moderna. Em Portugal, por exemplo, Fernão Lopes sobressaiu-se como um exímio cronista dessa época. No século XVI, assumindo uma função mais descritiva, esse gênero tinha por finalidade relatar as viagens expedicionárias, nas quais o cronista descrevia com a mais possível exatidão o continente explorado pelo seu governante.

No Brasil, apesar de não ser tratada como crônica, a carta escrita pelo português Pero Vaz de Caminha e endereçada ao rei D. Manuel, descrevendo a paisagem da Terra de Vera Cruz, nova terra descoberta, os fatos simples do cotidiano e os costumes dos nativos que ali foram encontrados, é considerada a primeira produção deste gênero no país. Com uma fidelidade às circunstâncias, Caminha conseguiu retratar as características da nova terra e, ao mesmo tempo, expressar sua opinião quanto à experiência que acabara de ter. A crônica contemporânea preservou algumas características da carta de Caminha, como a arte de registrar os acontecimentos e importantes em determinada sociedade, oferecendo ao público a informação através da releitura feita pelo cronista.

Segundo José Marques de Melo (2003), a história da crônica no Brasil se relaciona à história do jornalismo. No século XIX, jornais já cediam espaço a um gênero textual que se aproximava da crônica: o folhetim. Era a forma utilizada por muitos escritores brasileiros atingirem um público mais amplo e, ao mesmo tempo, garantirem seu sustento. No século seguinte, no entanto, a ela ganhou destaque em jornais e revistas – e posteriormente nos livros ao debater assuntos como política, gastronomia, esporte, moda, economia, literatura e tudo mais que inspirasse o cronista.

A evolução da crônica brasileira está diretamente ligada ao desenvolvimento da imprensa no Brasil, pois, ao longo de seu percurso, o gênero esteve sempre ligado e presente nos meios de comunicação. O ingresso da crônica em outros ambientes, como nas publicações diárias e periódicas, afastando-se apenas de um caráter histórico e documental, contribuiu para a conquista de um público fiel. “Da História e da Literatura, a crônica passa ao jornalismo, sendo um gênero cultivado pelos escritores que ocupam as colunas da imprensa diária e periódica para relatar os acontecimentos pessoais”. (MELO, 2003, p.141).

O século XX trouxe à crônica uma linguagem que se aproximou do povo e, assim, se propagou principalmente no Rio de Janeiro, com cronistas afamados como João do Rio e Lima Barreto. Assim, alcançou uma dimensão até então não atingida por nenhum outro gênero, conquistando um expressivo número de leitores. Foi combinando literatura e jornalismo que a crônica adquiriu características únicas no Brasil, o que fez muitos estudiosos a considerarem um gênero textual tipicamente brasileiro, levando alguns nomes da literatura,

como Josué Guimarães, a atuarem como cronistas, apesar de o autor de *Camilo Mortágua* ter alcançado reconhecimento como cronista, ainda jovem, antes de se consagrar como romancista, já na maturidade.

Dotada de uma função comunicativa, a crônica não carrega uma rigidez de características peculiares apenas a ela. Pelo contrário, ela constantemente invade e é invadida por outros gêneros literários, o que a torna um campo híbrido para a criatividade dos cronistas. Dividida entre o aspecto jornalístico e literário, a tarefa de defini-la é complicada, pois trata-se de um gênero que ao mesmo tempo em que se consolida como um texto conciso e efêmero no que tange ao âmbito jornalístico, é dotada de uma atenção estética no campo literário. Diante disso, podemos observar que a crônica apresenta-se em um espaço situado entre a literatura e o jornalismo, e com liberdade para transpassar entre um e outro em todos os momentos.

Há de se observar, no entanto, que o seu uso no fazer jornalístico difere da tarefa de produzir reportagens, pois há diferenças entre o trabalho de um repórter e o de um cronista. Enquanto o primeiro necessita de informações verídicas que devem ser apresentadas fidedignamente ao leitor, o cronista tem a liberdade de se alimentar de acontecimentos nem sempre verificados e colocar uma gama infinita de imaginário e opinião nos textos de sua autoria, além de ter a liberdade de trabalhar com o que é apenas literário, conforme argumenta Rildo Cosson:

Dessa preocupação com os fatos e a verdade deles, a literatura parece descompromissada. Não quer dizer que o mundo seja a menor das ocupações literárias. Ao contrário, a literatura está sempre dizendo o mundo, mas ao dizê-lo o constrói segundo a sua semelhança. Trata-se da apropriação ficcional da realidade que é, obviamente, diferente da apropriação factual demandada pelo jornalismo. Essa diferença capital entre os dois discursos está representada pelas próprias metáforas com que os denominamos. Desse modo, se o jornalismo é o império dos fatos, a literatura é o jardim da imaginação. Na metáfora do império estão contidas as idéias de força, domínio e amplidão de territórios que contrastam com a fragilidade e a sacralidade da arte de cultivar as flores da linguagem no jardim da imaginação (2002, p. 58).

Ao lembrarmos que a crônica também é literatura, podemos compreender a liberdade proporcionada pelo gênero ao trabalho do escritor, que poderá apresentar ao público uma visão potencializada do assunto, que até então estava obscurecida pela rigidez do trabalho jornalístico. Por conter em sua estrutura tipos textuais diferentes e abordar uma variedade de assuntos, provoca certa confusão ao leitor que busca a compreensão de que determinado texto realmente trata-se de uma crônica. Até mesmo os teóricos desta área não chegam a uma

definição padrão do que efetivamente define uma crônica jornalística e o que trata-se apenas de uma crônica literária, pois os conceitos são flexíveis e variados. Vázquez Medel opina sobre os caminhos que devem trilhar o jornalismo e a literatura:

As relações entre criação literária e exercício jornalístico têm sido problemáticas desde seus inícios. Parece que aquela, sem abandonar a dimensão lúdica e fruitiva, deve encaminhar-se para o essencial humano, bem que encarnado nas inevitáveis coordenadas espaço-temporais que nos constituem. A atividade informativa, ao contrário, aponta mais para o efêmero, passageiro, circunstancial (e sabemos até que ponto a vertigem informativa devora a estabilidade e permanência dos acontecimentos). Simplificando muito, parece que a literatura se orienta para o importante e a informação jornalística para o urgente (2002, p.18).

Por ser elaborada num estilo coloquial, a crônica apresenta em sua composição marcas típicas da oralidade, que estabelecem maior interação e proximidade entre locutor e interlocutor, com textos escritos mais próximos da fala. Esta aproximação entre cronista e leitor ocorre também quando o primeiro revela gradativamente em suas produções aspectos de sua intimidade, transformando o público em um confidente que, a qualquer momento, poderá receber alguma informação particular. Essa aproximação, no caso da crônica jornalística, relata um fato a um público determinado através de poucas palavras, obedecendo às necessidades da indústria jornalística. Afrânio Coutinho (1986) aponta que o estilo de linguagem da crônica deve tender para as formas simples e para o tom comunicativo, de conversa, de bate-papo.

A crônica deve empregar de preferência a linguagem da atualidade, não evitando de maneira sistemática os idiomatismos, epítetos circunstanciais e certos jogos de palavras que se formam eventualmente para desaparecer algum tempo depois. Sem essa prática, a crônica deixaria de refletir o espírito da época, uma vez que a língua corrente constitui a mais viva expressão da sociedade humana, no tempo. A linguagem e, mais expressivamente, a gíria social, é um tempero importantíssimo na confecção de uma crônica (p. 134).

O cronista sabe e usa disso para passar ao leitor não o que está nas palavras em si, mas o que está no que elas significam, mesmo que seja necessário usar termos que flutuam entre o real e o irreal, mas sempre respeitando as características da linguagem em cada época e local. Massaud Moisés (1988) vê na brevidade e na subjetividade as características específicas da crônica. Para ele, a crônica é um texto curto, de meia coluna de jornal ou de página de revista, e o que importa ao leitor é a veracidade emotiva do cronista (e não a veracidade positiva), ou seja, sua visão de mundo, motivo pelo qual o gênero situa-se em terreno fronteiro com a poesia e com o conto.

Para o autor, a crônica monta-se em torno de muito pouco ou nada e é por meio do estilo ágil, simples, oral e poético que se sustenta. Moisés (1988, p. 257) aponta que o texto da crônica tem que ser direto, espontâneo, jornalístico, de imediata apreensão, munido de todo o arsenal metafórico que caracteriza e identifica as obras literárias, comentando ainda que a “ambiguidade, brevidade, subjetividade, diálogo entre oral e literário, temas do cotidiano, ausência de transcendente, – eis os requisitos essenciais da crônica, a que falta adicionar, tão somente um outro: [...] a efemeridade”.

A crônica é suporte de momentos compartilhados muitas vezes com o leitor, mas é apresentada de tal forma que este sente prazer ao lê-la, pois seus pensamentos abrem novos horizontes, novos caminhos para um fato anteriormente definido, rotulado. De certo modo ensina a ver, a perceber novas resoluções, atitudes, concepções de valores, diante de um fato tão comum na sociedade. Através de sua linguagem breve e coloquial, a crônica propicia com isso uma maior aproximação com o seu público. Essa oscilação entre a literatura e o jornalismo fornece à crônica em uma visão da subjetiva do cronista, responsável por descrever fatos do cotidiano de uma sociedade através de textos que são voltados exatamente para os leitores que fazem parte desta mesma sociedade. Coutinho entende que a crônica é a arte da palavra, altamente pessoal, uma reação individual, íntima, ante o espetáculo da vida, as coisas, os seres. O autor defende que não há nada mais literário que a crônica e que a sua efemeridade, bem como sua publicação em jornais, não a tornam um gênero menor:

O fato de ser divulgado em jornal não implica em desvalia literária do gênero. Enquanto o jornalista tem no fato seu objetivo, seu fim, para a crônica o fato só vale, nas vezes em que ela o utiliza, como meio ou pretexto, de que o artista tira máximo partido, com as virtuosidades de seu estilo, de seu espírito, de sua graça, de suas faculdades inventivas.[...] E tanto ela não é indissoluvelmente ligada ao jornal, que esse prazer decorre da sua leitura mesmo em livro, como é o caso de Machado de Assis, Rubem Braga, Henrique Pongetti, Ledo Ivo, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Carlos Drummond de Andrade, Álvaro Moreira, Elsie Lessa, Fernando Sabino, Eneida, para citar alguns mestres do gênero. (COUTINHO, 1983, p. 305)

O cronista precisa aceitar o convívio com um grande paradoxo, pois transita entre os espaços da liberdade, horas como seu dono, horas como seu prisioneiro, pois precisa respeitar o limite tênue de explicitar o que é verdade e o que é fantasioso, de forma subliminar, para manter o leitor interessado no texto. E desta dualidade que surgem crônicas que ficam marcadas e eternizadas no tempo, como as produzidas por Josué Guimarães.

Essa liberdade textual que permeia a crônica para que ela seja utilizada como ferramenta para oferecer ao leitor os acontecimentos do dia-a-dia, possibilita que ela apareça

em formas de cartas, contos ou poemas em prosa, de forma com que possa facilitar uma aproximação do público por esses textos. Uma característica do bom cronista é alcançar a realidade de uma forma simples e peculiar, acentuando o brilho que a história já continha e a tornando ainda mais cativante aos olhos do leitor.

O cronista, assim como os autores de todos os demais gêneros textuais e literários, escreve para o público com a convicção de que sua produção irá causar uma atividade responsiva no receptor, que poderá concordar ou não com seus argumentos. A ideia de causar algum reflexo neste leitor, criando uma espécie de debate, é uma das características da forma de se fazer a crônica, que não deve se prender nunca ao senso comum. O cronista deve utilizar da pesquisa aprofundada sobre os fatos para oferecer ao público um olhar alternativo, com crítica e criatividade, de uma forma que ele não conseguiria fazer sozinho.

Toda essa liberdade e hibridismo da crônica jornalística, que aparentemente a transformariam em um gênero de fácil escrita, traz na verdade uma exigência intrínseca ao autor, que não dispõe tempo para sua produção, tendo em vista o fechamento diário dos jornais, assim como quase sempre não oferece a possibilidade do cronista conhecer o que a sociedade já está refletindo sobre o assunto que irá tratar, o que, de certo modo, interfere diretamente em seu trabalho.

Essa aproximação com o cotidiano coloca os cronistas como narradores de seu tempo, com a possibilidade de flutuarem em um universo ambivalente que vai da ficção à realidade, nem sempre com o cuidado de esclarecer o que é real e o que é fantasia, embora isso não comprometa o caráter histórico e documental que possui a crônica publicada no suporte jornal. No caso da crônica produzida para o livro, com cunho mais ficcional e dotada de contextos mais amplos que os locais, ganha um caráter duradouro, deixando de ser um mero painel fragmentado das páginas jornalísticas. Cabe ao autor selecionar com arte seus melhores textos, atribuindo-lhes uma sequência temporal e temática.

Por interagir no meio social através de uma linguagem simples, da concisão textual, da relação de interação entre autor e leitor, oferecendo fatos do cotidiano e flutuando entre a ficção e a realidade, representando um gênero flexível que se encaixou nas necessidades da imprensa, a crônica assumiu uma função sócio-comunicativa que caiu no gosto de leitura de quem busca informação e opinião em um mesmo local. Em especial no Brasil, como o futebol, a crônica ganhou feições próprias, partilhando com o esporte a condição de dialogar com aquilo que podemos julgar parte da identidade nacional. Para José Marques de Melo (1985), as características presentes nas crônicas produzidas por escritores brasileiros não estão

presentes em nenhum outro lugar. Em âmbito mundial, este gênero vinculado à narração histórica, ou mesmo ao relato de fatos. Melo explica que há diferenças nas características das crônicas de acordo com o país, como nos casos da França, em que é utilizada para a cobertura, na Itália, em que traz informações observadas e averiguadas, ou mesmo na Espanha, em que tem por atributo ser uma informação com análise interpretativa.

No jornalismo brasileiro a crônica é um gênero plenamente definido. Sua configuração contemporânea permitiu a alguns estudiosos proclamarem que se trata de um gênero tipicamente brasileiro, não encontrando equivalente na produção jornalística de outros países (MELO, 1985, p. 111).

Segundo Melo, o único país em que a crônica traz caracterização semelhantes à produzida no Brasil é em Portugal, em que também os fatos são utilizados como pretexto para o início de reflexões e opiniões acerca dos assuntos. O autor cita Machado de Assis como um dos escritores que abraçou a crônica.

No entender de Afrânio Coutinho, a crônica adquire personalidade com Machado de Assis, que, ao praticar esse gênero, confessava-se escrevendo “brasileiro”. É que a crônica exigia uma “participação direta e movimentada na vida mundana – reuniões da sociedade, teatro, parlamento” – induzindo o cronista a incorporar a linguagem coloquial à sua narrativa, abandonando pouco a pouco o estilo empolado e discursivo da prosa jornalística e literária de então (MELO, 2003, p. 153).

Quem também aborda a brasilidade da crônica é Antonio Candido (1989): “No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu.” (p. 6 e 7).

Massaud Moisés, no entanto, trata esta questão como algo ocioso, servindo como suporte apenas para discussões acadêmicas. Ele argumenta, porém, que a crônica assumiu um gênero particular entre os brasileiros, representando uma espécie de fenômeno literário nacional, em especial, na particularidade de sua perspectiva, carioca:

[...] a crônica naturalizou-se brasileira, ou melhor carioca: é certo que há cronistas, e de mérito, em vários Estados onde a atividade jornalística manifesta vibração algo mais que noticiosa, – mas também é verdade que, pelo volume, constância e qualidade de seus cultores, a crônica parece um produto genuinamente carioca. E tal naturalização não se processou sem profunda metamorfose, que explica o entusiasmo com que alguns estudiosos defendem a cidadania brasileira da crônica: ao menos da crônica dos nossos dias, tudo faz crer que raciocinam corretamente. De qualquer modo, a crônica tal qual se desenvolveu entre nós, parece não ter similar

noutras literaturas, salvo por influência de nossos escritores (MOISÉS. 2003, p. 103).

Na imensidão das possibilidades de uso da crônica e dotado de características reconhecidas na perspectiva literária, o gênero crônica jornalístico-literária é baseado em fatos da vida social, mas sem ter um compromisso absoluto com a verdade, exigida na esfera jornalística. Trazendo aspectos cotidianos através de um viés literário, abre caminho para que o mesmo texto estampado nas páginas dos jornais possa, a qualquer momento, ser publicado em livros. Entre os principais assuntos tratados nas crônicas jornalístico-literárias, destaque para as reflexões policiais, sociais e futebolísticas.

A crônica, situada como elemento pertencente à imprensa, coloca-se como um texto favorável potencialmente utilizado para os estudos e as reflexões do cotidiano, com o objetivo de atingir o mundo real vivido pelo leitor, mas oferecendo uma conotação literária que oferece atrativos para uma leitura prazerosa da realidade pura. Consagrado como um texto que pode ser eternizado através do meio impresso, o gênero crônica se transforma, também, num importante documento de preservação da memória da sociedade, pois nela estão representadas a realidade, as visões e as reflexões de quem acompanhou a transformação desta sociedade. E esse pode ser exatamente o nó discursivo da crônica, que flutua entre a história, o jornalismo e a literatura e que, segundo Candido, garante candidatura do gênero à perfeição.

Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão humanizada; e esta humanização lhe permite, como compensação, sorradeira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição (CANDIDO, 1992, p.13,14).

Candido caracteriza a crônica como gênero menor, mas ao mesmo tempo se desdobra em elogios para o gênero. Quem escreve crônica sabe desta condição, mas isso não impede ou impediu que o lugar do cronista, de observador do social, do homem comum que escreve com graça ao longo da história. As narrativas do cotidiano, oferecidas pela crônica jornalística, se consolidam pela não intenção de sua perpetuação, pois, ao serem criadas, são feitas para aquele momento específico, sem que na maioria das vezes se leve em conta que poderão, no futuro, vir a ser utilizadas para o resgate histórico dos acontecimentos sociais. O jeito livre que o cronista tem para apresentar sua opinião ao leitor, podendo oferecer o humor, a ironia, o lirismo, as palavras recriadas e as peculiaridades da época, transformam o narrar em uma arte

peçoal de representar os fatos escolhidos na rotina das pessoas e todo o comportamento humano. Na crônica jornalística, a notícia, muitas vezes, se não fica em segundo plano, é de certa forma refocalizada sob a ótica da sensibilidade criativa e do construção estética, oferecendo, em alguns casos, um sentido estritamente literário que só será compreendido por quem está inserido na sociedade no momento de sua produção, ou se estiver dialogando com outros textos impressos que fazem parte da mesma publicação.

O diálogo criado com o leitor através da crônica jornalística oferece a ela uma possibilidade alternativa de reflexão sobre a sociedade em que está inserido, buscando envolver e emocionar, promover discussões, ou seja, transformar a vida em palavras. As duas esferas presentes no texto crônico-jornalístico são, na verdade, o que o consolida junto ao leitor. Enquanto a jornalística recebe o tema da vida cotidiana, do factual, levando o suporte e a credibilidade, a esfera literária acrescenta toda a criatividade e um grau relativo de liberdade de expressão e de estruturação.

A comunicação jornalística direciona-se para o âmbito da interação social; a comunicação literária busca, desde seus condicionamentos de época, apontar a certos fatores da condição humana: jornalismo e literatura constituem âmbitos privilegiados para refletir sobre a implicação entre ciências sociais e humanas. (MEDEL, 2002, p.23).

As relações entre o aspecto literário e o jornalístico não são simples de se estabelecerem, pois um adentra no domínio do outro a todo instante sem que o leitor saiba, muitas vezes, o que é real e o que é ficção. Enquanto o jornalismo carrega a missão de transmitir verdades com objetividade, imparcialidade e isenção, a literatura pode oferecer a fantasia, a fuga do real, flutuando num universo de fantasia que poderá, a qualquer momento, causar dúvidas no leitor leigo acerca da credibilidade do que está lendo. Mesmo que a literatura também cumpra seu papel testemunhal e de militância, ela pode lidar com a fantasia, algo que, na esfera jornalística, deve ser evitado.

Sabendo ser da crônica, em um jornal, o único campo que permite a ficção, a preocupação é focada na tarefa do autor de deixar claro que aquela produção é está “contaminada” pelo ficcional, mesmo que tenha sido criada com base em algum fato real da sociedade. A ficção, nas crônicas, é o caminho que pode ser trabalhado pelo autor para um comentário sobre uma prática da sociedade em que vive, criando uma simulação paralela de uma realidade para levar o leitor a um ponto mais profundo de reflexão. O mundo real é o alimento da crônica, pois é nele que o cronista busca o embasamento e a inspiração para que seus textos não se tornem meras reflexões acerca de assuntos desinteressantes às grandes

massas. É esta aproximação da objetividade e da verdade com a liberdade de manifestação da individualidade que oferece à crônica a possibilidade de abordar a política, a economia, o esporte e todos os demais assuntos sociais com criatividade, atraindo o público que aprecia a notícia em um formato alternativo. Josué Guimarães conhecia os limites do gênero crônica ao utilizá-la como forma de veiculação de suas opiniões e estabelecer uma harmonia entre o coloquial e o literário, oferecendo ao leitor visões alternativas e novas formas de visualizar o cotidiano da sociedade. A presença da crônica, ao lado de matérias que ofereçam uma visão no formato jornalístico padrão de notícia, resulta em uma complementação da informação, na qual matéria e crônica estão diretamente ligadas, uma à outra, como uma forma de diálogo.

A crônica não é um gênero maior. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece que a crônica é um gênero menor. Graças a Deus – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós (CANDIDO, 1992, p.13).

Seu caráter opinativo confere à crônica a liberdade de tomar a informação apenas como o ponto de partida, como um leve floreio de ideias que, ao cronista, soam como incompletas, pois não trazem aproximações com a vida social do autor e dos leitores. À matéria falta a subjetividade que tanto se faz presente na crônica, em que o cronista, com suas artimanhas textuais, consegue apresentar e discutir as informações levando em conta outros modos de narrar, fazendo com que a leitura seja, ao mesmo tempo, referencial e poética.

#### 4 COM A BOLA, JOSUÉ

Um dos grandes escritores do cenário literário do Rio Grande do Sul do século XX nasceu em 07 de janeiro de 1921, em São Jerônimo, no interior do Estado. Josué Marques Guimarães foi o penúltimo de nove filhos do casal Josué Guimarães, telegrafista de profissão e pastor leigo da Igreja Episcopal Brasileira, e Georgina Marques Guimarães, dona de casa. Começou a falar tardiamente, aos três anos de idade, mas aos seis já sabia escrever e assinava o nome. Em sua infância, viveu na cidade de Rosário do Sul, na fronteira com a Argentina. “Tenho uma irmã que não gosta que eu diga isso. Ela diz que não faltava nada, mas faltava quase tudo. Tínhamos o estritamente necessário para sobreviver. Então foi uma infância pobre, mas clerical” (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006, p.8).

Com a fuga do pai ao Uruguai, devido a Revolução de 30, viu sua mãe sofrer agressões. Com o retorno do genitor, a família se mudou para Porto Alegre. Na Capital, concluiu o ginásio no Grupo Escolar Paula Soares e, em 1934, ingressou no Ginásio Cruzeiro do Sul, sendo o responsável por fundar o Grêmio Literário Humberto Campos e por escrever artigos para o jornal da escola. Viveu sua adolescência durante o período político denominado Estado Novo, decretado em 10 de novembro de 1937, pelo Presidente da República, Getúlio Vargas. No mesmo ano, Josué Guimarães integrou o grupo de rádio teatro da Rádio Farroupilha época em que as novelas eram irradiadas. Em tais representações, atuava como vilão. Em 1939, com 18 anos, foi morar no Rio de Janeiro e passou a ser redator da *Ilustração Brasileira* e desenhista de *O Malho*.

Com a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), voltou para Porto Alegre e retornou à Rádio Farroupilha. Ainda nessa época, concluiu o curso de oficial da reserva e foi designado para servir como aspirante no 7º R.C.I., em Santana do Livramento - RS. Em 1940 se casou com Zilda Marques e, deste relacionamento, nasceram quatro filhos: Marília, Elaine, Jaime e Sônia. O casamento o impediu de continuar no Exército. Então, criou a revista de rádio *Ondas Sonoras* e, dois anos mais tarde, passou a integrar o grupo do jornal *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, já produzindo materiais voltados à crítica política, utilizando o pseudônimo de D.Xicote. Em 1945 participou do 1º Congresso Brasileiro de Escritores, ao lado de nomes importantes da literatura nacional, como Érico Veríssimo e Graciliano Ramos.

Sua militância política iniciou em 1946, quando passou a integrar o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), época em que teve aproximação com Getúlio Vargas, Alberto Pasqualini, João Goulart e Leonel Brizola. “Minha aproximação com a política se deu através

do Alberto Pasqualini. Sem dúvida foi por influência dele que eu decidi concorrer nas eleições de 1951” (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006, p.10). Antes disso, em 1948, deixou o *Diário de Notícias* e passou a ser correspondente da revista *O Cruzeiro* nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além dos países Uruguai e Argentina. Em 1949 lançou o jornal chamado de D.Xicote para, dois anos mais tarde, ser eleito o vereador mais votado de Porto Alegre pelo PTB, alcançar a vice-presidência da Câmara e se tornar o líder da bancada petebista. Não fosse sua experiência política, talvez Josué Guimarães nunca viesse a saber o alcance de seus textos, recheados desde o início de sua trajetória com um senso de justiça. Em 1954, integrou a delegação brasileira de jornalistas que visitou a China e a União Soviética comunistas.

Achei melhor perguntar ao presidente Getúlio Vargas se não haveria inconveniente em que eu, líder da bancada do PTB, fosse à Rússia. Ele achou que não haveria problema nenhum e, como os russos só pagavam a passagem a partir de Praga, falou com o Samuel Wainer, que me nomeou correspondente internacional da *Última Hora* e me deu Cr\$ 40 mil para as despesas. Após as conferências na Rússia, eu fui convidado para ir à China Continental. E fui o primeiro jornalista ocidental que entrou lá depois que Mao Tse Tung assumiu o poder (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006, p.10).

Em seu retorno, impedido por Leonel Brizola de fazer uma série de conferências sobre a viagem, deixou o PTB e ingressou no Partido Socialista (PS), sigla pela qual concorreu, sem sucesso, ao cargo de deputado estadual em 1954. Da viagem à URSS surgiu o livro de memórias *As muralhas de Jericó. Memórias de viagem: União Soviética e China nos anos 50*, publicado postumamente pela L&PM em 2001. O título do livro é uma referência à cidade bíblica de Jericó, local para onde retornaram os israelitas após a escravidão no Antigo Egito, liderados por Josué, sucessor de Moisés. Em sua essência, Josué Guimarães cita trechos bíblicos para metaforicamente ressaltar a vitória do comunismo e a chegada à terra prometida.

Sua trajetória jornalística seguiu em 1954, com a coluna *Um dia depois do outro* no jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro e com contribuições para diversos jornais de Porto Alegre, como o *Folha da Tarde*, com o pseudônimo de Dom Camilo, parodiando Giovanni Guareschi, jornalista e humorista italiano, e o *Hoje*, como Peppone. Os dois personagens trocavam farpas políticas, sem que os leitores soubessem que se tratava do mesmo autor. Em novembro de 54, participou da fundação do jornal *A Hora*, no qual exerceu a função de subsecretário. Antes de completar um ano, a tiragem já era superior à do *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*. Em 1954 foi redator da agência MPM Propaganda e diretor-secretário do

Semanário *Clarim em Sete Dias*. A partir de 1954 teve largo trânsito jornalístico como colunista, diretor-secretário e redator em diversos periódicos. Em 1960 fundou a própria agência de propaganda, mas a fechou um ano depois ao aceitar o convite de Assis Chateaubriand para comandar a reformulação do jornal carioca *Diário da Noite*.

Alterações no cenário político nacional, com a posse e renúncia de Jânio Quadros e o Movimento da Legalidade de Leonel Brizola, o qual Josué Guimarães acreditava ser válido. Pegou em armas e participou do movimento no andar térreo do Palácio Piratini, local mais vulnerável em caso de ataque bélico, além de ter sido enviado por Brizola ao Rio de Janeiro montar uma estação de rádio clandestina para informar o que estava acontecendo por lá. Quando o cenário acalmou, o presidente João Goulart convidou Josué Guimarães para dirigir a Agência Nacional e a Rádio Nacional. “A Rádio era uma coisa tão horrorosa que eu me demiti em 24 horas” (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006, p.11).

O movimento político-militar de 1964 e a deposição de Goulart obrigaram o escritor a viver na clandestinidade. Josué Guimarães era figura conhecida dos militares em devido a sua importância social e seu apoio à campanha da Legalidade, além do cargo de Diretor da Agência Nacional que, apesar de estar oficialmente afastado, continuava a desempenhar à espera de um substituto. Sua aproximação política com Brizola, Jango e outros políticos influentes, além de seu reconhecimento nos meios intelectual e jornalístico, lhe renderam vantagens nos momentos em que teve que fugir. Inicialmente esteve em Santos e depois na cidade de São Paulo, sob o nome de Samuel Ortiz. Passou a ser perseguido com base no Ato Institucional que dava poderes ao novo governo para instaurar Inquéritos Policiais Militares pela prática de crimes contra o Estado ou seu patrimônio e à ordem política e social ou por atos de guerra revolucionária. Nesta época, sobreviveu atuando em diversas publicações e como proprietário de uma livraria, até ser identificado por órgãos de segurança e responder a um inquérito policial, voltando a Porto Alegre e dando início à disseminação de sua carreira literária, com a publicação de uma coletânea de contos, chamada de *Os ladrões*. Nesta obra publicou os contos *O princípio e o fim*, *Mãos sujas de terra* e *João do Rosário*, que venceram o II Concurso Nacional de Contos do Paraná em 1969.

Sua produção literária se intensificou e, ao mesmo tempo, sob o pseudônimo Philleas Fogg, em 1971, passou a ser colaborador do jornal *Zero Hora*, escrevendo uma coluna chamada *A volta ao mundo*, que trazia entrevistas imaginárias com aspecto crítico com personalidades internacionais. Seu primeiro romance nasceu um ano depois: *A Ferro e Fogo – Tempo de Solidão*, narrou a saga da colonização alemã no Rio Grande do Sul, entre 1824 e

1835. Seu segundo romance foi lançado em 1973, chamado de *Depois do último trem*. No ano seguinte foi enviado a Portugal como correspondente da Empresa Jornalística Caldas Junior para cobrir a Revolução dos Cravos, permanecendo na Europa até 1976. Neste dois anos produziu o segundo volume da obra *A Ferro e Fogo – Tempos de Guerra e Os tambores silenciosos*, tendo conquistado o primeiro Prêmio Érico Veríssimo de Romances, em 1977, com esta a última obra.

Em 1977 e 1978 publicou as novelas *É tarde para saber* e *Enquanto a noite não chega*, além do romance *Dona Anja*, adaptado para a telenovela e transmitido em 1996 e 1997. Outro marco de Josué Guimarães foi a adaptação em minissérie da obra *A ferro e fogo: Tempo de solidão*, transmitida em 13 capítulos pela RBS TV (Rede Brasil Sul de Comunicação). Sua segunda coletânea de contos nasceu em 1978, sob o nome *Cavalo cego*, mas foi um ano mais tarde que Josué Guimarães lançou o romance que se tornou um de seus grandes sucessos de vendas: *Camilo Mortágua*.

A vida pessoal do escritor tomou novos rumos em 1981, quando se divorciou do primeiro casamento e casou-se com Nydia Moojen Machado, com quem vivia já havia anos e tivera dois filhos: Rodrigo e Adriana. Em 23 de março de 1986, aos 65 anos, Josué Guimarães faleceu, em Porto Alegre. Algumas de suas obras foram publicadas postumamente, como a novela *Amor de perdição*, em 1986. Sua produção literária segue sendo publicada pela editora L&PM e frequentemente figura na lista das obras de leituras obrigatória para vestibulares do Sul do país.

Como o jornalismo ofereceu-lhe um estilo direto de escrever, Josué Guimarães sempre partiu de uma história para escrever seus romances. “Mas o fato de ter sido toda a vida um jornalista não deve ser creditado como fator preponderante de experiência. [...] O jornalista é, antes de mais nada, um especialista em generalidades. Talvez isso seja positivo, mas não tenho certeza” (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006, p.12). Não tendo maiores influências de escritores gaúchos, Josué Guimarães aponta Érico Veríssimo como o escritor que o influenciou pela retidão do caráter e maneira profissional como encarava o trabalho, com estilo próprio e romances cuidadosamente elaborados. “No meu caso, eu poderia ser enquadrado mais na maneira hispano-americana de contar histórias, dentro de uma certa rebeldia que não era do agrado de Érico” (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006, p.13). Em suas obras, temas como o homem, seus conflitos e contradições. Apesar das raízes no Rio Grande do Sul e conhecedor de histórias de caudilhos, revoluções, tropelias e degolações, sua linguagem não é gaúcha.

Minha temática é sul-americana: o subdesenvolvimento, a miséria, o caldeamento de raças, a insegurança política e social, o caudilhismo, a passividade diante do destino, a ignorância, a doença, a crença de que ninguém muda nada ‘estava escrito’. O bugre, o português, o castelhano, o alemão, o italiano – enfim, o homem que saiu desse cadinho” devidamente situados em paisagens. Escrever é comunicar-se. Faço isso desde os 19 anos de idade, embora como jornalista, batendo milhares de palavras por dia. Agora, o que se escreve em jornal é como folha de outono, o vento carrega. Nunca me dei ao trabalho de guardar nada (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006, p.15).

Suas produções jornalísticas, no entanto, foram resgatadas por Nydia Moojen Machado, sua esposa, para anos depois se tornarem instrumentos para a análise das opiniões políticas e sociais de Josué Guimarães e manterem viva a memória de um dos principais escritores gaúchos. A trajetória de lutas do jornalista e literato é uma das marcas de sua história, tendo seu posicionamento político e social explicados por Miguel Rettenmaier (2011, p.27): “Para ele é essencial que se busque mudar a realidade; por isso, sempre lutou por aquilo que achava justo e, nessa luta, suas armas de combate foram a atividade política e a palavra escrita, tanto no jornalismo como na literatura”. A união destes no gênero crônica, com o uso do futebol como parâmetro de comparação, deram um toque especial à produção do escritor gaúcho, exímio crítico de toda e qualquer censura à liberdade das pessoas.

#### 4.1 CRÔNICA, EM CIMA DO LANCE

O futebol, a política, a sociedade, a literatura e o jornalismo finalmente se unem nas crônicas de Josué Guimarães. Dez textos, publicados em jornais do Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, entram em campo para uma reflexão acerca dos posicionamentos do escritor diante dos fatos político-sociais que marcavam sua época.

A presença do futebol, esporte bretão que crescia e se consolidava ao mesmo passo em que Josué Guimarães conquistava seu espaço no cenário da literatura e do jornalismo, em um jogo de comparações e reflexões, demonstra as ideias do escritor gaúcho através da crônica, gênero dotado de grande liberdade textual, o que permitiu que questionamentos, argumentos, críticas e opiniões fossem evidenciados na linguagem do povo.

Para uma análise fundamentada com base nos fatos sociais e políticos que permeavam a sociedade à época, as crônicas estão devidamente situadas no espaço-tempo em que foram produzidas, divididas em dois momentos: o Período do Populismo, com duas crônicas datadas de 1954 e uma de 1960, e a Reabertura Democrática, com três crônicas de

1978, duas de 1981 e duas de 1982. Assim, torna-se possível compreender o que acontecia no cenário brasileiro enquanto o escritor gaúcho colocava no papel suas ideologias.

**Quadro 1 - Crônicas no Período Populista**

Período Populista	1954	1954	1960
Crônica/coluna	Um dia depois do outro	Um dia depois do outro	Crônica do esporte
Data	21 de julho de 1954	27 de julho de 1964	23 de fevereiro de 1960
Jornal	Última Hora	Última Hora	Não identificado

Fonte: ALJOG

**Quadro 2 - Crônicas na Reabertura Democrática**

Regime Militar	1978	1978	1978	1981
Crônica/coluna	O futebol na Arena	Novíssimas Cartas Chilenas VIII	Novíssimas Cartas Chilenas IX	Bola na rede
Data	03 de junho de 1978	04 de junho de 1978	11 de junho de 1978	16 de fevereiro de 1981
Jornal	Zero Hora	Zero Hora	Zero Hora	Zero Hora

Fonte: ALJOG

**Quadro 3 - Crônicas na Reabertura Democrática II**

Regime Militar	1981	1982	1982
Crônica/coluna	Um certo capitão Astiz	A Copa Sagrada	Com a Copa seria melhor
Data	17 de maio de 1981	14 de abril de 1982	1982

Jornal	Zero Hora	Zero Hora	Zero Hora
--------	-----------	-----------	-----------

Fonte: ALJOG

Horas jogando na retranca e outras aparecendo como um ofensivista nato, nada escapava aos olhos de Josué Guimarães. Crítico e idealista, o escritor-jornalista deixava sua posição bem clara e usava as palavras como sua maior arma contra o que considerava injusto na sociedade.

#### 4.2 O PERÍODO DO POPULISMO

Após oito anos de ditadura, o ano de 1945 iniciou no Brasil tempos de experiência democrática. Era a consolidação do Populismo, originado na revolução de 1930, que se manteria no cenário nacional até 1964. Apesar do queremismo, movimento que expressava uma cultura política popular e representava a manifestação de uma identidade coletiva dos trabalhadores em favor de Getúlio Vargas (FERREIRA, 2003, p.15), o presidente foi deposto por um golpe militar em 29 de outubro de 1945 e o poder entregue provisoriamente a José Linhares, presidente do Supremo Tribunal Federal, conforme pregava a União Democrática Nacional (UDN), movimento que uniu grupos políticos heterogêneos em oposição a Vargas e que tornou-se naquele momento o “partido do brigadeiro”, em referência à candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes para suceder o ditador. (FERREIRA, 2003, p.21). Em dezembro do mesmo ano, 7,5 milhões de cidadãos brasileiros foram às urnas pelo voto secreto para a escolha de seu próximo presidente, deputados federais e senadores, em uma eleição que é considerada a primeira efetivamente democrática ocorrida no país. Era a primeira vez que as mulheres votavam no Brasil. Na disputa estavam Eduardo Gomes, apoiado por uma ampla frente de oposição a Vargas reunida em torno da União Democrática Nacional (UDN), Iedo Fiúza, lançado pelo Partido Comunista do Brasil (PCB), e o general Eurico Dutra, candidato do Partido Social Democrático. Melhor para Dutra, chegou ao poder com 55,39% dos votos, com apoio de Vargas – sob a promessa de garantir a manutenção das leis sociais e o Ministério do Trabalho ao PTB (partido em que Josué Guimarães ingressou, em 1946).

Portanto, se Vargas não continuou no poder, Eduardo Gomes não se elegeu e, muito mais importante, os trabalhadores surgiram no cenário político com consciência de seus interesses e vontade política. Este, a meu ver, foi o papel político de relevo do queremismo e, mais adiante, do próprio PTB. Resgatando crenças, ideias, tradições,

sensibilidades e valores políticos presentes entre os trabalhadores, antes e depois de 1930, e “dialogando” com eles, o queremismo mobilizou como classe social, com consciência de sua identidade coletiva (FERREIRA, 2003, p. 43 e 44).

Inaugurava-se, no Brasil, o regime da democracia representativa, formada por lideranças de diversos setores da sociedade, de comunistas a liberais, todos democraticamente eleitos. Apesar dessa nova situação política, havia influência da democracia-liberal vitoriosa na Segunda Guerra Mundial e o repúdio ao autoritarismo do Estado Novo, fazendo com que a proposta populista inaugurada por Vargas nos anos 30 fosse mantida. Evitava-se, desta forma, a descentralização política excessiva que marcou a Primeira República. Ao mesmo tempo em que as lideranças políticas buscavam o apoio popular, buscando a construção de uma imagem do Brasil como o 'país do povo', na prática poucas mudanças efetivas surtiam sobre a população, que enfrentava os mesmos problemas de outros tempos. A democracia, no entanto, permitia a atuação dos movimentos sociais, que passaram a ser atuantes, exigindo melhoras nas condições de vida, de saúde e de trabalho. O novo cenário permitiu o surgimento e fortalecimento de partidos políticos nacionais, com seus programas ideológicos bem definidos e sua aproximação com o eleitorado. O nacionalismo e os grupos liberais fizeram do jogo político nacional uma delicada teia de interesses e alianças, vendo no crescimento do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que contabilizou 9,7% dos votos no pleito de 1945, um segmento político que ao sair da ilegalidade cresceu e veio a ser ferramenta de polêmica anos mais tarde.

No novo sistema partidário, o Partido Comunista apresentava-se como uma agremiação bastante diferenciada das demais. Em primeiro lugar, por ter sido fundado em 1922, no esteio da Revolução Bolchevique de 1917, era um partido de atuação histórica bastante anterior ao novo sistema. Em segundo, apresentava-se, desde a sua fundação, à época dos partidos de inserção regionalistas, como uma agremiação de base nacional, com fortes laços internacionais. Em terceiro, possuía vínculos ideológicos umbilicais com o marxismo. Era, portanto, um partido com programa nítido, vinculado ao projeto de revolução socialista mundial. (DELGADO, 2003, p. 135)

O PCB, no entanto, teve vida curta na legalidade, pois o governo Dutra cassou o registro do partido e os mandatos de seus representantes nos poderes legislativos federal, estaduais e municipais. Assim, restou aos comunistas brasileiros atuar na clandestinidade. Mas as mudanças da experiência democrática não causaram reflexos apenas no cenário político. A industrialização e a urbanização se desprenderam do poder das antigas e conservadoras elites agrárias para se espalharem nas mãos de profissionais liberais, operários, militares e funcionários públicos. O pluralismo também atingiu a imprensa, com um imenso

leque de jornais publicados no período 1946-1964, caracterizando um novo período em que era possível expressar as diversas vertentes da opinião pública sem enfrentar o peso da censura estatal. Os intelectuais brasileiros, escritores e jornalistas aproveitaram o momento para criar debates sobre o país, suas carências e seus desafios para o desenvolvimento, além de tecerem críticas sobre o antigo regime. Não apenas através do texto, mas também o teatro, a música, o cinema e as artes plásticas apresentavam contextos que valorizavam o popular.

Com uma euforia pelo novo, alguns políticos aproveitaram o momento para buscarem junto à sociedade o apoio pleno para o processo de modernização. Com discursos melodramáticos e propaganda massiva, consolidavam-se no cenário nacional verdadeiros ícones da política, com discursos fundamentados em projetos de inclusão social que inflamavam a população com a crença de que o Brasil tinha todas as bases necessárias para a construção de uma nação promissora. O Populismo, nome que batizou este período, exaltava ideias, valores e ideologias que posicionavam a liderança política que detinha o poder do discurso como um “defensor da nação”, um “homem do progresso”.

Manifestações nacionalistas marcaram a década de 50, procurando instaurar o pensamento de firmar o país como potência capaz de alcançar seu próprio desenvolvimento econômico sem se deixar influenciar por pressões internacionais, em especial o modelo do imperialismo norte-americano. Apesar do discurso, a entrada de capital estrangeiro na economia nacional foi ampliada gradativamente, potencializando a proposta desenvolvimentista do Estado. Na política, quem alcançava destaque era o PTB, com um programa nítido, bem definido quanto a metas e projetos, além de um forte cunho social. “O Partido Trabalhista Brasileiro foi, se dúvida alguma, o que mais cresceu durante os anos de prevalência do pluripartidarismo criado em 1945”. (DELGADO, 2003, p. 142)

Voltando ao poder nos braços do povo, Getúlio Vargas venceu o pleito de 1950, disputado entre Eduardo Gomes (UDN), João Mangabeira (PSB), Cristiano Machado (PSD) e o próprio Vargas, apoiado pelo PTB, pelo PSP (Partido Social Progressista) e pela facção dissidente do próprio PSD. Governando de 1951 a 1954, o novo presidente se transformou em uma grande unanimidade política com seu discurso nacionalista e a concentração de poderes políticos, utilizando o rádio e a imprensa para disseminar sua pluralidade de ideias, que o levou a ser considerado o “pai dos pobres” e a “mãe dos ricos”. Sua principal característica de governo foi a política econômica nacionalista e intervencionista, que recebeu forte oposição dos adversários políticos. Os principais fatos que marcaram o governo Vargas foram o Plano Lafer, que estimulava a indústria de base, a campanha "O petróleo é nosso", com o apoio de

Monteiro Lobato, que culminou na criação da Petrobrás em 1953, o aumento de 100% do salário mínimo como instrumento para conquista de apoio das massas e o atentado a Carlos Lacerda, em Copacabana, no Rio de Janeiro. Em agosto de 1954, em meio às manifestações militares que pediam sua renúncia, Vargas suicidou-se com um tiro no coração e deixou uma carta-testamento com a famosa frase: "Sai da Vida para entrar na História".

A morte de Vargas também colocou o PTB em novos rumos, com maior autonomia em relação ao período varguista, passando a incorporar em seu quadro alguns políticos que mesmo sendo getulistas, viam a necessidade de o partido ser mais comprometido com a causa nacionalista e com a defesa das reformas sociais e econômicas profundas do país. Iniciou-se, também, uma aproximação com os representantes do comunismo (PCB), o que se tornou um argumento para a intervenção militar de 1964 (DELGADO, 2003, p. 144). Durante os dezesseis meses seguintes ao suicídio de Vargas, três presidentes se sucederam: o vice-presidente Café Filho, que assumiu o poder mas, por motivos de saúde, imediatamente deixou o cargo; o presidente da Câmara dos Deputados, Carlos Luz, que pouco depois foi interdito pelo Congresso Nacional, e, finalmente, Nereu Ramos, vice-presidente do Senado, que se manteve na presidência até 31 de janeiro de 1956. Eleito pelas forças getulistas, Juscelino Kubitschek de Oliveira e seu vice João Goulart sofreram uma tentativa de golpe da UDN, que tentou impedir a posse, acusando-os de "comunistas" e por não conseguirem a maioria absoluta de votos. A tentativa de golpe foi desarticulada pelo general Henrique Teixeira Lot, Ministro da Guerra.

Juscelino Kubitschek se elegeu em 1956 com a famosa promessa dos "50 anos em cinco", em que assumia o compromisso de realizar cinquenta anos de progresso em cinco anos de governo. Seu governo teve a sustentação política e partidária apoiada na aliança entre o Partido Social Democrático (PSD), do próprio Juscelino, e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), do vice-presidente João Goulart, ficando marcado, ainda nas referências políticas do populismo, pela construção de um país moderno, com a entrada de indústrias multinacionais estrangeiras, a elevação do padrão de consumo e conforto das populações urbanas com a introdução de aparelhos eletrodomésticos e dos primeiros carros populares, tudo isso sem esquecer do total apoio desprendido à questão agrária.

Em resumo, o nacional-desenvolvimentismo incentivou a modernização da agricultura, a expansão das fronteiras agrícolas sobre bases oligárquicas e, sobretudo, um modelo de industrialização que, ao se eximir de qualquer política social reformista, criava laços estáveis entre os grandes interesses rurais e urbanos. Vale lembrar, aliás, que a construção de um novo pacto entre os grandes interesses

rurais e urbanos foi, precisamente, o centro e a maior expectativa do projeto social ruralista durante os anos JK (MOREIRA, 2003, p. 188).

Outra marca de sua gestão foi a construção da nova capital, Brasília, em um projeto ousado e oneroso aos cofres públicos. JK trouxe o desenvolvimento, mas isso teve um alto preço, pois o Brasil só viu crescer sua dívida externa e enfrentou um período de superinflação, o que aumentou um significativo aumento do custo de vida e, por consequência, na diminuição do poder aquisitivo do salário mínimo. Esta situação levou o governo a romper com o FMI e a decretar a moratória. Kubitschek foi, entre todos os eleitos da experiência democrática (1946-1964), aquele que mais se destacou como homem público de ação, em uma liderança que buscava tanto a aceitação popular quanto defendia um projeto eufórico de prosperidade econômica. “O governo JK (1956-1961) foi, de longe, o mais bem-sucedido da experiência democrática. A administração de Dutra, por exemplo, gozou de estabilidade política, mas, comparada a de JK, foi bem menos expressiva no campo do desenvolvimento econômico” (MOREIRA, 2003, p. 158).

Apesar de o estilo de governo populista sugerir que o comando pertence ao povo, a prática não segue esta postura, pois a figura do governante forte permanecia. Em linhas gerais, o período populista teve características gerais marcantes em três grandes áreas: no plano político e econômico, a dinâmica da economia migrou do setor agrário para o urbano, com o processo de desenvolvimento industrial que já havia iniciado antes, na revolução de 1930, mas que cresceu e se consolidou entre 1945 e 1964. Na questão social, as classes populares urbanas tiveram parte de seus anseios atendidos e conquistaram a ascensão. Quanto à questão política, o populismo resume a forma de governo utilizada, com o atendimento de anseios populares que, ao mesmo tempo, serviam como mecanismos de controle da satisfação da população.

#### **4.2.1 Josué na Defensiva**

A primeira crônica jornalística de Josué Guimarães selecionada para este estudo tem com data 21 de junho de 1954, época em que o escritor publicava sua coluna intitulada “Um dia depois do outro” no jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro. O contexto naquele ano era de grande pressão contra o governo Getúlio Vargas, em tempos de políticos dotados de grande poder de discurso, com jornais politicamente posicionados e um cenário de otimismo na economia e de desenvolvimento acelerado da nação. A essência da crônica envolveu

diretamente duas questões que figuravam nas manchetes dos principais jornais da época: a desclassificação do Brasil na Copa de Mundo de 1954<sup>3</sup> e a escolha da Miss Universo<sup>4</sup>. O texto traz também a polêmica em torno de Patrícia Lacerda<sup>5</sup>, candidata ao Miss Brasil pela Guanabara, que após ser apontada como a favorita no concurso, foi derrotada por Marta Rocha. É a partir desta situação que inicia a reflexão sobre os perigos do otimismo exagerado, aproximando a derrota de Patrícia à questão do futebol, em que também havia uma expectativa da conquista do título mundial pela Seleção Brasileira na Copa do Mundo, o que não se confirmou nos gramados suíços. Da mesma forma, o escritor também trouxe à tona o sentimento nacional de favoritismo para a vitória de Marta Rocha no Miss Universo.

Trabalhar com dois temas tão relevantes para determinados segmentos da população em apenas um texto encontra nos critérios de noticiabilidade uma justificativa, levando-se em conta que noticiar fatos cotidianos importantes é tarefa do jornalista. Neste contexto, Miss Universo e Copa do Mundo apresentam-se como acontecimentos amplos, perfeitamente passíveis de espaço nas páginas dos jornais, atendendo a teoria de Wolf (1999), que destaca ser fundamental o acontecimento ser significativo e de interesse de um grande número de pessoas para que sua publicação seja justificada.

A crônica que traz em seu contexto características críticas, oferece ao leitor a possibilidade de encontrar nela pontos de vista polêmicos acerca das temáticas tratadas. O uso do gênero crônica permitiu a Josué Guimarães a liberdade necessária para passar por várias situações peculiares, como, por exemplo, iniciar seu texto retratando a opinião do povo de que Marta Rocha era bonita e representa os predicados da mulher brasileira, para em seguida apresentar uma situação pessoal do escritor, que afirma seu afastamento da beleza feminina (complementada com uma colocação de que é difícil se manter longe dos pecados da carne) para, enfim, afirmar ter analisado todas as candidatas e concordar com a escolha de Marta Rocha como representante brasileira no Miss Universo. Só então Josué Guimarães chega à essência de sua ideia nesta crônica:

---

<sup>3</sup> Em comemoração ao 50º aniversário da FIFA, o evento foi sediado na Suíça, sede do órgão. Era a primeira Copa do mundo em solo europeu após a Segunda Guerra Mundial. Dezesesseis seleções nacionais foram qualificadas para participar desta edição do campeonato, sendo 11 delas europeias, três americanas e duas asiáticas. Pela primeira vez uma Copa teve cobertura pela televisão. A partir dessa Copa, a Seleção Brasileira passou a usar o uniforme com a camisa amarela e o calção azul, pois depois da derrota no Mundial de 1950, disputado no Brasil, o uniforme antigo (camisa branca e calção azul usado desde 1919) foi considerado uma das fontes de azar. Após se classificar na primeira fase, o Brasil foi eliminado pela Hungria nas quartas de final. O título ficou com a Alemanha Ocidental.

<sup>4</sup> A sede do concurso foi em Long Beach, na Califórnia. O evento ocorreu em 24 de julho, três dias após a publicação da crônica, tendo pela primeira vez na história uma candidata brasileira, a baiana Marta Rocha, entre as 33 representantes de todo o mundo.

<sup>5</sup> Neta de Coelho Neto, que após a derrota concedeu entrevista a jornais dizendo que ocorrera "marmelada" no julgamento, atribuindo aos juízes má vontade contra a sua pessoa justamente por ser neta de Coelho Neto. Além disso, criticou duramente a vencedora, dizendo: "não tem classe, não sabe usar um vestido, não sabe falar, não sabe andar, não sabia nem onde fica Long Beach, tem pernas finas e tortas, tem muito ventre e é deselegante".

Primeiro foi aquela bruta decepção no futebol, pois que martelamos meses a fio que éramos os maiores, éramos os tais, que ninguém, honestamente, seria capaz de derrubar uma defesa tão sólida e nem suportar uma linha atacante tão maliciosa, além de brava. Começamos a ganhar aqui por perto e a encher de vento as cabeças. Na Europa uma nova vitória fácil terminou por abrir manchetes em certos jornais que passaram a afirmar que “os brasileiros caminham a passos largos para o campeonato mundial”. Depois veio a Iugoslávia e por fim os húngaros. Aí os “campeões do mundo” voltaram para casa e a primeira coisa que a CBD resolve fazer é punir uma anterior descortesia do técnico Zezé Moreira<sup>6</sup>, além da natural frieza com que os craques foram recebidos. Pois o mesmo tentam fazer agora com a nossa candidata a “Miss Universo”. Já a apontam como cotada para conquistar o título. Amanhã, se ela nada conseguir, será chamada de feiosa, sem cintura e gorda. O melhor – tomem nota do conselho de um homem curvado ao peso de sabedoria – será acreditar na sua pouca chance, pois se voltar “Miss Universo”, os nossos corações se encherão de justa alegria. E os nossos olhos enxergarão nela a encarnação viva da Venus de Milo, com notáveis braços ortopédicos fabricados em São Salvador. E a honra da casa estará salva (GUIMARÃES, 21 de junho de 1954).

Comemorar vitórias com antecedência, para Josué Guimarães, demonstrava o quanto a sociedade podia ser injusta e pouco sábia no momento de avaliar todas as questões que a cercava. Tanto a derrota de Patrícia Lacerda no Miss Brasil como a eliminação da Seleção Brasileira representavam perfeitamente a frustração resultante de um otimismo exagerado que não se confirmou, demonstrando o baixo nível de consciência da população quanto a situações em que nada pode fazer, a não ser torcer. E, apesar disso, o mesmo sentimento tomava a postura da população diante da próxima decisão, que ocorreria três dias depois, na escolha da Miss Universo. Novamente a vitória era cantada com antecedência, representando um sentimento sempre otimista do povo (talvez como reflexo da postura discursiva de Getúlio Vargas, presidente da época, que tinha como característica exaltar o sentimento nacionalista) de que o melhor estava sempre com os brasileiros.

Levando ao texto os poderes informativos do jornalista e a capacidade de convencimento do escritor literário através do que há de subliminar nas palavras, novamente o autor trabalhou com a liberdade do gênero para oferecer ironias e explicar sentimentos, assim como para prever o comportamento crítico da população em caso de derrota de Marta Rocha ou a exaltação do sentimento de alegria em caso de vitória da brasileira. O resultado do concurso viraria, pouco depois, objeto de nova crônica de Josué Guimarães, publicada em 27 de julho de 1954, também na coluna intitulada “Um dia depois do outro”, no jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro. Desta vez, no entanto, sentimentos políticos e sociais também

---

<sup>6</sup> Alfredo Moreira Júnior foi um treinador de futebol brasileiro, que passou por Bahia, Botafogo, Fluminense, Cruzeiro, São Paulo, Corinthians e Nacional de Montevideu, além da Seleção Brasileira de 1952 a 1955. Causou desconforto ao não recepcionar em Friburgo – RJ uma delegação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), o que quase causou-lhe a demissão antes da Copa.

entraram em campo para uma crítica que não se restringiu apenas ao comportamento do povo, mas também de seus entes políticos e as influências subliminares a que a sociedade acaba imposta.

O escritor inicia o texto deixando clara a pluralidade de assuntos que irá tratar, alternando de um tema para outro sem rodeios. Assim, ele aborda o tema da vida simples das pessoas e seu cotidiano, mas com a tarefa intrínseca de conversar aleatoriamente, sempre encontrando argumentos para criticar alguém conhecido na sociedade, mesmo que isso ocorra de forma involuntária. Era como se criticar as pessoas públicas fosse praticamente uma obrigação de todo cidadão. Logo, porém, o assunto Marta Rocha vem à tona e traz consigo, novamente, a aproximação com o tema futebol. Atento anteriormente à possibilidade da vitória da candidata brasileira não ocorrer, Josué Guimarães faz questão de elogiar o segundo lugar de Marta Rocha e, ao mesmo tempo, alfinetar a ainda descontente Patrícia Lacerda, que após o resultado do Miss Universo, intensificou sua campanha de protestos junto à mídia pela sua derrota na disputa nacional.

Viram a Marta Rocha? Salvou a honra e a beleza nacionais em Long Beach, conquistando um honroso segundo lugar, a despeito da mágoa e da raiva da srta. Patrícia Lacerda, que continua dando entrevistas aos jornais, na ânsia de ser o Barreto Pinto de saias. E sobre o resultado do concurso de beleza um adepto da teoria econômica de Keynes<sup>7</sup> aproveitou para defender mais uma vez a sua “terceira posição”. Afirma ele que os brasileiros perderam o campeonato mundial de football porque o juiz inglês era comunista fichado pelo dr. Henkin, e deste modo torceu pela vitória dos húngaros. Agora Marta Rocha perde o título de “Miss Universo” porque os juízes são de Wall Street e defensores do capital estrangeiro colonizador. Pois nem tanto ao mar nem tanto à terra (GUIMARÃES, 27 de julho de 1954).

O deputado Barreto Pinto se tornou o primeiro político da história cassado por falta de decoro. Em 1946, ele recebeu o fotógrafo Manzon e o jornalista Nasser, representantes da revista *O Cruzeiro*, para uma entrevista em seu gabinete e foi convencido pelo fotógrafo de que não precisava vestir a calça, já que todas as fotos seriam da cintura para cima. Pinto concordou em posar nos trajes ridículos e sua foto de fraque e cueca acabou divulgada, resultando na cassação. A opção dos profissionais da revista *O Cruzeiro* pode ser amplamente questionada pelos teóricos da ética jornalística, tendo em vista o não cumprimento de uma garantia oferecida ao político. Ao mesmo tempo, a situação é amenizada pelo fato de Barreto Pinto trajar realmente a vestimenta retratada na imagem, não se tratando de nenhuma

---

<sup>7</sup> A doutrina keynesiana é uma teoria econômica que ganhou destaque no início da década de 1930, no momento em que o capitalismo vivia uma de suas mais graves crises. Nesta época, as nações capitalistas geriam o campo econômico com base nas teorias estabelecidas por liberalismo clássico, doutrina econômica onde se defendia a ideia de que o desenvolvimento econômico de uma nação estaria atrelado a um princípio de não intervenção do Estado na economia

montagem ou informação incorreta divulgada por jornalista e fotógrafo. Em uma análise de que a ética garante a credibilidade do veículo de imprensa e seus profissionais, a revista *O Cruzeiro* reafirmou seu compromisso com seu público. Josué Guimarães, que nada tinha a ver com o registro e divulgação do acontecido, em nenhum momento afastou-se desta ética, pois apenas utilizou-se de um fato verdadeiro para emitir uma criativa comparação em sua crônica.

A ligação da derrota na Copa do Mundo da Suíça com a atuação da arbitragem comunista, como forma de crítica ao regime capitalista adotado no Brasil, não passa de uma questão ideológica tratada com total deboche pelo escritor gaúcho, que traz para o texto toda a carga reflexiva da Guerra Fria<sup>8</sup>. Citado na crônica, Henrique Henkin era filho de judeus russos, correspondente do jornal *A Fronteira* e delegado de polícia em Vacaria. Durante o governo do prefeito Leonel Brizola, foi secretário dos transportes e presidente da Companhia Carris Porto-Alegrense, até o ano de 1950, eleito deputado estadual. Sua aparição na crônica reforça todo apelo capitalista brasileiro à época, com a sugestão de que os representantes do comunismo eram acompanhados de perto pelo governo. A ideia de conspiração, apresentada por Josué Guimarães, é recheada de ironia e deboche, pois representa apenas uma crítica à postura da população e dos governantes, que sempre encontram fatores externos para os fracassos do país e de seus representantes, seja em concursos, em competições futebolísticas ou mesmo no cenário econômico, político e social. O discurso irônico adotado pelo escritor tem a característica de desqualificar a si mesmo, ou seja, de negar o que está sendo proferido, dizendo ou escrevendo uma coisa para significar outra. E esta foi uma das marcas que acompanharam Josué Guimarães em toda a sua trajetória de produções no gênero crônico jornalístico.

Levar ao futebol às questões ideológicas que representam os regimes adotados pelas nações é levar o povo à dúvida, ao questionamento e a uma nova percepção sobre a forma como analisa tanto o esporte quanto às demais questões sociais, pois causa reflexões sobre em quais ideologias o povo está sendo influenciado a acreditar. O escritor faz uma dura crítica novamente, com o uso da ironia, ao tratar do segundo lugar de Marta Rocha, desta vez influenciado pelos juízes que defendem o capital estrangeiro colonizador, da mesma forma como no futebol fomos vítimas do Kremlin. Ou seja, tamanhas derrotas dos melhores só poderiam ser devidamente justificadas por interesses externos.

---

<sup>8</sup> Disputa estratégica e de conflitos indiretos entre os Estados Unidos e a União Soviética, representantes do capitalismo e do comunismo, respectivamente, que iniciou após o final da Segunda Guerra Mundial. Foi um conflito de ordem política, militar, tecnológica, econômica, social e ideológica entre as duas nações e suas zonas de influência.

A influência das lideranças políticas no condicionamento da população também é abordada por Josué Guimarães através da criação de uma distância intencional entre aquilo que diz e aquilo que realmente pensa. Este instrumento da retórica é uma das marcas literárias incorporadas pelo escritor às suas crônicas jornalísticas, que assim convida o leitor a fazer uma leitura do que é supostamente incorreto para, assim, tirar sua própria conclusão do que seria exatamente o correto.

O Departamento Estadual de Saúde, além dos conselhos de saúde, propriamente, achou bem permitir a impressão de propaganda política no papel de pão, pois é de opinião que a campanha eleitoral como na campanha eleitoral. Ora, como a fome é grande o resultado será o freguês não só comer o pão como o próprio candidato, o que além de causar a morte por envenenamento, livra a gente de certos improvisados salvadores da classe operária, aqueles que, entre uma dose e outra de uísque, dizem compadecidos: “Pobres dos operários!”. (GUIMARÃES, 27 de julho de 1954)

A crítica de Josué Guimarães neste trecho da crônica deixa claro seu descontentamento diante das posturas governistas da época e, principalmente, de alguns que se colocavam como representantes da classe operária, que ao mesmo tempo em que supostamente defendiam esta classe, longe dos holofotes, faziam pouco caso e em nada contribuíam pela causa. O uso das metáforas, como “comer o pão como o próprio candidato”, ligado à “morte por envenenamento”, traz uma contextualização de desprezo diante do papel desempenhado pelos representantes do povo, deixando ao leitor a missão de digerir esses políticos de acordo com seu entendimento, mas evidenciando sua posição contrária à atuação dos mesmos. A frase seguinte, no entanto, faz uma comparação indireta com a citada anteriormente. “O mesmo DES descobriu que há um matadouro clandestino vendendo carne tuberculosa para a população de Sarandi e vai daí inutilizou bois inteiros, jogando a carne no rio” (GUIMARÃES, 27 de julho de 1954). Não bastasse a ligação com a passagem anterior, o escritor também faz a ligação com a inércia da população diante dos fatos políticos. “Os peixes que se danem, pois eles comem a carne e depois a gente come eles, o que no fundo dá no mesmo” (GUIMARÃES, 27 de julho de 1954). Ou seja, independente da postura do político aparentemente não atingir alguém, cedo ou tarde será na população que irão surtir os reflexos de decisões, posturas e ideologias desvirtuadas dos representantes do povo.

O escritor gaúcho, torcedor do Grêmio Foot-Baal Porto Alegrense, novamente muda de assunto bruscamente ao falar sobre a necessidade de vitória de seu time contra o maior rival, o Internacional, depois de uma derrota por 4x0 no dia 25 de julho, em jogo válido pelo campeonato Citadino Porto Alegre - Divisão de Honra, disputado no Estádio Montanhão. Este

jogo representou uma sequência de oito partidas sem vitória do Tricolor. O último revés Colorado ocorrera em 13 de julho de 1952, quando o Grêmio venceu por 2x1 um jogo amistoso disputado na Baixada. “A esperança é que Salvador<sup>9</sup> se desgaste no casamento e passe a jogar tanto quanto seus próprios cracks” (GUIMARÃES, 27 de julho de 1954). Apesar de trazer o futebol em inúmeras de suas crônicas e na maioria das vezes utilizá-lo como base de comparação e aproximação com a sociedade, em algumas oportunidades Josué Guimarães apenas retratava fatos que envolviam o esporte bretão, ou então demonstrava seu lado torcedor, aproveitando a liberdade que o gênero escolhido para escrever seus textos possibilitava. A crônica, como um gênero jornalístico e literário, tem no hibridismo de englobar estas duas faces, oferecendo concisão e efemeridade, mas ao mesmo tempo trazendo uma função estética, os segredos de sua aceitabilidade pelo público. Esta liberdade de viajar de um assunto a outro, provocando até mesmo certa confusão ao leitor, possibilita que os fatos da vida cotidiana de seu escritor apontem vários assuntos, diversos caminhos e inúmeras variáveis, oriundas desde uma conversa na rua e destinadas principalmente para ser o combustível de novas reflexões no leitor, que as levará para seu cotidiano e irá gerar novas conversas de rua entre amigos.

A terceira crônica com enfoque esportivo, político e social selecionada, escrita por Josué Guimarães durante o período Populista, tem como data 23 de fevereiro de 1960. À época, o escritor fundava sua própria agência de propaganda e não há registro exato do jornal em que foi publicado este material. Novamente falando de sua experiência, usa a liberdade da crônica para reafirmar ser torcedor do Grêmio, confessar ser frequentador eventual do Estádio Olímpico e argumentar pouco entender sobre futebol. Se não entendia do que acontecia dentro das quatro linhas, era como um verdadeiro camisa 10 que regia as comparações entre o que acontecia nos campos com o que se passava na sociedade. Desta forma, Josué Guimarães fala sobre a honra a ser defendida pela Seleção Brasileira no Pan-Americano da Costa Rica<sup>10</sup>, para a qual já previa um desempenho pífio na competição. No entanto, a crítica estava alocada em outro campo: o do papel dos cronistas esportivos perante a seleção.

Os cronistas esportivos, os especializados, esses então nem é bom falar. Procurei a opinião de um e ouvi cobras e lagartos sobre a seleção. Procurei outro e só faltou dizer que a turma é melhor do que a representação nacional que foi buscar o título

---

<sup>9</sup> Milton Alves da Silva, o Salvador, nasceu em Porto Alegre. Começou a jogar futebol na equipe do Colégio Pão dos Pobres, na década de 1940. Profissionalizou-se no Força e Luz, onde rapidamente chamou a atenção do Internacional, que o contratou, no início de 1950. Sua estreia no Colorado ocorreu em 14.04.1950. Centromédio habilidoso, de muita técnica, mas também de raça. Alguns que o viram jogar consideram-no mais técnico que o próprio Falcão.

<sup>10</sup> A terceira edição do Campeonato Pan-Americano de Futebol foi disputada em San José, Costa Rica, entre 7 e 20 de março. A Argentina foi a campeã do torneio, restando ao Brasil à segunda colocação.

mundial. De repente me dei conta de uma coisa muito simples e que foi, para mim, nada mais nada menos, do que a revelação de toda a história dos prós e dos contras. Acontece que, por coincidência, os que acham a seleção fraca, não vão a Costa Rica. Os que entendem ser ela suprassumo, já estão fazendo as malas e os casacos da CBD. Nem todos serão assim, é claro, mas por estranha coincidência os que me caíram pela frente não fugiram à regra do vai-não-vai (GUIMARÃES, 23 de fevereiro de 1960).

Os principais atletas brasileiros haviam ficado de fora da convocação, pois a CBD optou por levar à Costa Rica apenas atletas que atuavam no futebol do Rio Grande do Sul, tendo como única exceção um atleta do Santos (SP). Os demais atuavam por Cruzeiro (RS), Aymoré (RS), Grêmio (RS) e Internacional (RS). No posto de treinador estava Oswaldo Azzarini Rolla, o popular “Foguinho”. Diante dos dois títulos conquistados em duas edições anteriores do Pan-Americano de futebol, havia a pressão por continuar mantendo a série de vitórias. No entanto, a decisão de levar atletas do Sul não agradou a todos. Apenas cronistas esportivos com estreitas ligações com a CBD ficaram ao lado da entidade.

Diante disso, nem os próprios colegas de profissão escaparam ao crivo do escritor gaúcho. Apesar de não ser propriamente um cronista esportivo, Josué Guimarães soube encontrar nas entrelinhas do esporte o imenso jogo de interesses que estão acobertados pelo sentimento de paixão pelo futebol e pelos interesses mercadológicos que permeiam o esporte bretão. Sem fugir da polêmica, ataca os profissionais que escrevem sob influência, apenas garantir seu lugar na viagem, devidamente protegidos pelos interesses obscuros da Confederação Brasileira de Desporto, deixando de lado uma das missões principais que cabem a um jornalista opinativo: informar com opinião, mas respeitando a veracidade dos fatos. O escritor via em seus colegas jornalistas um afastamento dos preceitos éticos na profissão que, segundo Costa (2001), deveriam se ater ao que era verdade, independentemente da forma como escrevem ou dos recursos que utilizam, apresentando todos os lados de uma questão sem distorcer os fatos, sem deixar preferências pessoais ou interesses externos prejudicarem o exercício profissional.

Nas três crônicas deste período, Josué Guimarães optou por uma postura mais defensiva em suas construções textuais, pois apesar de criticar alguns aspectos da política e da sociedade, o fez através de análises gerais, optando por gerar reflexões referentes à influência causada pelos políticos e entidades na sociedade e, ao mesmo tempo, criticando a passividade com que as pessoas aceitavam as ordens subliminares. O escritor não seguiu uma linha positivista eufórica quanto a este período, posicionamento da opinião pública e da imprensa, tampouco dedicou-se a atacar as políticas populistas dos representantes do povo. Mesmo

assim, não se omitiu a ser crítico em questões que envolviam seus colegas jornalistas no que se refere a ligações com a cobertura futebolística e os interesses políticos ocultos.

Não foram encontrados registros no ALJOG de crônicas do escritor gaúcho com enfoque esportivo entre 23 de fevereiro de 1960 e 08 de junho de 1970. Apesar de existirem 11 crônicas com citações esportivas entre 1970 e 1978, o retorno do escritor às aproximações entre o futebol e a sociedade ocorreu somente em 03 de junho de 1978, quando Josué Guimarães efetivamente volta a utilizar o esporte bretão como base comparativa para a crítica política e social.

#### 4.3 O REGIME MILITAR E A REABERTURA DEMOCRÁTICA

A Ditadura Militar no Brasil iniciou com o golpe de 31 de março de 1964, sob os olhos de uma sociedade brasileira que três anos antes havia lutado contra situação semelhante e que, desta vez, assistiu a tudo sem maiores reações ou protestos (FERREIRA, 2003, p. 336). Marechal Castelo Branco assumia o poder após a derrubada do governo de João Goulart, sob a justificativa de evitar que o Brasil adotasse um regime comunista. Apesar de tentar várias articulações para evitar o golpe e conseguir apoio para a resistência, Goulart adotou a postura de evitar a qualquer custo uma guerra civil, além da perspectiva de invasão norte-americana, que estaria apoiando os militares, preferiu evitar o conflito. “Naquele momento, ele não tinha mais alternativas. A resistência jogaria o país em uma guerra civil de consequências imprevisíveis, foi a sua avaliação” (FERREIRA, 2003, p. 399). Iniciava assim o Regime Militar, período em que militares conduziram o país sob a prática de vários Atos Institucionais que instruíram a censura, a perseguição política, a supressão de direitos constitucionais, a falta total de democracia e a repressão a quem era contrário ao Regime.

Os anos 1960 foram um marco na história brasileira, pois trouxeram um sentimento de revolução na população, seja na política, na cultura, na vida pública ou privada, e mesmo na intelectualidade. “Então, a utopia que ganhava corações e mentes era a revolução – não a da democracia e a da cidadania, como seria anos depois – tanto que o próprio movimento de 1964 designou a si mesmo de revolução” (RIDENTI, 2003, v.4, p. 135). Esta rebeldia questionava a identidade nacional e política do povo brasileiro, lutava contra o subdesenvolvimento e manifestava o desejo de uma nova perspectiva, totalmente afastada do que se acontecia na era Vargas. Talvez nestes argumentos esteja uma das justificativas da

inação da população diante do golpe militar de 1964, esperando que com o novo regime viesse também um papel mais ativo do Estado diante da situação social nacional.

No entanto, o que se viu diante do primeiro Ato Institucional, conhecido como AI-1, foram 11 artigos que davam aos militares o poder de modificar a constituição, anular mandatos legislativos, interromper direitos políticos por 10 anos e demitir, colocar em disponibilidade ou aposentar compulsoriamente qualquer pessoa que fosse contra a segurança do país, o regime democrático e a probidade da administração pública, além de determinar eleições indiretas para a presidência da República. A liberdade de expressão era praticamente inexistente, com partidos políticos, sindicatos, agremiações estudantis e qualquer outra organização representativas da sociedade sendo sumariamente suprimidas ou sofrendo a intensa interferência do governo militar, assim como meios de comunicação e manifestações artísticas sofreram com a censura.

Não se pode falar propriamente no estabelecimento da censura durante o regime militar porque ela nunca deixou de existir no Brasil. Livros, jornais, teatros, músicas e cinema sempre foram atividades visadas pelos mandantes do momento e, muitas vezes, tratadas como simples rotina policial, pois as prerrogativas de censura e diversões públicas sempre foram dadas aos governos de maneira explícita, legalizadamente (FICO, 2003, v.4, p.189).

Fico (2003) defende que a censura, durante a Ditadura, representava mais uma adequação do que propriamente uma criação, tendo em visto que já existia anteriormente, mas sendo tratada de forma subliminar e discreta. Leva-se em conta ainda que na época a lei de imprensa, editada por Castelo Branco, somente apregoava a censura em casos que incitava a subversão da ordem política e social, mas assegurava a liberdade de manifestação do pensamento e de informação.

O período entre os anos de 1969 e 1973 foi marcado por forte crescimento da economia, recebendo no nome de milagre econômico, alavancado pelo Programa de Ação Econômica do Governo (PAEG) implantado em 1964 durante o governo de Castelo Branco, mas que teve efeitos sensíveis à população no governo Médici. Os tempos eram de euforia do Governo, que desta forma não encontrava um questionamento tão intenso da população. Mas, com o sonho do milagre econômico do período ditatorial enfraquecendo, o anseio pela democracia crescia na população. E durante o governo do general Ernesto Geisel os movimentos para o retorno de um regime democrático ganharam força e o início da transição para a abertura política trazia consigo algumas exigências do atual regime:

O projeto de abertura, assim elaborado, deveria claramente comportar garantias básicas para o regime: evitar o retorno de pessoas, instituições e partidos anteriores a 1964; proceder-se em um tempo longo – seu caráter lento –, de mais ou menos dez anos, o que implicaria a escolha ainda segura do sucessor do próprio Geisel e a incorporação a uma nova constituição – que não deveria de maneira alguma ser fruto de uma constituinte – das chamadas salvaguardas do regime, as medidas necessárias para manter no futuro uma determinada ordem, sem o recurso à quebra da constitucionalidade (SILVA, 2003, v.4, p.263).

Seguir este projeto garantia que a transição permaneceria sob a tutela militar, limitada e lenta, apesar de deixar o poder estar longe de ser uma unanimidade entre alguns radicais do alto escalão. Porém, existia também a pressão externa crescente, com o surgimento do sindicalismo autônomo no ABC paulista (Santo André, São Bernardo e São Caetano), com destaque para Lula, a massa trabalhadora começou a estabelecer contatos e a ter uma vida sindical, ainda que clandestina. Isso deu início a explosão de movimentos grevistas, principalmente por reivindicações sobretudo salariais. Seguindo o processo de abertura proposto por Geisel, em 1974 os militares concedem o direito da propaganda eleitoral gratuita tanto no rádio quanto na televisão. Assim, a oposição começa a ganhar espaço. De forma lenta, gradual e segura, a abertura política iniciava e a oposição conquistava passo a passo mais representatividade, o que foi perceptível já em 1974, quando o MDB alcançou 59% dos votos para o Senado e 48% da Câmara dos Deputados, além de conquistar a prefeitura da maior parte das grandes cidades brasileiras. Esta situação, no entanto, desagradou aos militares radicais, que promoveram ataques clandestinos aos membros da esquerda, que culminou, em 1975, no fato histórico do assassinato do jornalista Vladimir Herzog.

O final dos anos 1970 e a década de 1980 assistiram, por toda a América Latina, a um intenso movimento de redemocratização, com a substituição das ditaduras militares que desde várias décadas dominavam o panorama político continental, não sendo o Brasil um caso único ou modelar de processo de transição democrática (SILVA, 2003, v.4, p.246).

Em 1978, Geisel pôs fim ao AI-5 e restaurou o *habeas-corpus*. A democracia iniciava um processo lento e gradativo de retorno com a vitória do MDB nas eleições em 1978 e a Lei da Anistia, decretada pelo general João Baptista Figueiredo, concedendo o direito de retorno ao Brasil para os políticos, artistas e demais brasileiros exilados e condenados por crimes políticos. A lei que restabeleceu o pluripartidarismo no país foi aprovada em 1979. A ARENA passou a se chamar PDS, o MDB passou a ser PMDB, e outros partidos foram criados, como o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Democrático

Trabalhista (PDT). As eleições de 1982, estaduais e municipais, expressaram nas urnas a insatisfação do povo com os militares e apontaram a queda do regime. Ao mesmo tempo, organizações e sindicatos voltaram a atuar normalmente e, juntos a políticos de oposição, artistas, jogadores de futebol e milhões de brasileiros, participam em 1984 do movimento das Diretas Já, cuja emenda para eleição direta para presidente já naquele ano não foi aprovada pela Câmara dos Deputados.

Colocando um ponto final em uma novo cenário que iniciou em 1974, em 15 de janeiro de 1985 o Colégio Eleitoral escolheu o deputado Tancredo Neves, representante da Aliança Democrática formada pelo PMDB e pela Frente Liberal, como novo presidente da República. No entanto, Tancredo Neves adoeceu e faleceu antes mesmo de assumir, deixando o cargo para o vice-presidente José Sarney. Em 1988 foi aprovada a nova Constituição para o Brasil, a Constituição de 1988, que apagou os rastros da ditadura militar e estabeleceu princípios democráticos no país.

#### 4.3.1 Josué ao Ataque

O tempo da Ditadura Militar foi silencioso até mesmo para os cronistas da época, como Josué Guimarães, que enfrentaram a censura e não puderam expressar sua crítica social com liberdade. Mas nos tempos de reabertura democrática o cenário mudou e, em 03 de junho de 1978, encontramos a primeira crônica jornalística do escritor gaúcho que aborda o futebol e as questões sociais, neste caso trazendo a política como enfoque. Intitulado de “O Futebol na Arena”, o texto publicado no jornal *Zero Hora* inicia com uma comparação direta entre o desempenho da Seleção Brasileira de futebol e a Arena, partido com a finalidade de dar sustentação política ao governo militar. O cenário era muito diferente do anterior, até mesmo no posicionamento do cronista diante do esporte. Se antes a paixão inexplicável pelo esporte bretão era aceitável, agora sofria forte crítica por seu uso político. A crônica selecionada foi produzida durante o período de preparação da Seleção Brasileira para a disputa da Copa do Mundo da Argentina<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> A Copa do Mundo FIFA de 1978, disputada na Argentina, contou com a participação de 16 países. Foi uma copa cercada de polêmicas, muito devido ao clima político na Argentina, que vivia uma brutal ditadura imposta pelos militares, que viram na organização do torneio a oportunidade ideal para popularizar o regime e promover a distração nacional dos problemas políticos e econômicos. Uma autêntica política de "pão e circo". O craque holandês, Johan Crujff, por exemplo, se recusou a jogar a Copa como forma de protesto contra o regime militar.

Ninguém pode negar: A Arena joga tanto ou mais que a própria seleção, em Mar Del Plata. Trata-se de uma questão fundamental para o partido do Governo e para a imagem do regime intramuros. Desde que a CBD iniciou os preparativos, ficou bem claro o propósito do Governo de ligar, mais uma vez, os resultados dos jogos do campeonato mundial ao destino no partido situacionista. Isso, dito assim, poderia parecer gratuito ou meras ilações de um ano eleitoral. O certo é que nunca a seleção sofreu tamanha pressão das áreas governamentais, iniciando pela escolha de um técnico que nunca havia sido um técnico, mas um bom instrumento, na ocasião azada, da repressão revolucionária a que se seguiu a tomada do poder em 64: até a disciplina militar imposta aos jogadores e à doutrinação feita dia a dia para que eles sentissem, afinal, que a missão de cada um é bem maior do que simplesmente disputar um campeonato de futebol (GUIMARÃES, 03 de junho de 1978).

Com o regime ditatorial chegando aos seus últimos anos, a liberdade para criticar através das crônicas já havia retomado seu importante papel. Iniciando um período de produções que se caracterizaram pelo ataque destemido aos militares e às injustiças sociais, Josué Guimarães prontamente percebeu a ligação da imagem da Seleção Brasileira com a manutenção do poder nas mãos da Arena (partido apoiado pelos militares), com a utilização das vitórias brasileiras nos gramados argentinos para fortalecer a imagem de uma nação forte e vencedora, elevando a imagem do partido em ano eleitoral. Se fora das quatro linhas o desejo era de evidenciar o poder nacional, dentro delas a disciplina militar também esteve presente. A escolha de Coutinho para treinador, alguém inexperiente no comando de uma equipe de futebol, mas de total confiança dos militares, elevava ainda mais a imagem de que o militarismo ainda não havia desistido completamente de se manter no poder, mesmo que desta vez com ajuda do voto popular.

O escritor gaúcho, percebendo o forte apelo cívico imposto aos atletas, não hesitou em demonstrar ao público a imensa carga ideológica planejada sob uma cadeia de estratégias que exigiam dos jogadores um “algo mais”. Com o uso de termos como “carisma militar” e “batalhas” em sua crônica, Josué Guimarães demonstrava que o clima exigido em terras argentinas era de guerra, uma guerra dentro das quatro linhas que visava nada mais do que fortalecer a Arena e seus candidatos ao pleito que viria a seguir, diferente do que ocorria com as nações europeias, como a Alemanha, a Polônia e a Áustria, livres dos regimes militares que ainda imperava em alguns países da América do Sul.

É evidente que para eles o importante é ganhar, mas todos saberão perder sem que precisem envolver no drama esportivo o drama nacional. Mas o Governo brasileiro parece não pensar assim e tudo agora comprovou que mesmo no estrangeiro a Seleção Brasileira está encarregada de dar à Arena e ao regime o otimismo necessário para que o oficialismo chegue a novembro com pelo menos um pouco mais de esperança de reconhecimento público. Assim, sabe-se da existência de pelo menos duas grandes campanhas publicitárias baseadas na vitória do Brasil. É evidente que pelo menos uma delas deve ter sido encomendada pelos órgãos do

Governo, que precisam, com urgência, tirar o máximo do proveito do futebol. (GUIMARÃES, 03 de junho de 1978).

Colocando o drama nacional como decorrência da necessidade de vitória no futebol, como se ambos tivessem a mesma carga sobre a população brasileira, o escritor gaúcho antecipa o sentimento dos atletas, que, além de carregarem normalmente o peso de representar os milhões de brasileiros que ficam em casa torcendo, dessa vez também estava condicionados à incomum pressão pela vitória por parte de entes políticos que, naquele momento, lideravam a nação e esperava conquistar o reconhecimento político também através do universo envolvido na maior competição em torno do esporte. Josué Guimarães citou, ainda, campanhas publicitárias acerca do fortalecimento da ligação entre as imagens da Seleção Brasileira e da Arena. A mesma ligação já havia ocorrido na Era Vargas, com a evidência do nacionalismo através do futebol. Anos mais tarde, a fórmula foi aprimorada e reutilizada.

Apenas um dia após a crônica anterior, Josué Guimarães traz o tema futebol a uma tradicional sequência de publicações: as Novíssimas Cartas Chilenas (VIII). O texto de 04 de junho de 1978 inicia situando o leitor a partir da suposta presença do escritor em Buenos Aires, na cobertura da Copa do Mundo, como se estivesse enfrentando o frio argentino. O deboche, no entanto, logo vem à tona:

Só daqui do Rio Grande seguiram para a Argentina cerca de duzentos turistas e dez mil jornalistas credenciados. São rapazes encarregados de dar ampla cobertura ao campeonato mundial, não só dentro das quatro linhas como fora delas. Liga-se o rádio ou a televisão e lá temos mais um boletim da Copa. O rei Coutinho<sup>12</sup> está no trono. Deus o livre de uma derrota. Ou mesmo de um empate. Então aí ele, que é neófito em matéria de Copa, vai ver com quantos paus se faz uma canoa. Termina seguindo diretamente de Mar Del Plata para a Europa, para depois assumir um time da África ou do mundo árabe, como o Zagalo<sup>13</sup> de saudosa memória.

Além do exagero no número de jornalistas, empregado pelo cronista para ironizar a ampla visibilidade exigida pela Arena para o campeonato mundial, Coutinho recebe o título de “rei” pelos plenos poderes recebidos para comandar a Seleção Brasileira à vitória mediante o uso da doutrina militar. Mas, ao mesmo tempo em que tinha o poder, Coutinho tinha com ele a pressão de vencer, sob o custo de ser exilado do mundo futebolístico brasileiro. Tal

<sup>12</sup> Militar e gaúcho de Dom Pedrito, Claudio Coutinho teve a primeira chance de trabalhar no esporte em 1970, como preparador físico da Seleção Brasileira na Copa do Mundo do México. Também dirigiu a seleção do Peru.

<sup>13</sup> Mário Jorge Lobo Zagalo foi um jogador de futebol que disputou a Copa do Mundo em 1958, na Suécia. No entanto, é mais conhecido por seu desempenho como treinador, em 1967 e 1968, entre 1970 e 1974. Foi assistente técnico da Seleção Brasileira entre 1991 e 1994, ano em que assumiu novamente o posto de treinador, permanecendo até a Copa do Mundo de 1998. Em 2003, voltou a ser assistente da Seleção, permanecendo até 2006.

afirmação de Josué Guimarães se pautava pela intensa carga emocional que recaía sob o treinador. Essa, porém, foi a parte amenizada pelo escritor gaúcho que, na continuidade de sua crônica, abre espaço para a verdadeira reflexão sobre o impacto causado na sociedade pela dedicação exacerbada ao campeonato mundial.

Em razão da Copa, tudo foi adiado. Acho que até as mordomias, pois sem Copa e cozinha elas não existem. O problema ligado à saúde das crianças no inverno também vai ser adiado, embora se saiba que existem no Estado, em elevado grau de subnutrição, cem mil crianças em idade escolar. Isto é, dez por cento do total das criancinhas para as quais foram oferecidos os últimos dois gols de Pelé. O novo secretário da saúde recomenda boa alimentação às crianças, única maneira que existe para evitar a mortalidade pelo frio. Como já deves ter desconfiado, vai morrer muita criança ainda neste Estado. Em junho, portanto, tudo suspenso. Não se fala das 108 mil crianças que vivem na capital sem escolas. Não se fala de política, já que o candidato da Arena passou a ser o candidato das Forças Armadas, segundo disse alta autoridade militar. Assim, qualquer outro candidato deverá ser processado pela lei de segurança nacional por tentar dividir as Forças Armadas. Ou as forças eleitorais, que vem dar na mesma, segundo o jargão implantado no berço esplêndido desde abril de 1964 (GUIMARÃES, 04 de junho de 1978).

Josué Guimarães coloca em campo o descaso com as crianças, o desprezo pela saúde pública e a total despreocupação com a educação, tudo reunido em uma violenta crítica ao posicionamento do Governo em focalizar o futebol como forma de tirar o foco e abandonar as demandas sociais. A hipocrisia dos entes políticos é evidenciada na crônica, através de um discurso que faz menção até mesmo ao verdadeiro rei do futebol, Pelé, que dedicou seus últimos gols às criancinhas, as mesmas que em tempos da Copa do Mundo de 1978 ficavam desamparadas, à margem da subnutrição e à falta de escolas. Atingindo em cheio o Governo, o escritor aponta diretamente o candidato da Arena às eleições que vão ocorrer em novembro como o representante das Forças Armadas, alfinetando ainda os resquícios dos tempos mais duros da Ditadura, acusando o Estado de agir contra qualquer outro candidato que venha a se destacar e, assim, ameaçar a soberania do atual poder.

A crônica de Josué Guimarães reforça ainda que até mesmo as questões diplomáticas são totalmente esquecidas e que, a partir do apito inicial do árbitro, a política do pão e circo entra em campo com toda a força. Ao mesmo tempo, a presença do humor também não foi deixada de lado pelo escritor: “Quando o time da Espanha chegou a Buenos Aires um jornal estampou: “arriba nuestra madre”, isto é, “chega a nossa mãe”. Isso não impede os castelhanos do desejo veemente de faturar a própria mãe, se preciso for” (GUIMARÃES, 04 de junho de 1978). Mas a ironia logo retorna, com uma crítica ferrenha ao uso do futebol por parte do Governo para afastar as lembranças do total abandono à população: “Acontecerá nesta Copa o gol de número mil. Mesmo sem Pelé, o seu autor promete oferecer o dito às

criancinhas do Brasil, o que nos tranquiliza a todos” (GUIMARÃES, 04 de junho de 1978). Mas não é só o Governo que recebe críticas, pois elas são devidamente estendidas à figura dos profissionais da imprensa que atuam na cobertura da Copa do Mundo e sua postura pró-governista e movida apenas por resultados.

O segredo de Coutinho é a marcação. É a sua arma secreta, aprendida quando fez o curso antiguerrilha nas selvas amazônicas. E mais: Coutinho fala quatro línguas e está conquistando o coração das mulheres, pois um repórter de grandes bigodes disse que ele é um homem muito bonito. Não, o repórter é de Bagé mesmo. Nas duas línguas em que ele falou na TV – francês e espanhol – me deu a impressão de um cearense falando sueco. Mas foi vivamente aplaudido. Se a nossa seleção perder, na certa os repórteres vão dizer que ele é analfabeto de pai e mãe. (GUIMARÃES, 04 de junho de 1978)

Coutinho, definitivamente, não contava com a simpatia do cronista, que não perdia a chance de colocá-lo como uma qualificada pessoa e um excelente profissional em todas as áreas, com exceção do futebol. Para o escritor, o treinador não passava de um militar com formação para atuar como tal. A ironia utilizada de forma debochada mantém o leitor atento ao que há de subliminar e ao mesmo tempo evidente na crônica, como na passagem em que Josué Guimarães confessa, ironicamente, também se desligar da vida para entrar apenas no mundo futebolístico. “Vou mandar fechar a casa, desligar o telefone, vou anunciar que viajarei para o exterior, pois o mês de julho será só para o futebol” (GUIMARÃES, 04 de junho de 1978).

O deboche total à Arena, às Forças Militares e à importância despreendida ao esporte bretão vêm, no entanto, na parte final da crônica, em que o escritor gaúcho cita as fantasiosas leituras dos atletas da Seleção Brasileira. “Autores como Freud, Huxley, Mac-Luhan, Sartre e Joyce. Obras traduzidas, é claro. O único que está lendo Marx no original é o rei Coutinho” (GUIMARÃES, 04 de junho de 1978). Mas, Josué Guimarães não esqueceria Coutinho tão cedo e, no dia 11 de junho de 1978, na sequência das Novíssimas Cartas Chilenas, publicadas no jornal *Zero Hora*, a Copa do Mundo seguia sendo a base para as críticas políticas e sociais do escritor gaúcho.

A dor trazida pela seca e posteriormente as mortes por causa do frio são chamadas de desgraças, mesmo adjetivo oferecido à Seleção Brasileira de futebol que, ainda, é comparada a um painel em que são depositadas todas as desgraças do mundo. Indiretamente, no entanto, o adjetivo não era endereçado aos atletas, mas sim a quem os convocou e aos líderes políticos da nação a que eles representavam.

Estive pensando muito sobre a nossa seleção, ou melhor, a seleção ordem-unida do capitão Coutinho. Você já imaginou entregar para o Coutinho o ponta-direita Garrincha<sup>14</sup>? Ele entregaria ao Mané, de cara, uma lista de proibições: não pode driblar pela direita, não pode correr para a linha de fundo, não pode centrar na cabeça do Pelé, não pode desmoralizar o adversário com dribles, não pode fazer embaixadas, nem firulas e nem pode jingar que futebol é coisa séria. Futebol não é carnaval, futebol é arena, é regime, é abertura gradual e lenta. Coutinho ensinando Djalma Santos jogar. Gerson. Amarildo. Zagalo. Gilmar (GUIMARÃES, 11 de junho de 1978).

A colocação de termos que remetem ao militarismo, como "ordem-unida", ligados ao futebol, situam-se como uma dura crítica à ordem da Arena ao final do Regime Militar, que com suas estratégias políticas acabam por contaminar toda a sociedade, inclusive o futebol. A ironia e o sarcasmo, utilizados constantemente neste período ofensivo de Josué Guimarães, são figuras de linguagem que retratam ainda mais o desapego do cronista pela ditadura e pelos políticos da Arena, com suas extensas listas de proibições que marcaram o período da ditadura e cercearam a liberdade das pessoas e dos próprios escritores, censurados e impedidos e apresentar ao povo suas ideias. Ao dizer que futebol não é carnaval, Josué afasta totalmente o esporte bretão de sua posição de paixão nacional, com sua capacidade de encantar, divertir e alegrar os torcedores, assim como ocorre com o carnaval para seus apreciadores. Ao aproximar o futebol da Arena, do regime e da abertura gradual e lenta, o escritor reafirma, na aparente preocupação com o fim da liberdade criativa dos atletas, a ausência de liberdade da população e dos entes políticos opositoristas neste período de transição para a democracia.

Outro assunto tratado por Josué Guimarães na mesma crônica se refere à questão da reforma agrária e da questão das terras indígenas. Como se fosse um parêntese dentro do tema futebol, o escritor aborda a questão da retirada de colonos de áreas indígena em Nonoai<sup>15</sup> e suas transferências para o Mato Grosso, sem deixar de alfinetar as garantias dadas pelo governo para esta transição:

Outra coisa: estamos ainda com o Parque de Esteio cheio de colonos que saíram das terras dos índios, em Nonoai, e que agora devem seguir para Mato Grosso onde uma cooperativa lá venderá a eles, a preços de pai para filho, cem hectares de terra boa, mais sementes, ferramentas, comida, casa nova e felicidade. No Rio Grande as terras andam escassas e não vai dar para todos (GUIMARÃES, 11 de junho de 1978).

---

<sup>14</sup> Manuel Francisco dos Santos, o Mané Garrincha, foi um futebolista brasileiro que se notabilizou por seus dribles desconcertantes apesar do fato de ter suas pernas tortas. É considerado por alguns o maior jogador de futebol de todos os tempos e amplamente considerado como o maior driblador da história do futebol. O Anjo de Pernas Tortas foi um dos heróis da conquista da Copa do Mundo de 1958 e, principalmente, da Copa do Mundo de 1962.

<sup>15</sup> Nonoai é um município brasileiro localizado na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, com uma área de 459,15 km<sup>2</sup>.

Os termos “casa nova e felicidade” novamente são uma subliminar - mas forte - crítica à decisão governamental de simplesmente resolver um problema mandando os envolvidos para longe, sem a preocupação com família, amigos ou qualquer outra herança cultural que ficará para trás. O oposicionismo do cronista à Arena é complementado com a frase seguinte do texto: “Ideia boa teve o deputado Jarbas Lima<sup>16</sup> (claro, da Arena) que sugeriu ao governo uma outra solução: deixar os colonos nas terras da reserva indígena e mandar os índios para a cooperativa de Mato Grosso” (GUIMARÃES, 11 de junho de 1978). O uso do termo “claro” coloca todas as ideias equivocadas e sem cabimento na conta do partido apoiado pelos militares, e é potencializada quando Josué Guimarães diz que, após as eleições de novembro, a Arena vai mandar os agricultores gaúchos “plantarem batatas”, sendo obviamente esquecidos e desprezados pelo Governo.

Assim como foi do futebol à reforma agrária, mantendo a crítica política, o cronista retorna ao futebol reforçando ainda mais seu descontentamento com a influência militar no futebol ao citar a frase: “E o nosso selecionado (ou deles?) que ‘adentra o gramado’, no dizer do locutor inteligente ou letrado” (GUIMARÃES, 11 de junho de 1978). Claramente não havia identificação de Josué Guimarães com a forma com que a Seleção Brasileira fora formada, conduzida e manipulada, tanto que ela nem sequer era considerada pelo escritor como representante do povo, ou de uma nação, mas simplesmente “deles”.

Lá pelas tantas a câmara deixa o gramado e foca o banco do Brasil com Coutinho roendo as unhas. Assim de surpresa entendo Banco do Brasil. Mas então o Coutinho já se chama Banco Brasil? Um sofredor que está ao meu lado me esclarece: são se trata do Banco do Brasil, mas do banco do Brasil, isto é, o banco onde sentam os reservas e os cartolas mais chegados. Entendo, mas mesmo assim fico meio desconfiado. E pergunto se afinal não será mesmo o Banco do Brasil que está pagando tudo, inclusive as mordomias da CBD. Mas me recuso a escrever uma só palavra mais sobre futebol (GUIMARÃES, 11 de junho de 1978).

As reflexões do cronista trazem visões muitas vezes imperceptíveis aos olhos do torcedor, que foca sua atenção em torcer e não demonstra preocupação com a maioria dos fatores externos que se fazem presentes num universo tão grande que envolve uma Seleção Brasileira. Porém, a literatura e o jornalismo, unidos na crônica, permitem jogos de palavras que podem servir muito mais do que para informar, mas para causar reflexões de até onde pode chegar a influência externa no esporte bretão e a força política, social e financeira escondida sob ele. Nitidamente contrariado com a ampla atenção destinada ao futebol, Josué

---

<sup>16</sup> Jarbas de Melo e Lima, natural de Lagoa Vermelha, é um advogado, político e professor universitário brasileiro. Foi eleito deputado estadual pela primeira vez em 1974, pela ARENA, sendo reeleito pelo mesmo partido em 1978. Reelegeu-se mais três vezes pelo Partido Democrático Social (PDS). Em 2000, foi presidente do Sport Club Internacional.

se afasta dele em várias oportunidades, mas sabendo que através deste tema suas críticas ganham ainda mais relevância e conquistam um ampliado número de leitores, retorna ao assunto para, mais uma vez, atacar a Arena, o governo, os militares e mesmo as instituições que estão por detrás de benefícios ilícitos concedidos aos situacionistas.

As ironias, sugestões, críticas e denúncias mostradas em atos de linguagem indiretos revelam a capacidade de Josué Guimarães em dizer mais do que diz, prática potencializada com o uso da crônica. O escritor gaúcho destaca-se por sua luta social, veiculando críticas e denúncias, defendendo a sua posição ideológica no texto com inteligência e articulação. Ao selecionar criteriosamente os elementos linguísticos que adentrarão no texto com o intuito de conscientizar o público a aceitar esta mensagem como verdade através da reflexão, o cronista consegue aproximar-se do leitor e convencê-lo a defender o mesmo posicionamento que destacou nas entrelinhas de sua crônica.

A cada produção dotando uma postura ainda mais ofensiva, Josué Guimarães futebolizava a política e politizava o futebol, dando carrinhos nos adversários. O faro crítico do escritor gaúcho atingiu até mesmo Paulo Maluf<sup>17</sup> que, em tempos de eleições indiretas para governador, já era o candidato da ala paulista da Arena para governar São Paulo. Por consequência político-partidária, tinha Josué Guimarães como um ferrenho opositor. Acusando Maluf de corrupto, o escritor gaúcho já previa a eleição do candidato da Arena para o cargo de Governador ao custo de investir muito capital, valores que recuperaria ao longo de seu mandato para, posteriormente, concorrer ao cargo de Senador. “Sempre que alguém é acusado de corrupção não pode ir para o governo, mas sim para o Senado. Não sei porquê, mas está acontecendo” (GUIMARÃES, 11 de junho de 1978). Antes de finalizar a crônica, no entanto, a palavra futebol ainda foi citada duas vezes, apesar de o esporte bretão nunca estar totalmente afastado das entrelinhas da crônica, que envolve muitas riquezas subliminares a serem exploradas pelo leitor.

Falando de forma leve e acessível, Josué Guimarães aprofunda o significado dos atos e consegue retratar os sentimentos do homem em uma crítica social baseada em cenas do cotidiano, recheadas com ritmo emocional, humor, ironia e sensibilidade. Nas entrelinhas, no que há de subliminar neste gênero textual chamado crônica, encontram-se as maiores verdades, críticas e ataques do escritor gaúcho. Com um compromisso moral com a sociedade e com a literatura, fruto de sua trajetória política e literária, o escritor não tinha a intenção de

---

<sup>17</sup> Paulo Salim Maluf, nascido em 3 de setembro de 1931, é um empresário, engenheiro e político brasileiro. A Arena foi seu primeiro partido político, em uma trajetória marcada por acusações de corrupção e outros crimes. Foi eleito Governador de São Paulo em 1979.

provocar no leitor apenas a reflexão rígida ou o riso possibilitado por um texto descompromissado e divertido. O que Josué buscava era o riso irônico, por meio do qual demonstrava a sua indignação com os acontecimentos injustos da sociedade e, em especial neste momento ofensivo de seus textos, do uso do futebol como instrumento alienador da população. O uso do gênero crônica, colocado lado a lado com as notícias, possibilita ao leitor encontrar em um mesmo espaço a rigidez oriunda dos padrões do texto jornalístico e a liberdade criativa do cronista, este podendo apresentar ao público uma visão potencializada do assunto usando, segundo Moisés (1988) uma linguagem direta, espontânea, de imediata apreensão e com um arsenal metafórico que traz características das obras literárias, abusando de ambiguidades e alcançando uma subjetividade impossível no caso da notícia.

Quatro anos se passaram e, ao escrever a crônica jornalística “Bola na rede”, publicada em 16 de fevereiro de 1981, a ARENA (neste momento já transformada em PDS) já havia sido derrotada nas eleições indiretas de 1978 e quem estava no poder era o PMDB (antigo MDB). O cenário era mais livre com o fim do AI5, mas o país não estava economicamente bem, e isto, para Josué Guimarães, exigia medidas imediatas que não se tratavam de resolver os problemas econômicos, algo complexo até mesmo para um literato que ganha a vida usando sua criatividade. O caminho era, na verdade, a política do pão e circo, com o futebol assumindo sua função de manter o povo distante dos líderes políticos, os esquecendo em um momento em que a economia nacional estava em colapso.

O governo que abra o olho: se não dá para manter o pão em dia é preciso manter o circo de barraca armada. Neste ponto os romanos nos deixaram sua imensa sabedoria e não será o PDS do Sr. Sarney<sup>18</sup> que irá inovar coisa nenhuma. Estas duas coisas são inseparáveis e quando uma delas falta na praça, a casa cai. Ora, olhando ao redor, todos vemos que o pão anda a cada dia que passa mais escasso. Pão grande, pão de encher os olhos, só aqueles fabricados de com bromato<sup>19</sup> que os médicos dizem que é veneno mas, que a gente come todos os dias para encher a barriga. Faltando pão, é evidente que o Planalto deve providenciar com urgência para que não nos falte circo. E por incrível que pareça, é isto o que está nos faltando (GUIMARÃES, 16 de fevereiro de 1981).

Se não havia solução imediata para gerar a riqueza necessária à nação para evitar a revolta da população, o caminho sugerido pelo escritor gaúcho era o circo que, neste caso, era

---

<sup>18</sup> José Sarney de Araújo Costanota, nascido em Pinheiro no dia 20 de abril de 1930, é um político e escritor brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras, tendo sido o 31º presidente do Brasil, de 1985 a 1990, governador do estado do Maranhão de 1966 a 1971, e Presidente do Senado Federal de 1995 a 1997, 2003 a 2005, de 2009 a 2011 e de 2011 até 2012. É senador pelo estado do Amapá, com mandato até 2015.

<sup>19</sup> Bromato de potássio é um composto químico de fórmula  $KBrO_3$ , é um sal bromato do metal potássio e apresenta-se como cristais ou pó branco. É tipicamente usado como um melhorador de farinha, reforçando a expansão de massa de panificações e permitindo-a "crescer" mais.

representado pelo futebol, palco utilizado frequentemente para desviar a atenção das pessoas quanto aos problemas sociais que as cercam. Não apenas nesta crônica, mas ao longo de grande parte de sua produção, o cronista gaúcho apresenta o esporte bretão como um elemento secundário que, direta ou indiretamente, está contaminado de interferências políticas e pode ser (e várias vezes foi) utilizado como ferramenta do Estado para manter o povo ocupado demais para criticar o governo. Mas, se em boa parte de sua produção era a crítica pelo futebol como instrumento alienante que se destacava, desta vez o escritor apresentava argumentos seguros de uma real necessidade em desviar a atenção do povo.

Acostumado a criticar a política através do futebol, desta vez vinha a ser o próprio esporte bretão quem recebia as farpas de Josué Guimarães que, é claro, não se abstinha de fazer comparações a entes políticos, quando julgava apropriado. Foi o que aconteceu com o ministro Delfim Neto<sup>20</sup>, que teve sua metodologia de trabalhado e a de seus pares comparada a frieza com que se praticava o futebol no início dos anos 1980.

Vamos por partes. O nosso circo, todos sabem, é o futebol, este esporte que já foi a alegria do povo e que hoje só nos dá tristeza e dores de cabeça. Francamente, os cronistas esportivos que me perdoem, afinal este é o ganha-pão deles, o nosso futebol anda pelas caronas. Os grandes craques desapareceram e, com eles, aquelas famosas explosões da Coreia, os enfartes gloriosos, as taquicardias sufocantes que por si só enchiam os torcedores de glórias íntimas. Joga-se futebol hoje em dia com a frieza dos tecnocratas delfinianos. Às vezes, e por isso mesmo, constroem jogadas bem ensaiadas, matemáticas, certinhas, até a boca do gol. Ali, o craque se desfaz como bolha de sabão. Erra na cara do goleiro, chuta nas nuvens, tropeça e cai, passa a bola para os pés do adversário. Gol, que é bom, este fica sempre para dentro de um pouco mais. É uma calamidade. Sobretudo, um desconforto. Decididamente, já não se fazem mais gols como antigamente (GUIMARÃES, 16 de fevereiro de 1981).

O uso do futebol, neste caso, demonstra uma dupla crítica do escritor. Se dentro das quatro linhas perdeu-se o prazer por fazer o jogo bem feito, fora de campo o cenário político e econômico também era criticado. Para Josué Guimarães, não se sabia mais jogar futebol como antigamente, não se sabia mais ser político como antigamente e não se sabia mais fazer a economia crescer como antigamente. Não que tudo estivesse errado, mas o cronista via apenas arranjos tradicionais, sempre praticados, sem inovação, sem perspectivas diferentes, sem encher os olhos dos que queriam ver gols, grandes líderes e crescimento econômico. Em sua função de trabalhar com o cotidiano, com o circunstancial, atuando como jornalista sem se afastar totalmente de sua trajetória literária, o escritor conseguia recriar a realidade e

---

<sup>20</sup> Antônio Delfim Neto, nascido em 1 de maio de 1928, é economista, professor universitário e político brasileiro. Em 1967 foi convidado por Costa e Silva para ocupar o cargo de Ministro da Fazenda. Durante o Regime Militar, entre 1969 e 1974, foi ministro da fazenda e, no governo do presidente João Figueiredo, foi sucessivamente Ministro da Agricultura em 1979, Ministro do Planejamento entre 1979 e 1985 e embaixador do Brasil na França.

demonstrar seu posicionamento através de uma habilidade criativa que agregava elementos de realidade e ficção, mas situando o leitor quando se trata de uma ou outra.

Josué Guimarães retratava, no início de 1981, um sentimento de uma saudade que estava nominada em Pelé, Vavá, Newton Santos, Rivelino, Garrincha, entre outros. Mas isso, na verdade, representava outra saudade: a de um futebol não contaminado pela política. O escritor queria o futebol arte, queria uma política feita com arte e queria novas ideias na forma de se fazer a economia crescer. Mas, destacava também a necessidade de cada um destes segmentos atuarem de forma separada, com importância diferente. Tamanho era o descrédito perante os craques futebolísticos da época, assim como, e principalmente, perante os “craques” que ocupavam o Governo, que até mesmo a consciência literária do escritor se fazia presente no texto a fim de tentar esclarecer a necessidade de se fazer futebol e política de forma distinta da que se faziam no seu tempo. “Hoje a bola chutada apenas beija e balança, como a brisa do poema”. Eram tempos em que até mesmo a política do pão e circo não funcionava, pois faltava o pão e, ao mesmo tempo, faltava o circo. (GUIMARÃES, 16 de fevereiro de 1981). No centro do alvo, entre as traves, estava o que Josué Guimarães visava: a linha tecnocrática que se justificava pelo aparente conhecimento, mas que conduzia o país à ruína econômica e à inflação – os tais esquemas do executivo federal.

Assim, mando o meu recado para o ministro do Planejamento. Ele que trate de planejar o futebol. Sei que ele não entende bulhufas disso, mas que diabo, ele também não entende de inflação e vejam onde ele anda. Ele que convoque o capitão Coutinho novamente, não para dirigir a seleção que ele provou que ele já provou que não é disso. Mas que convoque o Coutinho para o Kuwait, a fim de limpar a área e entregue a seleção para o João. Não, o João Figueiredo não. Falo no outro, aquele que entende de futebol, o João Saldanha<sup>21</sup>. O João vai reunir a rapaziada e dizer para cada um deles: Toma a camiseta rapaz, calça essas botinas, apanha um pouco de vergonha na cara e te lembra na hora do jogo que o futebol é a alegria do povo. E se o craque perguntar: qual é o esquema tático, seu João, ele deve afastar o moleque de imediato do time e chamar outro, que temos craques de sobra. Nada de esquemas. Cada um que jogue o que sabe (GUIMARÃES, 16 de fevereiro de 1981).

Delfim Neto passou a ser um dos alvos de Josué Guimarães, que via no Ministro do Planejamento um oportunista político que passava de cargo em cargo sem conhecimento suficiente para ocupar nenhum deles. A revolta com o papel de Delfim era tanta que o escritor até mesmo lembrou de sua antiga vítima de críticas, o “rei” Coutinho, como se visse em um e

---

<sup>21</sup> João Alves Jobin Saldanha, apelidado de João Sem-Medo, nasceu em Alegrete no dia 3 de julho de 1917. Foi jornalista e treinador de futebol brasileiro. Levou a Seleção Brasileira à classificação para a Copa do Mundo de 1970. Teria sido retirado do comando da seleção por causa da sua negativa em selecionar jogadores que eram indicados pessoalmente pelo presidente Emílio Garrastazu Médici, durante a Ditadura Militar. A isso, alia-se seu posicionamento político, pois era integrante do partido comunista.

outro a mesma carga de ser apenas um fantoche nas mãos das lideranças políticas da época. A experiência comunista do cronista entrou em campo quando sugeriu, para o comando da Seleção Brasileira, João Saldanha, treinador de futebol que era militante do partido comunista e que tinha entre suas características dar liberdade aos atletas, o que se colocava justamente em oposição ao papel de Coutinho na Seleção e atingia diretamente o Regime Militar e sua característica de regras rígidas, imposição de comportamentos e cerceamento da liberdade. Ao usar os termos “nada de esquemas” para as quatro linhas, Josué Guimarães também representava a mesma necessidade para a influência da política na economia nacional. Era preciso mudar, trabalhar para a nação, para o povo, e não para a minoria política dominante que apenas criava articulações totalmente voltadas para a permanência nas proximidades do no poder.

“E é bem mais fácil fazer essa rapaziada, acertar no gol do que o ministro do Planejamento acertar a política econômica. Basta que a gente descubra um jeitinho brasileiro para convencer os rapazes a jogar futebol, ao invés de fazer firulas inócuas” (GUIMARÃES, 16 de fevereiro de 1981), argumentava o escritor, ao reforçar a importância de que o futebol fosse evidenciado naquele momento para evitar o aumento do descontentamento da população, que vivia tempos de revolta, gerando quebra-quebra diante de qualquer situação que o irritasse. O total descrédito à capacidade de Delfim Neto, assim como uma desilusão diante de quaisquer mudanças antes das eleições presidenciais que se aproximavam, levava Josué Guimarães a só encontrar no circo a solução para acalmar os ânimos da população, mesmo que isso representasse nada mais que desviar o foco para o fracasso político do PMDB no Governo, partido aliado ao seu após a separação do MDB em várias siglas.

As críticas em suas crônicas revelam a intenção de Josué Guimarães em lutar por uma sociedade mais justa, com ataques diretos aos governantes que, em uma visão particular do cronista, desempenham papéis insatisfatórios em suas funções. E, para isso, o futebol e a política estavam dentro das mesmas quatro linhas. Mas o esporte bretão não estava restrito apenas aos problemas políticos e econômicos nacionais. O esporte universal foi ampliado por Josué Guimarães até os conflitos internacionais sobre o domínio de territórios, como na crônica denominada “Um certo capitão Astiz”, publicada em 17 de maio de 1981 no Jornal Zero Hora, que colocava o futebol em meio ao conflito entre Argentina e Inglaterra pelas Ilhas Malvinas. A jogada do cronista inicia já pelo nome da crônica, citando o capitão Alfredo Astiz<sup>22</sup>, comandante da Armada Argentina, conhecido como o anjo louro e o anjo da morte.

---

<sup>22</sup> Alfredo Ignacio Astiz, em 2011, foi condenado à prisão perpétua e inabilitação para a vida pela justiça Argentina.

Durante o processo de reorganização nacional na Argentina, ele se infiltrou em organizações de direitos humanos como um espião. Entre os crimes contra a humanidade que são atribuídos a ele, incluem-se casos internacionais de alto nível, como o sequestro, tortura e desaparecimento de duas freiras francesas, Alice Domon e Leonie Duquet, que gerou a ele condenação à prisão perpétua na França. A incorporação de Astiz à crônica demonstra a seriedade de seu contexto, pelo fato de o capitão se tratar de um militar condecorado, mas com um histórico de atitudes criminosas e, ao mesmo tempo, trazer para o texto a presença do futebol, em que a unanimidade inexistente e a presença de heróis ou vilões, mocinhos e bandidos, é constante.

Na briga da Inglaterra e da Argentina em torno das Malvinas/Falklands formou-se entre nós uma espécie de torcida ao tipo das que nos são familiares em termos de futebol. O sujeito, quase sempre, torce por um time qualquer sem saber mesmo por quê? Eu, por exemplo, no Rio torcia pelo Botafogo. Por quê? Ora, os amigos torciam pelo time e eu fui na onda. Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Armando Nogueira, João Saldanha e muitos outros, depois o Borer assumiu a presidência do clube e houve de nossa parte um esfriamento. Pelo menos ninguém confessava que era do Botafogo. Em Porto Alegre, por exemplo, ainda, torço pelo Grêmio, o time do governo ou quase isso. Um time que foi racista durante muitos anos, um time ainda hoje de elite. Deixei de lado o Internacional que é do povão. Tem sentido? (GUIMARÃES, 17 de maio de 1981).

Ao colocar lado a lado a torcida clubística com a torcida por um país que se encaminha para um conflito armado, Josué Guimarães deixa clara sua opinião em duas vertentes. A primeira é que tanto o futebol como a guerra, em suas determinadas proporções, contam com simpatizantes que estão dispostos a lutar pela causa. A segunda reforça a falta de valores explícitos que indicam a escolha por torcer para um ou outro, seja clube ou país. O próprio escritor é exemplo desta questão, pois tem vasta luta pelas causas populares e não torce para o Internacional, conhecido como o time do povo, mas para o Grêmio, historicamente o time da elite. Sua colocação seguinte é brilhante, pois coloca para o leitor com naturalidade um posicionamento que, para muitos, poderia ser polêmico, mas que da forma como é apresentado representa uma naturalidade ímpar. “Em São Paulo, sou santista. Morei em Santos, fui vizinho do Pelé. Em todos os jogos lá estava eu na Vila Belmiro. Em Minas Gerais, sou cruzeirista. Nas Malvinas, sou Argentino” (GUIMARÃES, 17 de maio de 1981).

O asco de Josué Guimarães diante dos regimes militares não é ocultado em nenhum momento, o que é representado pela preocupação do escritor com a presença de Akfredo Astiz no possível conflito, tendo em vista ser ele um dos mais terríveis torturadores do regime

militar do general Leopoldo Galtieri<sup>23</sup>, na Argentina, acusado de diversas mortes durante a ditadura. A história de Astiz se tornou a essência da crônica e o capitão até mesmo foi ironicamente chamado de herói, algo que comumente é visto no âmbito futebolístico, em que heróis e vilões surgem a cada jogo e podem mudar de posição em apenas um lance. A derrota Argentina, sugerida por Josué Guimarães como o melhor caminho para o fim de capitães torturadores como Astiz, e que poderia representar também o encerramento do período de ditadura militar, aconteceu. O fracasso na Guerra das Malvinas devolveu à democracia a Argentina praticamente ao mesmo tempo que a tensão política diminuía no Brasil, que se preparava para as últimas eleições indiretas da história do país.

Seja escrevendo sobre copas do mundo, guerras, torturadores, militares, capitães, jogos políticos ou interesses obscuros da imprensa, não há como imaginar Josué Guimarães buscando em outro gênero uma forma tão eficaz de conversar com o leitor como a que encontrou com a crônica. Esta linguagem, segundo Bakhtin (2003), tem bases na realidade de que até mesmo em um bate-papo descontraído entre duas ou mais pessoas, há um gênero sendo utilizado, com respeito a algumas formas padronizadas, mas com a flexibilidade e criatividade que a comunicação cotidiana permite. Com o uso da instabilidade em seu discursos, o escritor gaúcho não atingia um ou outro leitor, mas um imenso leque de público conhecedor das temáticas trabalhadas pelo cronista. Experiente em situações comunicativas e habituado ao contato com os diferentes gêneros do discurso, certamente Josué Guimarães sabia exatamente de que forma produzir as crônicas pensando em seus receptores. Esta questão, segundo Bakhtin (2003), exige uma preocupação por parte do escritor para a elaboração do enunciado de acordo com o assunto a ser tratado, levando-se em conta as particularidades deste receptor, como seu letramento, simpatias ou antipatias, pois para o teórico, cada gênero literário, em cada época, é dotado de características que pressupõe a compreensão do seu leitor, ouvinte, público e povo.

Esta aproximação comunicativa com a realidade do leitor é perfeitamente encontrada na crônica jornalística publicada em 14 de abril de 1982, época em que Josué Guimarães era colaborador do Jornal *Zero Hora*. Denominada de “A Copa Sagrada”, trouxe uma reflexão sobre o comportamento do brasileiro com a chegada de uma Copa do Mundo de futebol e os reflexos que isso causava em uma nação. Uma característica marcante da literatura se faz presente, com a criação de um personagem – Possidônio - que irá representar ações indicadas

---

<sup>23</sup> Leopoldo Fortunato Galtieri Castelli foi um general e ditador argentino, presidente da Argentina de 22 de dezembro de 1981 até 18 de junho de 1982. Em seu governo, decidiu-se pela invasão das Ilhas Malvinas, território sob ocupação britânica desde o século XIX. O resultado foi a chamada Guerra das Malvinas, que terminou com a derrota da Argentina. A derrota na guerra precipitou o final da ditadura militar argentina.

como padrões para quase que a totalidade dos que oferecem seu tempo ao entretenimento gerado pelo esporte bretão.

Para o torcedor deve haver um ritual rígido durante a Copa do Mundo. É verdade que o trabalho vai ser seriamente prejudicado, mas resta o consolo de que não será apenas um brasileiro a baixar de produção, mas a maioria dos brasileiros, incluindo-se os do primeiro escalão, em Brasília. A nação - como afirmou outro dia um político - não deve parar. Já um outro, da oposição, disse que do jeito que as coisas vão, a Nação só pode ganhar quando todos deixarem de trabalhar, dentro desse modelo econômico. Hoje em dia, afirmou ele, quanto mais se fizer errado, pior será. Possidônio começou a pensar na melhor maneira de acompanhar os jogos da Copa desde o final empolgante do Mundialito. É por isso que hoje, quando o Brasil estreia na Copa contra a União Soviética, ele se considera o brasileiro mais bem preparado para assistir um jogo de futebol através da cibernética (GUIMARÃES, 14 de abril de 1982).

O período ofensivo do escritor gaúcho pressupõe a todo momento e em qualquer oportunidade o ataque ao cenário político nacional, hora de forma direta, hora de forma subliminar, mas não menos dura. Mesmo ao tratar do ritual que envolve a preparação do torcedor fanático para a Copa do Mundo, a política e a economia não são esquecidas. Ao argumentar, pela voz de um suposto político, que até parado o país iria melhor do que se continuasse no desastrado modelo econômico, Josué Guimarães retoma, mesmo sem citar, a política do pão e circo sugerida pelo próprio escritor para afastar o brasileiro de um foco exclusivo à crise econômica vivida em 1981. Era hora do circo, pois o pão seguia escasso. Apesar de se declarar não conhecedor de futebol, o escritor gaúcho era apreciador do esporte e conhecia como poucos a arte de ironizar o mundo futebolístico e suas influências sociais através de suas crônicas jornalísticas que mesclavam, a todo momento, realidade e ficção.

Este gênero textual contribui para que o leitor tenha um contato mais direto com a verdade e suas variantes, pois a crônica permite retratar a sociedade em que vivemos através da mais objetiva linguagem utilizada no cotidiano, causando reflexão no leitor e revelando pensamentos profundos a partir de fatos, sem desprezar o encanto da literatura. Possidônio representava o próprio Josué Guimarães, brasileiro, que se preparava para esquecer os problemas cotidianos da vida para se focar apenas na competição que começava. Se o escritor apreciava ou não seu próprio gosto por futebol, não há a certeza, pois há um eterno conflito de elevação e desqualificação do esporte bretão, posições que se misturam em várias de suas produções, o que também foi destacado neste trecho da crônica:

Segunda providência do Possidônio: desligar telefone e campainha da porta. Nunca falta o chato de um vizinho que à última hora bate à porta para dizer que a sua

televisão está um lixo. Ou algum outro daqueles famosos que chega na hora da partida começar e vai dizendo logo: “Não vai me dizer que perdes tempo com a droga de uma partida de futebol?” E começa a conversar sobre política ou sobre ecologia, tudo mais importante que vinte e dois imbecis trocando pontapés num retângulo coberto de grama (GUIMARÃES, 14 de abril de 1982).

Não se tem a certeza se Josué Guimarães tem o pensamento de Possidônio ou do vizinho, ou ainda uma mistura dos dois que nem o próprio escritor consegue compreender ou decidir, pois, como grande parte dos brasileiros, cresceu com a influência de que o futebol é do povo, é um esporte do bem e deve ser valorizado e adorado – o que muitos aceitaram como lei, enquanto outros preferiram “desobedecer”. Há, novamente, uma forte evidência do lado literário do escritor aparecendo no texto, com a construção de histórias fantasiosas, comportamentos excêntricos, memórias da personagem e até mesmo reflexões sobre a polêmica presença da mulher em um ambiente em que acontecerá o complexo ritual de assistir a uma partida de futebol. O que está subliminar nesta crônica é o esquecimento da sociedade para tudo mais que a envolve além do futebol. Apesar de breves citações que mencionam a existência da política, da economia e da ecologia, tudo que é importante fica em segundo plano para dar ao futebol o altar mais alto de destaque, independente se trazer tristezas ou alegrias futebolísticas, porque já estará cumprindo sua missão de afastar o cidadão de seu senso crítico da sociedade.

O último lance de ataque encontrado nas crônicas jornalísticas de Josué Guimarães foi em 1982, sem data definida, mas após a eliminação do Brasil da Copa do Mundo. E o escritor reservou um esquema especial para este texto, finalizando sua goleada contra o regime militar e os partidos de direita. O início traz apenas a contextualização da eliminação da Seleção Brasileira pela Itália, com gols de Paulo Rossi<sup>24</sup>, atleta que chegou à Copa desconhecido e deixou para trás ícones como Zico e Maradona.

O choro e o ranger de dentes em face das ilusões perdidas e a desculpa generalizada de quem assiste teria sido melhor. O futebol, que no Brasil é autêntico ópio do povo e não a religião, o que prova que Marx já está desatualizado, seria o responsável pelo crescimento da inflação. O que não é verdade. Com a Copa do Mundo ou sem ela, os preços vão continuar subindo, nossos problemas vão prosseguir indiferentes aos gritos e imprecações (GUIMARÃES, 1982).

---

<sup>24</sup> Paulo Rossi é um ex jogador italiano que atuava como atacante. Foi o principal condutor do tricampeonato mundial da Seleção Italiana de Futebol, na Copa do Mundo de 1982. Isto incluiu o dia em que foi o carrasco da favorita Seleção Brasileira, ao marcar os três gols da vitória italiana sobre o Brasil. O jogo ficou conhecido como "tragédia do Sarrià" (o estádio em Barcelona onde realizou-se a partida).

Na vitória ou na derrota, absolutamente nada muda em uma nação. Com esta conclusão, Josué Guimarães busca mostrar ao leitor que o futebol nada mais é do que o “circo”, ferramenta alienadora que cega a população diante dos problemas sociais, isso quando não é utilizada para fortalecer imagens de entes e partidos políticos. Ao adjetivar o futebol como o ópio do povo, o cronista reafirma que este esporte nada mais é do que um narcótico que provoca euforia, seguida de um sono onírico e cujo uso repetido conduz ao hábito, à dependência química, e a seguir a uma decadência física e intelectual. O futebol, para Josué Guimarães, era o ópio do povo, que enquanto estava sob efeito da droga, entrava em sono profundo e era roubado, enganado e manipulado. Mas o escritor sabia que, para sua atividade de cronista jornalístico, o futebol também era ferramenta de crítica e um campo aberto às metáforas, pois nada mais efetivo e prático do que conversar com o leitor em uma linguagem que este entende, domina e faz parte de seu cotidiano. E o esporte era exatamente isso. O cotidiano, a vida e a existência de seus amantes. Por isso, Telê Santana e Delfim Neto estavam lado a lado, em comparações e reflexões que literalmente deixavam a bola na marca da cal para que o leitor fizesse sua parte e finalizasse para o gol vazio, compreendendo o sistema de dominação a que vinha sendo submetido inconscientemente.

Se o Telê Santana<sup>25</sup> se chamasse Delfim Neto tudo bem. A seleção poderia perder mil vezes que ele continuaria como técnico. Mas não. Ele é Telê Santana, portanto, deve cair fora e dar lugar para um mais competente. Já com o ministro do Planejamento ocorre exatamente o contrário. Ele pode errar todos os meses – o que, aliás, vem acontecendo – que ninguém pensa em substituí-lo. Ele pode orgulhar-se, é o único homem insubstituível do Brasil. O Presidente muda, senadores e deputados entram no rodízio das eleições e das bioncidades, os demais ministros entram e saem. O Delfim, não. Os ministros da Fazenda caem como castelos de carta. O Delfim não (GUIMARÃES, 1982).

Talvez nenhuma outra crônica do escritor gaúcho tenha um contexto tão característico do que ocorre dentro e fora das quatro linhas em comparação com situações externas. Ao comparar o desempenho dos treinadores (que são sempre os culpados pelos fracassos e prontamente demitidos) à situação de Delfim Neto (derrotado em ideias, planos e projetos, para Josué Guimarães um verdadeiro campeão em trapalhadas no cenário econômico brasileiro) o cronista mostra ao povo que há um imenso conflito de interesses e um jogo de poderes que impede o afastamento de Delfim dos governos, no plural, pois entram e saem presidentes, governadores e senadores, e o ministro segue lá, pulando de um ministério para

---

<sup>25</sup> Telê Santana da Silva foi um dos mais importantes treinadores da história do futebol brasileiro. Após perder duas Copas do Mundo no comando da Seleção Brasileira, ficou com a fama de "pé-frio". Mesmo assim, em pesquisa realizada pela revista esportiva Placar, nos idos dos anos 1990, foi eleito por jornalistas, jogadores e ex atletas o maior treinador da história da Seleção Brasileira de Futebol.

outro, prejudicando seu time e toda uma torcida chamada população brasileira, sem jamais receber o cartão vermelho. Mas e a Seleção Brasileira? Para Josué Guimarães, nunca deveria parar de jogar:

O melhor teria sido a seleção continuar. Serviria de aspirina para as nossas permanentes dores de cabeça. Doença é ruim, mas é melhor doente rico o que doente pobre. Inflação comendo fundo e a gente desligado, torcendo para a nossa rapaziada. Agora, sem o consolo dos jogos, temos só a inflação para nosso par permanente nesse baile de cobra. Delfim, a rocha. Telê, a maçã podre. Antes dos três gols do Paulo Rossi, nenhuma crítica mais pesada contra o técnico. Era o homem ideal para a seleção ideal. Agora, leiam os jornais. Leiam os “técnicos” de futebol, leiam a opinião dos ministros de estado, metendo a colher onde não deviam. O governo ia usar a vitória na Copa como arma política? Não adianta. Eles agora vão usar a derrota. A inflação ia aumentar com a Copa. Não adianta, vai continuar aumentando sem ela. Uma simples Copa não serve lá essas coisas. Uma guerrinha das Malvinas, quem sabe. Pelo menos apareceram as promessas de abertura, coisa que já tivemos e na qual todos acreditamos, sem Beagle, sem Falkland. Quando chegar o ano 2000 nossos filhos vão abrir os livros e ler, pasmos: Delfim garante que a inflação será debelada este ano. Todos nós, inclusive os generais de duas, três e quatro estrelas, estaremos enterrados. Restarão as lápides para as lágrimas do povo desiludido (GUIMARÃES, 1982).

Independentemente do resultado do futebol, para Josué Guimarães, a rocha chamada Delfim Neto era indestrutível, enquanto o até então inquestionável Telê Santana caía através das críticas dos falsos especialistas em futebol e, ainda, dos mesmos ministros de Estado que não viam que o maior fracasso estava no cenário político, e não no futebolístico. Se o título poderia ser ferramenta de exaltação do nacionalismo e mascararia a crise política e econômica, a eliminação teria o mesmo peso. A bola entrando ou não, a inflação que assombrava o país continuaria e a já tradicional desilusão do povo apenas seguiria seu caminho para as próximas gerações. Assim, viver com ou sem futebol, a Seleção Brasileira e a Copa do Mundo, para Josué Guimarães, tinha apenas uma resposta: “Era melhor que a Copa tivesse continuado para nós. Estariam extraindo-nos os dentes molares com a televisão ligada”.

#### 4.4 FIM DE JOGO

Os resultados encontrados neste trabalho vêm corroborar com um maior conhecimento do processo de produzir para o gênero textual crônica e investigar seu uso como ambiente dotado de uma ampla função sócio-comunicativa, por interagir no meio social, investigando, informando, denunciando, questionando, persuadindo, causando reflexões e cumprindo alguma função social. A relação dialógica existente entre autor e leitor

neste gênero pressupõe características marcantes, através do amplo uso de recursos da linguagem como a ironia e o discurso relatado, viabilizando uma ampla interação entre os envolvidos no processo comunicativo, além desta relação dialógica se fazer presente também – e principalmente - entre o que a crônica comenta e o que o jornal noticia.

Colocar em campo temáticas como a política e os problemas sociais, articulando ideias para usar o futebol e sua linguagem particular como parâmetro de comparação e reflexão é mexer com o sentimento do povo. A crônica jornalística, utilizada com esta finalidade, torna-se local de reflexões que se aproximam do cotidiano das pessoas, pois são dotadas de uma linguagem que é compreendida com muito mais propriedade do que se os mesmos temas fossem apresentados através de uma linguagem técnica ou, ainda, se simplesmente fossem apresentados em forma de matérias jornalísticas. Ter à disposição uma primeira impressão acerca do assunto, vinda de um escritor experiente, com elevado senso crítico e habilidade ímpar no uso de articulações linguísticas que oferecem ao leitor a ampliação do leque de análises possíveis sobre um mesmo assunto, cabendo a partir de então, para cada um, aprofundar estas análises e reflexões com base em seu cotidiano e suas ideologias acerca dos assuntos apresentados.

Neste âmbito Josué Guimarães, com sua extensa trajetória no campo do jornalismo e nos bastidores da política, ofereceu seu conhecimento através de textos comprometidos com a verdade, sempre causando reflexões sobre temas ligados com casos e situações que considerava de injustiça, abrindo espaço para as lutas sociais, as articulações políticas de partidos da oposição e, é claro, para alertar a população sobre as influências e artimanhas enraizadas na forma de agir dos militares e políticos que integravam as lideranças do Regime Militar. Com uma história vivida em períodos de cerceamento da liberdade de expressão, o escritor transformou-se em um voraz crítico de toda e qualquer situação que pressupunha o cerceamento de liberdade das pessoas, seja através de ordens e atitudes oficiais dos líderes nacionais, ou então com o uso de ferramentas alienadoras que condicionam o povo simplesmente a aceitar como bom o que lhes era oferecido, sem criticar ou questionar, estimulando assim a passividade da população.

Mas, para chegar a uma análise devidamente fundamentada das produções de Josué Guimarães no gênero crônica, passamos por um longo caminho que iniciou no capítulo 1, com a apresentação do futebol, sua história e as diferentes visões sobre seu papel social em uma nação. Se sua real essência é romântica - baseada na paixão e amor da população pelo esporte bretão, ou crítica – como instrumento alienatório com forte influência dos interesses

mercadológicos, ou se sua afirmação se consolida num meio de campo entre uma e outra teoria, não há como afirmar com certeza, pois os valores que regem o futebol atingem cada pessoa de uma forma particular. Em diversos momentos da história, e mesmo nas crônicas do escritor gaúcho, é possível encontrar traços de um ou outro. O primeiro capítulo traz ainda a questão do jornalismo, seu importante papel social e seu compromisso com a retratação da verdade dos fatos. Ao abordar as bases da profissão e seu fazer cotidiano, apresentando o fazer jornalístico com noticiabilidade e objetividade, destaque também para a importância da ética na atuação deste profissional, que tem em seus textos a obrigação de opinar, mas sem jamais se afastar da fidelidade dos acontecimentos. Traçamos também o perfil do jornalista esportivo e as particularidades que envolvem seu fazer cotidiano, trabalhando com o sentimento do leitor apaixonado pelo futebol e sua necessidade diária de novidades sobre seu clube e seus ídolos, sejam elas relevantes ou não, envolvendo o que ocorre dentro e fora das quatro linhas.

No segundo capítulo quem pisa no gramado é a crônica, definitivamente um gênero difícil de marcar. Iniciamos com uma breve história da literatura, sua evolução e a ampliação de sua função social para, enfim, refletirmos sobre o que é ou não literário. Quanto a esta polêmica questão, para Reis, a literalidade está nos padrões adotados em determinado tempo e para determinado público, com base também na intencionalidade do autor em escrever, com propriedades que possibilitarão o texto ser lido como uma produção literária, tomada de figuras de linguagem e duplos sentidos. A sequência traz uma reflexão às formas de enunciado e discurso e sua subdivisão por gêneros, em que Bakhtin evidencia que quanto maior for o domínio do falante e do ouvinte envolvidos no processo de comunicação no que se refere ao gênero utilizado, mais eficiente será este processo. Esta questão engloba também os gêneros literários, que pressupõe o respeito aos cânones de cada um dos gêneros existentes como forma de orientar o leitor para que este alcance o entendimento da obra literária, sempre levando em conta as modificações e características de cada momento histórico em que estas estão inseridas. Ao chegar na terceira parte deste capítulo, apresentamos a evolução histórica da crônica, suas transformações e sua afirmação enquanto gênero literário e jornalístico. Com suas características e peculiaridades, foi possível demonstrar a dificuldade dos próprios teóricos da área em encontrar uma definição precisa para este gênero, que flutua entre tantos outros. Uma das características da crônica é trazer em sua essência a liberdade do escritor para construir argumentos e fazer arranjos que não pressupõe, necessariamente, o respeito aos cânones, diferente do que ocorre em outros gêneros. Ao final, apresentamos a crônica através de seu cunho jornalístico, que se consolidou como um dos gêneros preferidos dos autores

contemporâneos, como Josué Guimarães, para expressarem suas ideias e pensamentos nas páginas dos jornais.

O terceiro capítulo inicia com a apresentação da história de Josué Guimarães, sua formação político ideológica e suas produções jornalísticas e literárias. Assim, torna-se possível identificar as influências e seu posicionamento diante da sociedade, facilitando na compreensão dos argumentos utilizados pelo escritor gaúcho em suas crônicas. Antes das análises dos dois períodos defensivo e ofensivo do cronista, situamos o contexto político e social da nação na época, a fim de demonstrar o que ocorria na sociedade no momento em que Josué Guimarães escrevia seus textos crônico-jornalísticos.

A crônica, gênero que ao longo de sua presença nas páginas dos jornais conquistou o leitor, pressupõe inspiração e conhecimento das técnicas da literatura e do jornalismo por parte do escritor, exatamente o que ocorria com Josué Guimarães, escritor que conseguiu escrever com uso de realidade e a ficção de uma forma tão subliminar que na maioria das vezes passava imperceptível ao leitor, pois a compreensão do real e da fantasia ocorre de forma natural em suas produções. Os dois momentos distintos do cronista permitem identificar inicialmente seus estreitos laços com a ala política de esquerda. Sua trajetória no cenário governamental e a necessidade de se manter como fugitivo em tempos de Ditadura Militar abriram novos horizontes ao escritor, que após o início de tempos de reabertura democrática passou a unir literatura e jornalismo para criticar de forma dura o regime militar e seus partidos aliados. O uso da ironia, marca de suas crônicas, permitiam ao próprio leitor construir reflexões que eram incitadas pelo cronista através de elementos recheados de duplos significados, potencializando o poder das palavras no texto.

Josué Guimarães era um questionador da sociedade de sua época, e usou como um legítimo camisa 10 o futebol como linguagem para a aproximação com as questões políticas e sociais. Os exemplos trazidos em comparação com o esporte bretão traziam contextos dominados pelo povo, com assuntos amplos e recheados de valores críticos que, para seu esclarecimento ao povo, estavam ligados às quatro linhas, criando uma identidade entre escritor e leitor, futebol e sociedade, crítica e reflexão. O escritor produziu textos dotados de uma linguagem oral, direta, subjetiva, leve, descontraída e bem humorada, com fatos do cotidiano apresentados lado a lado à mais amplas questões sociais da época e, com frequência, ligados ao futebol através de ligações articuladas a fim de criarem reflexões sobre posturas e resultados dentro e fora dos gramados.

As características distintas encontradas em épocas separadas por quase 20 anos demonstram a evolução do pensamento crítico de Josué Guimarães, que mudou sua consciência política com sua trajetória ao longo do período do Regime Militar e, ao mesmo tempo, passou a compreender de forma diferente o futebol nestes dois momentos. O romantismo e o amor ao esporte bretão ficaram nos tempos do Populismo, enquanto os tempos de reabertura democrática trouxeram elementos críticos ao esporte que, ao ser utilizado como ferramenta de alienação para o povo, perdeu boa parte de seu encanto aos olhos do escritor gaúcho. Ainda assim, tanto nos anos 1950 como nos anos 1970, o futebol se fazia presente nas reflexões do cronista que, definitivamente, via um horizonte de possibilidades ao comparar figuras fracassadas nos campos verdes dos estádios aos representantes do campo político nacional. Foram vários os alvos de Josué Guimarães, alguns evidenciados com uma antipatia ímpar e com críticas ferrenhas, enquanto outros apenas lembrados eventualmente como exemplos de incapacidade para representar uma nação, seja politicamente, seja futebolisticamente.

O leque de simbologias oferecido pelo universo da bola e a representação da figura do homem e seu sentimento nacionalista através do esporte bretão foram devidamente explorados pelo cronista, que não se absteve de criticar o futebol ou mesmo de indicar seu uso em momentos oportunos. Sua articulação textual trazia a ironia, levava o leitor ao riso e à reflexão em um mesmo assunto, pois viajava livremente pela política, economia, questões sociais e frustrações do povo, com brincadeiras enraizadas em meio à sérios contextos. O apelo crítico era tão presente nas crônicas de Josué Guimarães como a bola é necessária a uma partida de futebol. A bola, o craque, o voto direto, as eleições indiretas, o Regime Militar, a censura, a educação falha, o ditador, os conflitos nacionais e internacionais, a ausência de saúde pública e a vida. Tudo se unia no que pode ser definido como um imenso estádio que, neste caso, recebe o nome de crônica. O esporte bretão estava unido a Josué Guimarães na exaltação de ideologias, na crítica social e na luta pela transformação da sociedade. Mesmo assim, em algum momento da história, houve quem ousou dizer que o futebol não é coisa séria.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. S. Paulo: Perseu Abramo, 2003
- ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Nelson Rodrigues e a emancipação do homem brasileiro: de vira-latas a moleque genial*. In: COSTA, Márcia Regina da (org.). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999.
- BARBEIRO, Heródoto, RANGEL, Patrícia. *Manual do Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- BARROS FILHO, Clóvis – *Ética na Comunicação: da informação ao receptor* – São Paulo – Moderna. 1995
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BORGES, Nilson. A Doutrina da Segurança Nacional e os governos militares. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Org.). *Tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. v.4 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.436p. il. (O Brasil Republicano).
- BUENO, Wilson da Costa. *Chutando pra fora: os equívocos do jornalismo esportivo brasileiro*. In: MARQUES, José Carlos, CARVALHO, Sérgio, CAMARGO, Vera Regina T. (Org.). *Comunicação e Esporte: Tendências*. Santa Maria: Palotti. 2005.
- BUCCI, Eugênio. *Sobre Ética e Imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CAMARGO, Vera Regina Toledo. *O espetáculo midiático*. Comciência. Lajabor / SBPC, 2006. n° 79. Disponível em:  
<[www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=16&id=151](http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=16&id=151)>. Acesso em: 20 dez. 2006.
- CANDIDO, Antonio. *A Crônica : o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*– Campinas, SP: Editora UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CÂNDIDO, Antônio. *A vida ao rés-do-chão*. In: Para Gostar de ler. Vol. V, Crônicas, São Paulo, Ática, 1989.

COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003.

CORNU, Daniel. *Jornalismo e verdade – Para uma ética da Informação*. Lisboa: Epistemologia e Sociedade, 1994.

COSSON, Rildo. *Romance-reportagem: o império contaminado*. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*, São Paulo, Escrituras, 2002.

COSTA, Andréia C. Barros. *Bate-bola com a crônica – O futebol, o jornalismo e a literatura brasileira*. Juiz de Fora: UFJF; Facom. 2001.

COUTINHO, Afrânio. *Ensaio e crônica*. In: *A Literatura no Brasil* (Org. de Afrânio Coutinho). 3a ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1986, p. 117 - 143, v. 6;

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*, 11ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983;

COUTINHO, Afrânio. *Notas de Teoria Literária*. 2ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978;

Disponível em: <<http://estadio97.uol.com.br/coisasFutebol.asp?textoId=102>>, acesso em 29/12/2012.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Org.). *Tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. v.3 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.436p. il. (O Brasil Republicano).

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Org.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. v.4. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. 436p. il. (O Brasil Republicano).

FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Org.). *Tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. v.4 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.436p. il. (O Brasil Republicano).

FRANZINI, Fábio. No campo das idéias: Gilberto Freire e a invenção da brasilidade futebolística. In: Encontro anual da Associação Nacional dos Cursos de Pós-graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), 26., 2002

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. 7a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985

HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997, p.51.

INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. *Josué Guimarães: escrever é um ato de amor*. Porto Alegre: IEL, 2006. (Coleção Autores gaúchos).

- LOVISOLO, Hugo Rodolfo. *Sociologia do esporte: viradas argumentativas*. In: Encontro anual da Associação Nacional dos Cursos de Pós-graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), 26., Caxambu. Grupo de Sociologia do Esporte, 2002.
- MARQUES, José Carlos, CARVALHO, Sérgio, CAMARGO, Vera Regina T. (Org.). *Comunicação e Esporte: Tendências*. Santa Maria: Palotti. 2005.
- MEDEL, M. A. V. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: CASTRO, G. de; GALENO, A. (org.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. 2. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- MELLO, Cristina. *O ensino da literatura e a problemática dos gêneros literários*. Coimbra: Almedina, 1998.
- MELO, José Marques de. *A Opinião No Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis - RJ: Vozes, 1985.
- MELO, José Marques de. *História Social da Imprensa*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2003;
- MILAN, Betty. *O País da Bola*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária: introdução à problemática da literatura*. 2ª.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- \_\_\_\_\_. *A criação Literária – Prosa II*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- MOREIRA, Vânia Maria Lousada. Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Org.). *Tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. v.3 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.436p. il. (O Brasil Republicano).
- MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX: o espírito do tempo – neurose*. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- PRADO, Luis Carlos Delorme. EARP, Fábio Sá. O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Org.). *Tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. v.4 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.436p. il. (O Brasil Republicano).
- RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. 3. ed. Coimbra: Almedina, 2003.
- RETTENMAIER, Miguel. *A cegueira das utopias e os desencantos da memória: uma leitura da esperança nas narrativas de Josué Guimarães e de Ernesto Sabato*. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2011.

RIDENTI, Marcelo. *Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Org.). *Tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. v.4 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.436p. il. (O Brasil Republicano).

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. *Crise da ditadura militar e o processo de abertura política do Brasil, 1974-1985*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Org.). *Tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. v.4 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.436p. il. (O Brasil Republicano).

STALLONI, Yves. *Os gêneros literários*. 2.ed. Rio de Janeiro: Difusão Européia do Livro, 2001.

TRAQUINA, Nelson; DIONÍSIO, Luís Manuel. *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1993.

WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura*. Nova Iorque: Europa-América, 1949.

WITTER, José Sebastião. *Breve história do futebol brasileiro*. São Paulo: FTD, 1996.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

## ANEXO A - CRÔNICAS SELECIONADAS PARA A ANÁLISE

1954

- Um dia depois do outro, publicada em 21 de julho de 1954 no jornal Última Hora, do Rio de Janeiro (ALJOG 03a 0517 1954);
- Um dia depois do outro, publicada em 27 de julho de 1954 no jornal Última Hora, do Rio de Janeiro (ALJOG 03a 0514 1954);

1960

- Crônica de esporte, publicada em 23 de fevereiro de 1960, sem o registro exato do jornal em que ocorreu a publicação. À época, Josué Guimarães era dono da própria agência de publicidade (ALJOG 03a 2648 1960);

1978

- O Futebol da Arena, publicada em 03 de junho de 1978 no jornal Zero Hora, do Rio Grande do Sul (ALJOG 03a 1617 1978);
- Novíssimas Cartas Chilenas (VIII), publicada em 04 de junho de 1978 no jornal Zero Hora, do Rio Grande do Sul (ALJOG 03a 1319 1978);
- Novíssimas Cartas Chilenas (IX), publicada em 11 de junho de 1978 no jornal Zero Hora, do Rio Grande do Sul (ALJOG 03a 1320 1978);

1981

- Bola na rede, publicada em 16 de fevereiro de 1981 no jornal Zero Hora, do Rio Grande do Sul (ALJOG 03a 0344 1981);
- Um certo capitão Astiz, publicada em 17 de maio de 1981 no jornal Zero Hora, do Rio Grande do Sul (ALJOG 03a 0332 1981)

1982

- A Copa Sagrada, publicada em 14 de abril de 1982 no jornal Zero Hora, do Rio Grande do Sul (ALJOG 03a 0302 1982);
- Com a Copa seria melhor, publicada em 1982, sem data definida nos arquivos, no jornal Zero Hora, do Rio Grande do Sul (ALJOG 03a 0309 1982);

**Crônica: Um dia depois do outro****Data: 21 de Julho de 1954**

Dizem que a senhorita Marta Rocha é muito bonita, muito elegante e representa perfeitamente a graça e o encanto da mulher baiana, que no fundo são os predicados da mulher brasileira. Dizem, pois minhas funções e devoções me tem levado cada vez mais para longe da beleza feminina, forma em que o diabo costuma aparecer aos sacerdotes. Mas mesmo a um ignorante da matéria não escapam certos detalhes que nos levam sempre a um julgamento distante dos fatos, daí o cuidado com que sempre observei – com puros sentimentos estéticos – as linhas de cada uma das nossas candidatas nacionais, chegando à conclusão de que homens míopes como Manuel Bandeira escolheram dentre todas elas a mais formosa, a mais bela, a mais brasileira. Em conversas com os meus botões, que são os únicos ouvidos que confio assuntos deste gênero, afirmei várias vezes que o julgamento foi acertado e que a Srta. Patrícia Lacerda merecia era ficar no Rio mesmo, lutando por cartaz e desprestigiando o seu avô. Bem, todo este nariz de cera foi para alertar a nossa gente sobre os perigos de um otimismo exagerado. Primeiro foi aquela bruta decepção no futebol, pois que martelamos meses a fio que éramos os maiores, éramos os tais, que ninguém, honestamente, seria capaz de derrubar uma defesa tão sólida e nem suportar uma linha atacante tão maliciosa, além de brava. Começamos a ganhar aqui por perto e a encher de vento as cabeças. Na Europa uma nova vitória fácil terminou por abrir manchetes em certos jornais que passaram a afirmar que “os brasileiros caminham a passos largos para o campeonato mundial”. Depois veio a Iugoslávia e por fim os húngaros. Aí os “campeões do mundo” voltaram para casa e a primeira coisa que a CBD resolve fazer é punir uma anterior descortesia do técnico Zezé Moreira, além da natural frieza com que os craques foram recebidos. Pois o mesmo tentam fazer agora com a nossa candidata a “Miss Universo”. Já a apontam como cotada para conquistar o título. Amanhã, se ela nada conseguir, será chamada de feiosa, sem cintura e gorda. O melhor – tomem nota do conselho de um homem curvado ao peso de sabedoria – será acreditar na sua pouca chance, pois se voltar “Miss Universo”, os nossos corações se encherão de justa alegria. E os nossos olhos enxergarão nela a encarnação viva da Venus de Milo, com notáveis braços ortopédicos fabricados em São Salvador. E a honra da casa estará salva.

**Crônica: Um dia depois do outro****Data: 27 de julho de 1954**

Há dias em que a gente não está disposto a falar numa coisa só. Fica-se como vizinha de janela a janela. Enquanto as panelas fervem no fogão as pessoas conhecidas vão sofrendo as mais severas críticas, destrói-se a reputação alheia com quatro palavras, atinge-se a honra de certas famílias até a terceira geração. É evidente que meu caso, hoje, não é este. Tenho por lema que todas as pessoas são boas, até prova em contrário. A disposição que sinto é de apenas conversar. Viram a Marta Rocha? Salvou a honra e a beleza nacionais em Long Beach, conquistando um honroso segundo lugar, a despeito da mágoa e da raiva da Srta. Patrícia Lacerda, que continua dando entrevistas aos jornais, na ânsia de ser o Barreto Pinto de saias. E sobre o resultado do concurso de beleza um adepto da teoria econômica de Keines aproveitou para defender mais uma vez a sua “terceira posição”. Afirma ele que os brasileiros perderam o campeonato mundial de football porque o juiz inglês era comunista fichado pelo dr. Kenkin, e deste modo torceu pela vitória dos húngaros. Agora Marta Rocha perde o título de “Miss Universo” porque os juízes são de Wall Street e defensores do capital estrangeiro colonizador. Pois nem tanto ao mar nem tanto à terra. Viva a terceira posição. O Departamento Estadual de Saúde, além dos conselhos de saúde, pròpriamente, achou bem permitir a impressão de propaganda política no papel de pão, pois é de opinião que a campanha eleitoral como na campanha eleitoral. Ora, como a fome é grande o resultado será o freguês não só comer o pão como o próprio candidato, o que além de causar a morte por envenenamento livra a gente de certos improvisados salvadores da classe operária, aqueles que, entre uma dose e outra de uísque, dizem compadecidos: “Pobres dos operários!”. O mesmo descobriu que há um matadouro clandestino vendendo carne tuberculosa para a população de Sarandi e vai daí inutilizou bois inteiros, jogando a carne no rio. Os peixes que se danem, pois eles comem a carne e depois a gente come eles, o que no fundo dá no mesmo. Ou no raso dá no mesmo. O Grêmio ainda não conseguiu ganhar do Internacional, coisa que algum dia terá que acontecer, quer queiram os colorados ou não. Mas por enquanto permanece o impasse. A esperança tricolor é que Salvador se desgaste no casamento e passe a jogar tanto quanto alguns dos seus próprios cracks. Nicette Bruno, seu marido e sua irmã pretendem estrear hoje com uma peça de No El Coward, intitulad “Week End”, que para nós continua sendo um hotel de Tramanã. A companhia de Nicette tem esperanças na presença de um outro secretário qualquer no São Pedro, a fim de fazer, com pouca despesas, uma

propagandazinha da peça. Rubem Braga, ontem, estava aí na página anterior, com uma gripe danada de aturar. Ficou tão abatido que falou em morte, em mãe, em adoradas criaturas que cruzaram por sua acidentada vida. Mas como bom socialista candidato a vereador em Cachoeira do Itapemirim pretende ficar bom em duas paletadas. E era só. (JOSUÉ GUIMARÃES, 1954)

### **Crônica: Crônica de esporte**

**Data: 23 de Fevereiro de 1960**

GRAÇAS a Deus, não entendo patavina de futebol. De vez em quando vou esfregar os fundilhos na minha cadeira lá no Olímpico e fico, quase sempre, envergonhado por não saber o nome dos jogadores “do meu time”. E quando a minha gente tricolor começa a fazer besteira, a errar, a chutar para qualquer lado, chego, se bem que secretamente, a torcer para o adversário. Daí a minha total incapacidade para brigar por futebol. Não morro de amores pelo quadro simplesmente porque ele é o meu. Abro mão da posse quando entendo que eles jogaram mesmo com pernas de pau.

Mas futebol é futebol. Agora, por exemplo, vamos defender a honra do nacional, a bandeira nacional, o hino pátrio tudo o mais nos campos da Costa Rica. É, como dizia um “doente” amigo, uma questão de caráter. Ou se tem ou não se tem. Nada de meios termos, de fala mansa. E daí o meu interesse pela seleção, metade da qual só conheço de nome e de alguns dos quais nunca ouvi falar. Já pesquisei pelo rádio algumas fases de jogos-treinos, assim mesmo em meio do trabalho. E pelos resultados finais fiquei com uma leve desconfiança de que não faremos um papel de primeira ordem lá no estrangeiro.

Os cronistas esportivos, os especializados, esses então nem é bom falar. Procurei a opinião de um e ouvi cobras e lagartos sobre a seleção. Procurei outro e só faltou dizer que a turma é melhor do que a representação nacional que foi buscar o título mundial. De repente me dei conta de uma coisa muito simples e que foi, para mim, nada mais nada menos, do que a revelação de toda a história dos prós e dos contras. Acontece que, por coincidência, os que acham a seleção fraca, não vão a Costa Rica. Os que entendem ser ela supra-sumo, já estão fazendo as malas e os casacos da CBD.

Nem todos serão assim, é claro, mas por estranha coincidência os que me caíram pela frente não fugiram à regra do vai-não-vai.

Pois faço votos de que o time de Foguinho esteja forte. A gente anda tão sem interesse por grandes coisas que qualquer vitória, mesmo na Costa Rica, encherá de prazer e de satisfação nossos corações. Meus votos são, portanto, fé, confiança, raça e bola prá frente. Na volta ficarei conhecendo o nome de todos. E das suas famílias, se for o caso de arrebatá, mais uma vez, o tão cobiçado título.

### **Crônica: O Futebol da Arena**

**Data: 03 de junho de 1978**

Ninguém pode negar: A Arena joga tanto ou mais que a própria seleção, em Mar Del Plata. Trata-se de uma questão fundamental para o partido do Governo e para a imagem do regime intramuros. Desde que a CBD iniciou os preparativos, ficou bem claro o propósito do Governo de ligar, mais uma vez, os resultados dos jogos do campeonato mundial ao destino no partido situacionista. Isso, dito assim, poderia parecer gratuito ou meras ilações de um ano eleitoral. O certo é que nunca a seleção sofreu tamanha pressão das áreas governamentais, iniciando pela escolha de um técnico que nunca havia sido um técnico, mas um bom instrumento, na ocasião azada, da repressão revolucionária a que se seguiu a tomada do poder em 64: até a disciplina militar imposta aos jogadores e à doutrinação feita dia a dia para que eles sentissem, afinal, que a missão de cada um é bem maior do que simplesmente disputar um campeonato de futebol. O fato não é de hoje, mas na verdade a ênfase cívica que foi dada aos jogadores atuais foi bem maior do que até então se vira. Tudo foi planejado dentro de uma estratégia capaz de conscientizar os jogadores de que sobre seus ombros pesa uma responsabilidade bem maior e bem mais importante do que à primeira vista possa parecer. Desde a escolha dos fardamentos a serem usados fora das quatro linhas, a disciplina imposta por uma equipe onde o carisma militar é uma decorrência profissional que todos podem identificar facilmente, até a conscientização de que as batalhas a serem travadas extrapolam as meras quatro linhas dos campos de Mar Del Plata. Pelo que se pode observar - e os comentaristas esportivos reafirmam em todos os momentos - o peso que recai sobre as costas dos nossos atletas bem que pode ser demasiado. Ninguém acredita que a honra da Alemanha, da Polônia, da Áustria, ou seja de que país for, esteja depositada, neste mês de junho de 1978, nos pés de jogadores de futebol. É evidente que para eles o importante é ganhar, mas todos saberão perder sem que precisem envolver no drama esportivo o drama nacional. Mas o Governo brasileiro parece não pensar assim e tudo agora comprovou que mesmo no

estrangeiro a seleção brasileira está encarregada de dar à Arena e ao regime o otimismo necessário para que o oficialismo chegue a novembro com pelo menos um pouco mais de esperança de reconhecimento público. Assim, sabe-se da existência de pelo menos duas grandes campanhas publicitárias baseadas na vitória do Brasil. É evidente que pelo menos uma delas deve ter sido encomendada pelos órgãos do Governo, que precisam, com urgência, tirar o máximo do proveito do futebol.

### **Crônica: Novíssimas Cartas Chilenas (VIII)**

**Data: 04 de Junho de 1978**

Meu Caro Mortágua:

Não repara, mas estas linhas estão mal-traçadas pelo frio que assola as minhas mãos. Depois da seca, a temperatura deu uma compensação não em chuva, mas em frio. Cinco graus. Em breve teremos neve na região da serra. Em Buenos Aires frio também. Em Mar Del Plata idem. E assim chegamos ao futebol que promete sentar à nossa mesa este mês de junho todo.

Só daqui do Rio Grande seguiram para a Argentina cerca de duzentos turistas e dez mil jornalistas credenciados. São rapazes encarregados de dar ampla cobertura ao campeonato mundial, não só dentro das quatro linhas como fora delas. Liga-se o rádio ou a televisão e lá temos mais um boletim da Copa. O rei Coutinho está no trono. Deus o livre de uma derrota. Ou mesmo de um empate. Então aí ele, que é neófito em matéria de Copa, vai ver com quantos paus se faz uma canoa. Termina seguindo diretamente de Mar Del Plata para a Europa, para depois assumir um time da África ou do mundo árabe, como o Zagalo de saudosa memória.

Em razão da Copa, tudo foi adiado. Acho que até as mordomias, pois sem Copa e cozinha elas não existem. O problema ligado à saúde das crianças no inverno também vai ser adiado, embora se saiba que existem no Estado, em elevado grau de subnutrição, cem mil crianças em idade escolar. Isto é, dez por cento do total das criancinhas para as quais foram oferecidos os últimos dois gols de Pelé.

O novo secretário da saúde recomenda boa alimentação às crianças, única maneira que existe para evitar a mortalidade pelo frio. Como já deves ter desconfiado, vai morrer muita criança ainda neste Estado.

Em junho, portanto, tudo suspenso. Não se fala das 108 mil crianças que vivem na capital sem escolas. Não se fala de política, já que o candidato da Arena passou a ser o candidato das Forças Armadas, segundo disse alta autoridade militar. Assim, qualquer outro candidato deverá ser processado pela lei de segurança nacional por tentar dividir as Forças Armadas. Ou as forças eleitorais, que vem dar na mesma, segundo o jargão implantado no berço esplêndido desde abril de 1964.

O Itamarati, levando em conta a Copa do Mundo e a necessidade que têm os diplomatas de assistirem aos jogos da Copa com tranquilidade, adiou até a reunião de chanceleres que trataria dos problemas entre Argentina, Paraguai e Brasil. Pernas para o ar, que ninguém é de ferro. Em junho, foi decretado, só futebol. Como aperitivo, como refeição e como sobremesa e licor, a ordem é: bola pra frente.

Então ligo o rádio e, ao mesmo tempo, a televisão. Meu caro Mortágua, fico sabendo de coisas estarrecedoras. Quando o time da Espanha chegou a Buenos Aires um jornal estampou: “arriba nuestra madre”, isto é, “chega a nossa mãe”. Isso não impede os castelhanos do desejo veemente de faturar a própria mãe, se preciso for. O troféu tem um quilo e oitocentas gramas de ouro e está avaliado em vinte mil dólares. Tacinha vagabunda, se levamos em conta só o preço.

Rivelino está com um calo sob controle e mandou abraços para a família. Acontecerá nesta Copa o gol de número mil. Mesmo sem Pelé, o seu autor promete oferecer o dito às criancinhas do Brasil, o que nos tranquiliza a todos. A seleção inglesa treinou num gramado embarrado. Mesmo assim o jogador Keegan vestia só calção e camiseta. Imagina.

O segredo de Coutinho é a marcação. É a sua arma secreta, aprendida quando fez o curso antiguerilha nas selvas amazônicas. E mais: Coutinho fala quatro línguas e está conquistando o coração das mulheres, pois um repórter de grandes bigodes disse que ele é um homem muito bonito. Não, o repórter é de Bagé mesmo. Nas duas línguas em que ele falou na TV – francês e espanhol – me deu a impressão de um cearense falando sueco. Mas foi vivamente aplaudido. Se a nossa seleção perder, na certa os repórteres vão dizer que ele é analfabeto de pai e mãe.

Sabe, Mortágua, a defesa brasileira não teme o grandalhão Edstrom, da Suécia. Há um esquema tático que o deixará paralítico no meio campo. Mas como te escrevo antes da partida – depois só terei tempo para ver, ouvir, falar, comentar, brigar pelo futebol – morro de curiosidade em saber se todas as chaves funcionarão. Vou mandar fechar a casa, desligar o telefone, vou anunciar que viajarei para o exterior, pois o mês de julho será só para o futebol.

Fico sabendo coisas extraordinárias: o goleiro Carlos é o único que ajuda o roupeiro Ximbica na missão de carregar as malas. O resto passa o tempo todo lendo. Autores como Freud, Huxley, Mac-Luhan, Sartre e Joyce. Obras traduzidas, é claro. O único que está lendo Marx no original é o rei Coutinho. Uma novidade, meu caro Mortágua: o goleiro Dino Zoff, da Itália, completou 36 anos no dia 28 de fevereiro último. É o mais velho dos 325 jogadores desta Copa.

Mas vou parar. Entro em concentração hoje e dela só sairei depois do dia 25. Adeus, Mortágua, até o tetra. Do teu Josué Guimarães.

### **Crônica: Novíssimas Cartas Chilenas (IX)**

**Data: 11 de junho de 1978**

Meu caro Mortágua:

Estou quase entrevado de frio. Abro a janela e vejo que caiu geada até na grama do jardim. Nevou em São Joaquim, o termômetro desceu a cerca de cinco graus na serra italiana do Rio Grande, há gente morrendo debaixo das pontes e crianças falecem de bronco-pneumonia. Primeiro a seca, depois o frio e agora mais uma desgraça que nos atinge a todos, inclusive a você aí: trata-se da nossa seleção, meu caro Mortágua: uma espécie de grande painelão onde a gente costuma jogar todas as desgraças do mundo.

Estive pensando muito sobre a nossa seleção, ou melhor, a seleção ordem-unida do capitão Coutinho. Você já imaginou entregar para o Coutinho o ponta-direita Garrincha? Ele entregaria ao Mané, de cara, uma lista de proibições: não pode driblar pela direita, não pode correr para a linha de fundo, não pode centrar na cabeça do Pelé, não pode desmoralizar o adversário com dribles, não pode fazer embaixadas, nem firulas e nem pode jingar que futebol é coisa séria. Futebol não é carnaval, futebol é arena, é regime, é abertura gradual e lenta. Coutinho ensinando Djalma Santos jogar. Gerson. Amarildo. Zagalo. Gilmar.

Ando com a cara no chão, meu caro Mortágua. Não levo muita esperança para 82 na Espanha. Imagine a gente jogando com a Tunísia, já pensou? Mas agora estou em tratamento de desintoxicação e acho que dentro de três meses, ou quatro, estarei curado da Copa do Mundo. Se não morrer de vergonha, que é coisa que mata também.

Outra coisa: estamos ainda com o Parque de Esteio cheinho de colonos que saíram das terras dos índios, em Nonoai, e que agora devem seguir para Mato Grosso onde uma cooperativa lá venderá a eles, a preços de pai para filho, cem hectares de terra boa, mais

sementes, ferramentas, comida, casa nova e felicidade. No Rio Grande as terras andam escassas e não vai dar para todos.

Idéia boa teve o deputado Jarbas Lima (claro, da Arena) que sugeriu ao governo uma outra solução: deixar os colonos nas terras da reserva indígena e mandar os índios para a cooperativa de Mato Grosso. O parlamentar entende que Mato Grosso está bem mais de acordo com o tipo de vida que leva o índio brasileiro. A gente faz cada coisa, meu caro Mortágua. Passamos duas ou três gerações importando alemão, italiano, polonês, japonês, o diabo, e agora mandamos nossa gente para o raio que a parta que o Rio Grande está pequeno demais para todos os seus filhos. E olha, eu até sou de opinião que eles devem aceitar o oferecimento e partirem agora mesmo antes que seja tarde. Depois das eleições de novembro a Arena vai mandar os agricultores gaúchos plantarem batatas. Largam toda aquela gente na estrada e mandam passear. A sorte que nós tivemos, hem Mortágua, de não abraçar a profissão da terra...

Suspendo esta carta por dois minutos, preciso atender o telefone. Regresso irritado. Mais futebol. E o nosso selecionado (ou deles?) que “adentra o gramado”, no dizer do locutor inteligente e letrado. Lá pelas tantas a câmara deixa o gramado e foca o banco do Brasil com Coutinho roendo as unhas. Assim de surpresa entendo Banco do Brasil. Mas então o Coutinho já se chama Banco Brasil? Um sofredor que está ao meu lado me esclarece: são se trata do Banco do Brasil, mas do banco do Brasil, isto é, o banco onde sentam os reservas e os cartolas mais chegados. Entendo, mas mesmo assim fico meio desconfiado. E pergunto se afinal não será mesmo o Banco do Brasil que está pagando tudo, inclusive as mordomias da CBD. Mas me recuso a escrever uma só palavra mais sobre futebol. Chega.

Ia até esquecendo: se encontrares o Paulo Maluf diz a ele que mando aquele abraço. Se eu fosse da Arena paulista teria ido à Assembléia naquela noite memorável só para votar nele. Pois não dizem por aí que a alegria do palhaço é ver o circo pegar fogo? Pois Maluf tivesse me mandado passagem, dinheiro para o hotel e mais dinheiro para táxi, gorjetas, refeições avulsas – eu juro que teria ido e posto o meu voto para ele. E se ele tiver todos os seus bens confiscados, melhor. Durante quatro anos de governo poderá muito bem refazer as suas economias ganhas com tanto sacrifício e amor pela coisa pública. E se isso acontecer ele poderá ainda concorrer para o Senado, como fez o Pedrossian lá no Mato Grosso. Sempre que alguém é acusado de corrupção não pode ir para o governo, mas sim para o Senado. Não sei porquê, mas está acontecendo.

Aqui em Porto Alegre estamos muito contentes: não acabou o mau cheiro da Borregaard mas mudou mais uma vez a sua diretoria. O coronel Peracchi, do Banco do Brasil, assumiu sua vice-presidência, o que na verdade não chega a nos garantir que o mau cheiro venha a acabar. Se duvidares, pode até aumentar. Mas não seja por isso. Preciso voltar mais uma vez para a televisão... Que futebol nem meio futebol...! Desta vez vou assistir o Astro e saber quem, afinal, matou o turco Salomon.

Um abraço do teu saudoso Josué Guimarães.

### **Crônica: Bola na rede**

**Data: 16 de fevereiro de 1981**

O governo que abra o olho: se não dá para manter o pão em dia é preciso manter o circo de barraca armada. Neste ponto os romanos nos deixaram sua imensa sabedoria e não será o PDS do Sr. Sarnei que irá inovar coisa nenhuma. Estas duas coisas são inseparáveis e quando uma delas falta na praça, a casa cai. Ora, olhando ao redor, todos vemos que o pão anda a cada dia que passa mais escasso. Pão grande, pão de encher os olhos, só aqueles fabricados com bromato que os médicos dizem que é veneno mas, que a gente come todos os dias para encher a barriga. Faltando pão, é evidente que o Planalto deve providenciar com urgência para que não nos falte circo. E por incrível que pareça, é isto o que está nos faltando.

Vamos por partes. O nosso circo, todos sabem, é o futebol, este esporte que já foi a alegria do povo e que hoje só nos dá tristeza e dores de cabeça. Francamente, os cronistas esportivos que me perdoem, afinal este é o ganha-pão deles, o nosso futebol anda pelas caronas. Os grandes craques desapareceram e, com eles, aquelas famosas explosões da Coréia, os enfartes gloriosos, as taquicardias sufocantes que por si só enchiam os torcedores de glórias íntimas. Joga-se futebol hoje em dia com a frieza dos tecnocratas delfinianos. Às vezes, e por isso mesmo, constroem jogadas bem ensaiadas, matemáticas, certinhas, até a boca do gol. Ali, o craque se desfaz como bolha de sabão. Erra na cara do goleiro, chuta nas nuvens, tropeça e cai, passa a bola para os pés do adversário. Gol, que é bom, este fica sempre para dentro de um pouco mais. É uma calamidade. Sobretudo, um desconforto. Decididamente, já não se fazem mais gols como antigamente.

Já não falo de Pelé que, a seu tempo, quando ainda não falava inglês e não dormia com atrizes famosas pelo cinema americano, fazia gols de placa. Driblava, dava lençol, passava para ele mesmo e fazia o gol, balançando a rede adversária. Onde anda o Amarildo? O Newton Santos? O Vavá? O Djalma Santos? O Rivelino? O Zagalo? O Garrincha? Meu Deus, tanta gente boa de bola que afinal deixou como herança para os nossos atuais pernas-de-pau apenas a saudade e uma inveja danada dos tempos em que se jogava futebol. E não é só em casa que o fenômeno acontece. Veja-se as seleções da Polônia, da Holanda, da Alemanha, da Argentina e a modestíssima e provinciana seleção campeã do mundialito, a do Uruguai, que afinal venceu sem pernas, sem técnico, só na garra.

Telê anda por aí com a seleção dele. E não se diga que não levou o melhor. Levou, sim senhores. Só que os melhores não valem nada. O doutor Sócrates só sabe dar aquela de calcanhar, tem há um companheiro na área ou tenha só adversário. E nada mais. Nem chutar a gol ele sabe. O Zico não sabe mais chutar a bola parada. Aliás, nenhum deles sabe mais. Todos desaprenderam a folha-seca, imitação do Didi. Rivelino, pelo menos, quando não fazia gol, deixava um hematoma deste tamanho num jogador da barreira. Hoje a bola chutada apenas beija e balança, como a brisa do poema. Um fracasso o nosso circo, justo na hora em que o pão anda escasso e pouca gente consegue comer com certa decência.

Assim, mando o meu recado para o ministro do Planejamento. Ele que trate de planejar o futebol. Sei que ele não entende bulhufas disso, mas que diabo, ele também não entende de inflação e vejam onde ele anda. Ele que convoque o capitão Coutinho novamente, não para dirigir a seleção que ele já provou que não é disso. Mas que convoque o Coutinho para o Kuwait, a fim de limpar a área e entregue a seleção para o João. Não, o João Figueiredo não. Falo no outro, aquele que entende de futebol, o João Saldanha. O João vai reunir a rapaziada e dizer para cada um deles: Toma a camiseta rapaz, calça essas botinas, apanha um pouco de vergonha na cara e te lembra na hora do jogo que o futebol é a alegria do povo. E se o craque perguntar: qual é o esquema tático, seu João, ele deve afastar o moleque de imediato do time e chamar outro, que temos craques de sobra. Nada de esquemas. Cada um que jogue o que sabe. De repente o técnico descobre em Pirassununga-de-Baixo um crioulo bom de bola, convoca e quando o negrão chega diz pra ele: Sabe de uma coisa? Esquece tudo o que você fazia lá na sua terra e trata de aprender os meus esquemas. Pronto, vira um Toninho Cerezo.

Deixar faltar pão e circo ao mesmo tempo é uma rematada loucura que nem a Polônia, que é um país rico, pode se dar ao luxo nos dias atuais. O povão anda irritado e basta que um trem de subúrbio atrase uma hora para o quebra-quebra começar pra valer. E botam fogo nas

composições, nas estações, nos automóveis e se aparecem as autoridades eles dependuram as autoridades.

E preciso muito cuidado. A falta de pão até que não me preocupa muito, mas a falta de circo, no caso brasileiro a falta do futebol, isso me deixa todo arrepiado. Me assusta mais que a própria violência urbana. É estopim de balançar o coreto. E é bem mais fácil fazer essa rapaziada, acertar no gol do que o ministro do Planejamento acertar a política econômica. Basta que a gente descubra um jeitinho brasileiro para convencer os rapazes a jogar futebol, ao invés de fazer firulas inócuas. Quem sabe aquela frase, segredada ao ouvido de cada um, como fizeram com os leões do circo romano: depois do banquete a gente vai ter discurso...

Agora podia ser: se vocês não tomarem vergonha, o Coutinho volta.

### **Crônica: Um certo capitão Astiz**

**Data: 17 de maio de 1981**

Na briga da Inglaterra e da Argentina em torno das Malvinas/Falklands formou-se entre nós uma espécie de torcida ao tipo das que nos são familiares em termos de futebol. O sujeito, quase sempre, torce por um time qualquer sem saber mesmo por quê? Eu, por exemplo, no Rio torcia pelo Botafogo. Por quê? Ora, os amigos torciam pelo time e eu fui na onda. Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Armando Nogueira, João Saldanha e muitos outros, depois o Borer assumiu a presidência do clube e houve de nossa parte um esfriamento. Pelo menos ninguém confessava que era do Botafogo. Em Porto Alegre, por exemplo, ainda, torço pelo Grêmio, o time do governo ou quase isso. Um time que foi racista durante muitos anos, um time ainda hoje de elite. Deixei de lado o Internacional que é do povão. Tem sentido?

Em São Paulo, sou santista. Morei em Santos, fui vizinho do Pelé. Em todos os jogos lá estava eu na Vila Belmiro. Em Minas Gerais, sou cruzeirista. Nas Malvinas, sou Argentino. Mas eis que as minhas convicções começaram a ficar abaladas. Ora por isto, ora por aquilo. Agora, para entornar o caldo, os ingleses pegam nas Geórgias um tal de capitão Alfredo Astiz, dos mais famosos. Frios e impiedosos torturadores do regime do general Leopoldo Galtieri, antecessores e, quem sabe, sucessores parece que vão devolvê-lo através de Montevidéu. Cruzes.

Um torturador argentino entregue às autoridades uruguaias é sopa no mel. Será recebido com honras militares, como herói do Atlântico Sul e, quem sabe, receberá uma

condecoração. O general Goyo Alvarez, vocês podem duvidar, é um Galtieri subdesenvolvido. Na escala humana, dentro da teoria das espécies, de Darwin, pode-se chegar às amebas. Pois o capitão Astiz é aquele mesmo herói que, antes de “morir por la pátria”, nas Geórgias, divertia-se arrecadando unhas de prisioneiros, sequestrando freiras e aplicando “picana elétrica” em quem estivesse algemado ou dependurado pelos cabelos. Muitas das mães da plaza de Mayo saberiam onde os corpos de seus filhos foram jogados se o heroico capitão Astiz falasse.

Mas como os colonialistas ingleses não estão dispostos a dar colher de chá para os seus inimigos de hoje, é provável que protejam bem o capitão a fim de que retorne à pátria e continue colaborando com a Junta Militar argentina. Para a sra. Margaret Thatcher, quanto à Argentina, o pior será sempre o melhor. Por isso mesmo a posição de quem está ao lado da Argentina torna-se difícil. Às vezes insustentável. O capitão Astiz está sendo requisitado pela França e pelo governo sueco, já que as jovens sequestradas por ele – duas freiras francesas e uma mocinha sueca – desapareceram misteriosamente depois de passarem pelas mãos hábeis do atual prisioneiro inglês das Geórgias, o lombrosiano capitão Astiz.

As irmãs Leonie Duquet e Alice Domond desapareceram e jamais o governo argentino esboçou um gesto no sentido de localizá-las, punindo o torturador. O mesmo aconteceu com a sueca Dagmar Hagelin, de 17 anos, vítima do mesmo herói. Imagine-se as Malvinas cheias desses capitães e tenentes, sargentos e coronéis, prontos para pegar os seus novos prisioneiros, se houver. Na certa nenhum deles chegará a Montevidéu e depois da guerra teremos num descampado qualquer de Porto Stanley um magote de mothers britânicas em busca dos filhos desaparecidos. Os capitães Astiz da pátria irmã têm longa prática nesse tipo de trabalho.

É por isso que a opinião pública mundial fica em dúvida nesse caso das ilhas do Atlântico Sul. Uma clara indisposição com o velho colonialismo inglês, já totalmente fora de moda, e com vergonha de colocar-se lado a lado com o duro e cruel regime do general Galtieri. Uma derrota argentina, quem sabe, não seria melhor para todos? A Junta Militar e os seus capitães Astiz iriam para o brejo, as Malvinas se tornariam Falklands e depois, com calma e paciência, a democracia argentina trataria de tomar as ilhas na base do argumento.

Pois é, a gente já não sabe de que lado deve mesmo ficar.

**Crônica: A Copa Sagrada**

**Data: 14 de abril de 1982**

Para o teletorcedor deve haver um ritual rígido durante a Copa do Mundo. É verdade que o trabalho vai ser seriamente prejudicado, mas resta o consolo de que não será apenas um brasileiro a baixar de produção, mas a maioria dos brasileiros, incluindo-se os do primeiro escalão, em Brasília. A nação - como afirmou outro dia um político - não deve parar. Já um outro, da oposição, disse que do jeito que as coisas vão, a Nação só pode ganhar quando todos deixarem de trabalhar, dentro desse modelo econômico. Hoje em dia, afirmou ele, quanto mais se fizer errado, pior será. Possidônio começou a pensar na melhor maneira de acompanhar os jogos da Copa desde o final empolgante do Mundialito. É por isso que hoje, quando o Brasil estréia na Copa contra a União Soviética, ele se considera o brasileiro mais bem-preparado para assistir um jogo de futebol através da cibernética.

A primeira coisa que fez: revisão completa em seu aparelho de TV, Som e imagem. Cores bem dosadas. Contraste adequado. De início chegou a pensar na compra de um aparelho novo em folha. Mas como o preço anda pela casa dos duzentos mil, preferiu gastar vinte numa boa e caprichada revisão por técnico competente. Segunda providência do Possidônio: desligar telefone e campainha da porta. Nunca falta o chato de um vizinho que à última hora bate à porta para dizer que a sua televisão está um lixo. Ou algum outro daqueles famosos que chega na hora da partida começar e vai dizendo logo: “Não vai me dizer que perdes tempo com a droga de uma partida de futebol?” E começa a conversar sobre política ou sobre ecologia, tudo mais importante que vinte e dois imbecis trocando pontapés num retângulo coberto de grama.

Uma outra medida indispensável para quem deseja acompanhar o futebol como quem acompanha a visita do Papa: absoluta concentração espiritual. Não se pode acompanhar um jogo decisivo com o pensamento de borboletear por aí, ora nas divididas, ora em mulheres. Concentração mental, ele costuma dizer, como de um crente que acompanha uma sessão espírita. Outra coisa importante: perfeito sentimento de rum e coca-cola, limão, gelo, amendoim, salgadinhos, queijo, azeitonas e outras mordomias. Durante um jogo duro o torcedor fanático e consciente chega a consumir, segundo estatísticas da Unesco, um litro de rum, dois de coca meio quilo de amendoim, meio de queijo e duas latas de azeitonas gregas.

Nas regiões tropicais - do Rio para cima - o estoque pode ser para alguns, de cerveja gelada. Do Paraná para baixo o recomendável é ter sempre à mão bebidas destiladas, que o frio começou a chegar. O ideal seria assistir às partidas sozinho. Ou com amigos de fanatismo idêntico. Mulheres nunca, a não ser as que não ligam para palavrões. Em motel, nunca. Por mais que a casa ofereça mordomias fantásticas, como assistir o jogo dentro de uma piscina

térmica, ou sobre um colchão d'água, a companheira jamais estará interessada de todo na partida. Volta e meia ela quer dedicar-se a outro esporte. Na última Copa, a de 78, Possidônio arriscou um motel nas semifinais e deixou de ver os dois gols mais sensacionais de toda a história. A lição foi útil.

Para quem dispõe de mais recursos o Possidônio recomenda o cuidado de ter sempre na sala outro aparelho desligado, para o caso de um curto. Se isso acontece durante o jogo é um desastre terrível, uma catástrofe. Obrigaria o sujeito a bater urgente na porta de outro amigo e sabe lá o que aconteceria de violência. Um aparelho de reserva seria de todo recomendável. Outra coisa que não deve ser esquecida: a loteria esportiva. Nada de consultar o volante-cópia. O indicado é mandar pintar num quadro grande todo o jogo feito, visível ao primeiro olhar. O torcedor pode perder um tempo precioso em tentar localizar o jogo em andamento no volante que tem na carteira.

Possidônio mandou uma circular aos amigos, anunciando que seguiria para a Espanha na semana passada. Foi a maneira mais inteligente que ele encontrou para evitar que outro Possidônio, chato também, batesse à sua porta para assistir, junto, à Copa de 82. Nem falar.

### **Crônica: Com a Copa seria melhor**

**Data: 1982**

Depois que um simpático menino italiano de nome Paolo Rossi botou no chinelo dois famosos astros do futebol mundial – Zico e Maradona – mandando a seleção brasileira para casa, mais cedo que esperava, este país ficou numa dúvida atroz. O choro e o ranger de dentes em face das ilusões perdidas e a desculpa generalizada de quem assiste teria sido melhor. O futebol, que no Brasil é autêntico ópio do povo e não a religião, o que prova que Marx já está desatualizado, seria o responsável pelo crescimento da inflação. O que não é verdade. Com a Copa do Mundo ou sem ela, os preços vão continuar subindo, nossos problemas vão prosseguir indiferentes aos gritos e imprecações.

Se o Telê Santana se chamasse Delfim Neto tudo bem. A seleção poderia perder mil vezes que ele continuaria como técnico. Mas não. Ele é Telê Santana, portanto, deve cair fora e dar lugar para um mais competente. Já com o ministro do Planejamento ocorre exatamente o contrário. Ele pode errar todos os meses – o que, aliás, vem acontecendo – que ninguém pensa em substituí-lo. Ele pode orgulhar-se, é o único homem insubstituível do Brasil. O Presidente

muda, senadores e deputados entram no rodízio das eleições e das bionicidades, os demais ministros entram e saem. O Delfim, não. Os ministros da Fazenda caem como castelos de carta. O Delfim não.

Delfim, um homem afinal que pode resistir a inflação acima de duzentos por cento ao ano. Na Argentina os tecnocratas não estão convivendo com esse tipo de inflação há muito tempo? A junta militar não tem sobrevivido apesar da pauleira econômica que está acabando com a classe média daquele país? E bastou o Menotti perder para a Itália para quem nem chegasse a regressar à pátria, desempregado, amaldiçoado. Martinez de Oz durou muito. O atual vai durar. O Delfim, idem. Telê e Menotti foram jogados no lixo, na hora. Em nome da dignidade nacional. Em nome da esperança frustrada de milhões de brasileiros.

Mas onde tudo é falso, a solidez é de rocha. Tem a força do “Protocolo dos Sábios de Sião”, um livro comprovadamente apócrifo, lançado pela tcheka, lá pelo início do século. Era uma farsa contra os judeus e por isso mesmo o nosso integralismo agarrou-se a ele com unhas e dentes. As medidas contra a inflação se parecem com o “Protocolo”. Em outras palavras, é pura ficção para impressionar incautos. Assim, essa coisa de que o governo teria aproveitado a Copa para subir os preços e aumentar impostos é pura balela. Antes da Copa tudo subia e sempre o ministro do Planejamento vem e diz que no próximo mês a inflação cede.

O melhor teria sido a seleção continuar. Serviria de aspirina para as nossas permanentes dores de cabeça. Doença é ruim, mas é melhor doente rico que doente pobre. Inflação comendo fundo e a gente desligado, torcendo para a nossa rapaziada. Agora, sem o consolo dos jogos, temos só a inflação para nosso par permanente nesse baile de cobra. Delfim, a rocha. Telê, a maçã podre. Antes dos três gols do Paulo Rossi, nenhuma crítica mais pesada contra o técnico. Era o homem ideal para a seleção ideal. Agora, leiam os jornais. Leiam os “técnicos” de futebol, leiam a opinião dos ministros de estado, metendo a colher onde não deviam.

O governo ia usar a vitória na Copa como arma política? Não adianta. Eles agora vão usar a derrota. A inflação ia aumentar com a Copa. Não adianta, vai continuar aumentando sem ela. Uma simples Copa não serve lá essas coisas. Uma guerrinha das Malvinas, quem sabe. Pelo menos apareceram as promessas de abertura, coisa que já tivemos e na qual todos acreditamos, sem Beagle, sem Falkland. Quando chegar o ano 2000 nossos filhos vão abrir os livros e ler, pasmos: Delfim garante que a inflação será debelada este ano. Todos nós, inclusive os generais de duas, três e quatro estrelas, estaremos enterrados. Restarão as lápides para as lágrimas do povo desiludido.

Era melhor que a Copa tivesse continuado para nós. Estariam extraindo-nos os dentes molares com a televisão ligada.